



João Vítor Martins Vergueiro

INVENTÁRIO DOS POMBAIS DE UVA

Setembro, 2016

escola superior  gallaecia

Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo



INVENTÁRIO DOS POMBAIS DE UVA

João Vítor Martins Vergueiro

Vila Nova de Cerveira . Setembro, 2016

escola superior  gallaecia

Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo

escola superior  gallaecia

Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo

INVENTÁRIO DOS POMBAIS DE UVA

João Vítor Martins Vergueiro

Orientadora: Prof.^a Doutora Mariana Correia . Coorientadora: Prof.^a Doutora Goreti Sousa

Vila Nova de Cerveira . Setembro, 2016

Preâmbulo

O presente trabalho integra a opção de Dissertação Científica, para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, da Escola Superior Gallaecia.

Esta dissertação, titulada “Estratégias de Requalificação dos Pombais de Uva”, concentrou-se na análise destas construções com o objetivo de contribuir para a conservação preventiva deste património rural.

A investigação decorreu durante o ano letivo de 2015/2016, e foi orientada pela Professora Doutora Mariana Correia e pela coorientadora Professora Doutora Goreti Sousa.

Agradecimentos

Em especial, à minha namorada Ana, por tudo...

À minha mãe por sempre ter lutado, incentivado e ajudado ao longo de todo este percurso.

Ao Sr. Agostinho e à D. Juventina pela motivação e alento que sempre me deram.

A todos os meus colegas de curso e amigos que estiveram presentes, pela sua constante motivação e ajuda.

À associação Palombar, em especial ao Nuno Martins, que prestou um importante apoio neste percurso.

Ao corpo docente e funcionários da ESG, pelo carinho, apoio e conhecimentos transmitidos ao longo de todos estes anos.

Finalmente, à minha Orientadora Professora Doutora Mariana Correia e Coorientadora Professora Doutora Goreti Sousa pelo empenho e dedicação a este trabalho.

Resumo

O presente trabalho pretende contribuir para o conhecimento e valorização do património vernáculo existente na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, mais especificamente dos pombais existentes na aldeia de Uva, concelho de Vimioso. Estes foram edificados para servir de abrigo e criação dos pombos, possibilitando no passado o desenvolvimento de uma economia de subsistência.

Com o aumento do êxodo rural, muita da população rural emigrou em busca de melhores condições de vida, originando o crescente abandono de muitas práticas agrícolas, inclusive a criação de pombos. Em consequência, a grande maioria destas edificações encontra-se abandonada e em ruínas.

Neste sentido, o principal objetivo da investigação é proporcionar o conhecimento deste património construído no mundo rural através da catalogação, análise e recomendações para futuras intervenções, o que contribuirá para a sua valorização e salvaguarda.

Metodologicamente, trata-se de uma investigação de estudo de caso, do tipo descritiva e documental. A dissertação desenvolve-se em seis partes, destacando-se os referentes à fundamentação teórica, na qual se efetua a revisão da literatura (parte 2 e 3); a elaboração dos inquéritos, resultantes da recolha e sistematização de dados específicos, por meio do trabalho de campo (parte 4); a análise de conteúdo e a estruturação dos resultados preliminares (parte 5), facultando assim, os dados essenciais para as considerações finais que respondem ao terceiro e último objetivo (parte 6). Esta parte reflete sobre a importância deste património, assim como as suas principais potencialidades. Neste sentido, definiram-se recomendações para a proteção destas construções, identificando também alguns exemplos de intervenções que poderão servir como futuras referências.

Palavras-chave

Arquitetura popular, Património rural, Pombais, Uva.

Abstract

The present work intends to contribute for the knowledge and increase in value of the existent vernacular inheritance in the region of Trás-os-Montes and Alto Douro, more specifically the existent of dovecotes in the Uva village, district of Vimioso. They were built for the purpose of sheltering and reproduction of pigeons, allowing in the past the development of an economy of subsistence.

With the increase of the rural exodus, a lot of the rural population migrated in search of better life conditions, resulting on the growing abandonment of many agricultural practices, including the pigeons breeding. Consequently, the vast majority of these constructions are abandoned and in ruins.

In this way, the main objective of this research is to provide the knowledge of this inheritance built in a rural region, through the cataloging, analysis and recommendations for futures interventions, which will contribute to the increase of its value and safeguard.

Methodologically, this is a case study analysis of descriptive and documentary type. The dissertation is developed in six parts, highlighting a theoretical base, in which take place the revision of the literature (part 2 and 3); the elaboration of the inquiries, resultant from the collection and systematization of specific data, through the field work (part 4); the analysis of the content and the structuring of the preliminary results (part 5), thus providing the essential data for the final considerations that answers to the third and last objective (part 6). This part reflects about the inheritance importance, as well as their major potential. In this Way, they were defined recommendations for the protection of these buildings, also identifying some examples of interventions that could serve as future references.

Keywords

Popular Architecture, Rural Heritage, Dovecotes, Uva.

Preâmbulo	
Agradecimentos	
Resumo	
Abstract	
Índice de conteúdos	

Parte 1_Introdução 15

1.1_Breve contextualização	17
1.2_Objetivos da investigação	21
1.3_Metodologia aplicada	25
1.3.1_Métodos de recolha de dados	25
1.3.2_Critérios de seleção	28
1.3.3_Análise de dados	29
1.4_Estrutura da investigação	31

Parte 2_Enquadramento teórico 33

2.1_Abordagem à arquitetura popular	35
2.2_Abordagem ao património rural	39
2.3_Evolução histórica dos pombais	45
2.3.1_Pombais no Mundo	45
2.3.2_Pombais na Europa	49
2.3.3_Pombais na Península Ibérica	52
2.3.4_Pombais no Norte de Portugal	53
2.3.5_Os pombais na arquitetura antiga e moderna	55
2.4_Caracterização dos pombais	59

2.4.1_Funções	59
2.4.2_Implantação e exposição solar	59
2.4.3_Tipologias	60
2.4.4_ Componentes arquitetónicas	63

Parte 3_Contextualização 69

3.1_Enquadramento geográfico	71
3.1.1_Localização e demografia	71
3.1.2_Orografia e declive	72
3.1.3_Hidrografia	75
3.1.4_Solos	77
3.1.5_Clima	78
3.1.6_Fauna e flora	80
3.2_Enquadramento histórico	85
3.3_Situação atual	87
3.4_Perspetivas futuras	91

Parte 4_Estudo de caso 95

4.1_Inquéritos	97
----------------	----

Parte 5_Análise 163

5.1_Análise do estudo de caso	165
5.1.1_Relação com o território	166
5.1.2_Formal	174

5.1.3_Construtiva	179
5.1.3.1_Materiais	179
5.1.3.2_Características construtivas	184
5.1.4_Situação atual	192
5.2_Recomendações para futuras intervenções	197
Parte 6_Considerações finais	203
6.1_Conclusões específicas	205
6.2_Conclusões gerais	209
Referências bibliográficas	211
Índice de figuras	223

Parte 1_Introdução



1.1_Breve contextualização

A presente dissertação visa investigar as características de uma arquitetura popular desconhecida pela maioria das pessoas: os pombais tradicionais transmontanos.

Estes foram edificados para servir funções muito específicas, relacionadas com atividades agrícolas ou a elas associadas, entre as quais a criação dos borrachos ¹ para alimentação, como complemento das necessidades das explorações agrícolas familiares, que assentavam em economias de autossuficiência.

Sempre que possível, estas construções eram implantadas nas proximidades das povoações; no entanto, e apesar de em menor número, também se encontram dispersas pelo meio rural.

Com o aumento do êxodo rural verificado a partir da década de 60, muita da população rural emigrou, desencadeando-se o abandono e declínio de muitas práticas tradicionais, inclusive a criação de pombos. Por este motivo, a grande maioria destas edificações encontram-se abandonadas e em ruínas: Todavia ainda é possível encontrar pombais que são utilizados, com o fim para o qual foram construídos.

Neste sentido, a escolha do presente caso de estudo recaiu numa pequena aldeia, onde residem pouco mais de 100 habitantes e na qual existem 32 pombais edificados. Esta localiza-se no Noroeste de Portugal, em plena região de Trás-os-Montes e Alto Douro e é uma das 10 freguesias do concelho de Vimioso, que faz parte do distrito de Bragança. A freguesia é limitada a Norte por Espanha, a Este e Sudeste pelo concelho de Miranda do Douro, a Sul pelo concelho de Mogadouro e a Oeste pelos concelhos de Macedo de Cavaleiros e Bragança.

É também nesta região que se concentra um dos núcleos mais representativos de pombais, ainda que existam alguns dispersos um pouco por todo o país.

¹ Pombo implume ou muito novo.

Com uma configuração inconfundível, estes pombais caracterizam-se pela sua planta circular ou semicircular.

Segundo o III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro (2002, p. 314),

apesar de ser uma arquitetura popular característica do concelho em geral, a freguesia de Uva é particularmente conhecida pelos seus inúmeros pombais (44), que provocam nos turistas uma grande curiosidade. Os pombais representam um sistema de exploração ancestral único, arraigado em nossas terras desde milénios, quando na Época Feudal ter um pombal era um privilégio.

Na atualidade, já é possível verificar algumas iniciativas de apoio aos proprietários destas construções. Das diversas iniciativas realizadas ao longo dos últimos anos, há que destacar a organização de campos de trabalho voluntário internacionais pela associação Palombar, com o objetivo de recuperar algumas destas construções. Estas são maioritariamente direcionados para jovens interessados em dar o seu contributo para a preservação deste património, como é o caso de um grupo de vários estudantes de uma universidade belga.

De acordo com Elsa Fernandes e António Monteiro (2004, p. 7), "(...) um sentimento de valorização estética e vontade de preservar certos ícones do mundo rural, o que poderá apontar para que o ponto de viragem na conservação dos pombais esteja a chegar".

Por conseguinte, e dado que no decorrer desta investigação não se encontraram referências exclusivas aos pombais de Uva, justifica-se a sua inventariação e o estudo dos aspetos relacionados com este tipo de construção, que foi no passado um exemplo de arquitetura sustentável.

Podemos concluir, de acordo com Flores (1973, p. 38), que “uma construção de tão escassa relevância, do ponto de vista cultural, como pode ser o pombal (...), constituiu um dos mais interessantes ‘testes’ que podem dar ideia sobre a grande potencialidade criadora da arquitetura popular”.

Para além dos objetivos propostos, esta investigação permitirá analisar e conhecer a importância ambiental que estas construções tiveram e têm atualmente, quer na conservação das espécies, quer no ecoturismo ou na agricultura. O seu aproveitamento e valorização pode contribuir para um desenvolvimento sustentável de aldeias cada vez mais desertificadas e que correm o risco de desaparecer, sendo este um problema real nos dias de hoje, verificado em todo o interior do território. Segundo Peters (1977, p. 7), “este é o motivo, não só na Europa mas em todos os países industrializados do Ocidente, em que se apoia a conservação substancial das construções antigas em vez de reconstruções duvidosas e demolições inúteis”. É neste âmbito, que estas estratégias poderão dinamizar economicamente e socialmente estes espaços rurais, não só no presente caso de estudo, mas também em meios rurais que apresentem construções do mesmo género.

Para Barbosa (2000, p. 2), grande parte das construções poderão ser aproveitadas “sem grandes custos de recuperação”, o que torna viável as “possibilidades de revitalização e valorização dos pombais tradicionais e da criação de pombas, pelo seu aproveitamento económico nas vertentes do património construído, do turismo e da gastronomia”. Em síntese, estas iniciativas poderão contribuir para que um grande número de pombais seja alvo de recuperação com pequenas obras de adaptação, mesmo que sejam reconvertidos para outros usos, mantendo sempre as suas características arquitetónicas.

1.2_Objetivos da investigação

Devido ao rápido crescimento da sociedade industrializada, que transformaram o mundo rural, a arquitetura vernácula e os seus métodos construtivos estão a deixar de ser utilizados, ficando assim condenados a desaparecer.

Neste contexto, o principal objetivo da presente investigação é a sensibilização para o reconhecimento dos pombais de Uva como património rural a valorizar, o que também permitirá identificar estratégias de conservação preventiva e de requalificação deste tipo de arquitetura.

Objetivo n.º 1

Inventariar e classificar os pombais de Uva

Para salvaguardar a existência da arquitetura rural tradicional e da sua paisagem, é necessário o desenvolvimento de instrumentos de pesquisa e de identificação deste património arquitetónico, pelo que, os inventários científicos e trabalhos multidisciplinares de estudo e identificação do património em questão são fundamentais. (Recomendação n.º R (89), 6 para a Proteção e a Valorização do Património Arquitetónico Rural, 1989).

Objetivo n.º 2

Identificar as diferentes características tipológicas e construtivas usadas nos pombais de Uva

Pretende-se com este objetivo contribuir para a identificação e investigação dos materiais e técnicas tradicionais de construção, que caracterizam o património rural construído na aldeia de Uva, mais concretamente os pombais.

Neste sentido, e tendo em conta as linhas de orientação prática estabelecidas pela Carta Sobre o Património Construído Vernáculo (1999, p. 2),

a continuidade dos métodos tradicionais de construção e das técnicas e ofícios associados ao património vernáculo são fundamentais para o restauro e reconstrução destas estruturas. É através da educação e da formação que estes métodos e este domínio das técnicas e ofícios devem ser conservados, registados e transmitidos a novas gerações de artífices e de construtores.

Como orientação prática, a Carta Sobre o Património Construído Vernáculo sensibiliza para a necessidade de proceder a uma análise cautelosa, antes de intervir num património vernáculo, documentando previamente toda a informação recolhida.

Objetivo n.º 3

Definir recomendações para a proteção dos pombais de Uva

Com este objetivo a pretensão é definirem-se indicadores para possíveis estratégias de intervenção e requalificação destas construções, as quais poderão dinamizar economicamente e socialmente estes espaços rurais, não só no presente caso de estudo, mas também em meios rurais que apresentem construções do mesmo género.

Deste modo e tendo como referência as linhas de orientação prática estabelecidas, pela Carta Sobre o Património Construído Vernáculo (1999, p. 2),

a adaptação e a reutilização de construções vernáculas deve ser efetuada respeitando a integridade, o carácter e a forma destas estruturas e compatibilizando a intervenção com os

padrões de habitabilidade desejados.

Assim, as intervenções, adaptações ou reutilizações das estruturas vernáculas poderão ser realizadas, desde que se respeitem e mantenham a sua integridade, mesmo que os usos pretendidos sejam diferentes dos que inicialmente se destinavam.

1.3_Metodologia aplicada

Para dar resposta aos objetivos previamente definidos, foi proposta uma metodologia de investigação por meio de um estudo de caso, a qual vai ao encontro do método defendido por Yin (1994, p. 23), em que um caso de estudo “toma por objeto um fenómeno (...) situado no contexto da vida real”. O mesmo autor afirma que o estudo de caso é uma abordagem metodológica de investigação adequada quando se procura compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão envolvidos vários fatores. Esta estrutura é igual em todos os casos.

Na fase inicial realiza-se uma pesquisa com base na análise documental de dados gerais, isto é, recolha de documentos e fontes, tais como livros, cartografia, publicações e outras. Esta será a base de suporte para a revisão da literatura, que contribuirá para a definição do estado da arte e para a contextualização do local.

Ainda numa primeira abordagem sobre a procura documental foi necessário esclarecer a problemática a tratar na investigação, para proceder à recolha e sistematização da documentação. Posteriormente, e durante a análise documental, foram tratados diversos tipos de documentos.

1.3.1_Métodos de recolha de dados

De seguida, procede-se à recolha de informação e de dados específicos dos edifícios, por meio de trabalho de campo. É nesta fase que se cria o modelo de observação, mais concretamente, o inquérito para recolha e sistematização de informações recolhidas no local.

Por fim, foram aplicadas outras técnicas de coleta de dados, mais concretamente:

Análise documental

Segundo Saint-Georges (1997, p. 15), “de uma maneira ou de outra, não existe investigação sem documentação”.

Dependendo do tema, pode-se encontrar muita ou pouca informação, obrigando o investigador a selecionar apenas os documentos necessários e essenciais para a sua análise, principalmente no caso de excesso de informação. A análise documental tem como principal vantagem evitar o recurso a outras técnicas de recolha de dados. Os mesmos autores (1997, p. 30), afirmam que “a análise documental apresenta-se como um método de recolha e de verificação de dados: visa o acesso a fontes pertinentes, escritas ou não (...)”. Convém salientar que essas fontes escritas, ou não, podem ser documentos oficiais ou não oficiais.

Observação

Desta forma, utiliza-se a técnica de observação aos edifícios para recolha de notas, desenhos e esboços rápidos. Segundo Gil (1995, p. 104), “(...) a observação desempenha um papel imprescindível no processo de investigação”. A vantagem desta técnica está em compreender, rapidamente, os problemas a identificar. Por conseguinte, foi utilizada a observação sistemática dos edifícios, com o objetivo de se preencherem os inquéritos.

Fotografia

Outra fonte de pesquisa utilizada foi a fotografia, que está intimamente ligada à investigação qualitativa e segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 183), estas evidências “(...) dão-nos fortes dados descritivos (...)”. A fotografia pode ser realizada pelo investigador, conjugando-se assim com a observação. A utilização da fotografia nesta investigação serviu de suporte ao diagnóstico a realizar ao edifício.

Entrevistas informais

É uma técnica que possui diversas vantagens para o investigador, pois a sua aplicação é flexível, viabilizando a comprovação e o

esclarecimento de respostas. Este método poderá ser apresentado de diversas formas, consoante a opção do autor e da informação que este pretende obter. Nesta linha de pensamento, segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 134), “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo”. Esta é facilmente adaptável e a sua taxa de sucesso é elevada. No entanto, também requer um elevado tempo de aplicação, treino e experiência na orientação das respostas. No desenvolvimento deste trabalho optou-se pela realização de um tipo de entrevista individual e exploratória, estabelecida pelo próprio autor.

Notas de campo

São técnicas de recolha de informação porque são relatórios daquilo que o investigador ouve, olha, experimenta e pensa no decurso da recolha dos dados, formando assim, parte de um estudo qualitativo. As notas de campo podem realizar-se mediante a palavra, a escrita, o desenho ou podem representar-se graficamente.

Neste caso, utilizam-se as fichas para a identificação de cada pombal. Outro tipo são as notas de campo reflexivas, que captam a perspetiva do observador e investigador. São as suas ideias e as suas preocupações. Estas notas de campo poderão ser registadas num diário (Bodgan & Biklen, 1994).

Inquéritos

Foram desenvolvidos pelo autor, de forma a responder aos objetivos definidos, o que permitiu estruturar as respostas, começando assim a surgir os principais dados, do ponto vista formal, construtivo e tipológico.

O modelo da ficha de inquérito foi estruturado a partir dos indicadores obtidos, no estudo da temática abordada. Estas fichas constituem

uma ferramenta de recolha de informação, onde se anotam de forma sistemática, os dados específicos de cada pombal; e tem como objetivo a sua análise.

O inquérito é composto por três secções principais, as quais se descrevem de seguida:

1 - Referem-se os dados de **identificação** das construções analisadas, mais concretamente o que respeita à localização geográfica.

2 - Indicam-se os **dados cronológicos** destas construções, referentes às datas de construção, intervenção e outras.

3 - Nas **características tipológicas** é realizada uma descrição de alguns aspetos que são imprescindíveis para uma boa análise destas construções, onde se identificam as tipologias espaciais, dimensões e outras características relevantes.

1.3.2_Critérios de seleção

Relativamente aos critérios de seleção do objeto de estudo, tiveram-se em conta dois aspetos que se julgaram ser importantes, assim, o planeamento metodológico divide-se na seguinte ordem:

Aldeia

Esta investigação concentrou-se na pequena aldeia de Uva, e a sua escolha prende-se pela particularidade do caso de estudo selecionado, onde residem pouco mais de 100 habitantes e existem 32 pombais edificadas.

O facto de se tratar de uma aldeia bastante isolada e devido à pouca população residente, talvez sejam estes os principais motivos da sobrevivência destas construções rurais, muitas delas num estado de conservação razoável (quando se compara com os existentes noutras aldeias do concelho).

Além dos motivos apresentados, verifica-se que é naquele local que se têm recuperado mais pombais, ao longo dos últimos anos.

Pombais

Como já foi referido, existe um grande número de pombais edificados, nos quais, face à situação atual, se justifica a inventariação, classificação e o estudo destas construções rurais tradicionais.

É também objetivo da presente investigação, analisar-se de que forma o seu aproveitamento, valorização e/ou reconversão, pode contribuir para um desenvolvimento sustentável de aldeias, cada vez mais desertificadas e que correm o risco de desaparecer.

O seu estudo permitirá o conhecimento destas estruturas que fazem parte do património construído no mundo rural, e que têm uma importância ecológica. Para isso muito tem contribuído a Palombar – Associação para a Conservação da Natureza e do Património Rural, que tem levado a cabo várias iniciativas com o único objetivo de valorizar e revitalizar os pombais tradicionais do Nordeste Transmontano.

1.3.3_ Análise de dados

Depois de se obter toda a informação documental e bibliográfica para a investigação, e de forma a se proceder-se à análise dos dados, foi necessário recorrer-se a uma série de técnicas, mais concretamente:

Identificação

Refere-se ao registo (identificação) realizado durante ou imediatamente, após a recolha de dados a que se reportavam;

Transcrição

São as tarefas de transcrição e transformação dos textos e desenhos registados em papel (inquéritos) em formato digital;

Organização

As duas fases anteriores são complementadas com a organização dos dados recolhidos, através da qual, resulta a base de dados;

Análise

Esta fase corresponde à análise de dados e consiste na interpretação e sistematização da informação, a qual permite a apresentação de resultados qualitativos e quantitativos. O tratamento quantitativo permite a obtenção de informação a partir da comparação de dados, viabilizando diretrizes que se interligam com o estado da arte. O conjunto destas informações permitirá refletir e responder aos objetivos propostos, assim como o desenvolvimento das considerações finais.

1.4_Estrutura da investigação

A presente investigação segue uma estrutura simples e concisa e é composta por seis partes. Ainda que independentes, pretende-se desenvolver uma relação estratégica e organizada, de modo a que, no seu todo, se dê forma a cada um dos conteúdos, no sentido de se proporcionar uma investigação válida e consistente, analisada do geral para o particular, recorrendo ao material disponível e variado, no que concerne ao tema.

Parte 1 - Introdução

Na primeira parte, apresenta-se a introdução, da qual faz parte uma breve contextualização, onde se identificam e explicam os objetivos da presente investigação, assim como a metodologia aplicada. A estruturação adotada permite uma identificação das partes, a relação entre elas e os objetivos do presente estudo de caso.

Parte 2 – Enquadramento teórico

Na segunda parte, aborda-se a problemática do tema, onde o objetivo primordial é estabelecer um marco teórico que irá proporcionar um conhecimento amplo e geral da problemática que rodeia o objeto de estudo, mais concretamente a atual situação deste património vernáculo rural.

Parte 3 – Contextualização local

Na terceira parte, realiza-se uma abordagem ao objeto de estudo, a aldeia de Uva, constituindo o seu enquadramento geográfico, histórico e outros que possam caracterizar a respetiva aldeia.

Parte 4 – Estudo de caso

Na quarta parte, realiza-se a apresentação do estudo de caso, e a explicação do trabalho de campo. Consiste em realizar o levantamento de todas as características dos pombais através da

ficha de inquérito, previamente construída para o efeito, com fotografias, apontamentos e desenhos a contribuírem para um melhor conhecimento do edificado rural vernáculo.

Parte 5 – Análise

Na quinta parte, procede-se à interpretação das fichas técnicas, assim como à respetiva análise individual e comparativa. Esta abordagem permite uma análise qualitativa descritiva, em correlação com as partes anteriores.

Parte 6 – Considerações finais

Por fim, expõem-se as considerações finais, nas quais se evidenciam a síntese e a reflexão dos resultados obtidos, relativamente aos objetivos definidos, sendo esta a contribuição singular para o conhecimento.

Parte 2_Enquadramento teórico



2.1_Abordagem à arquitetura popular

Os conceitos de arquitetura popular ou vernácula são recentes em todo o mundo, talvez por este motivo o estudo deste tipo de arquitetura seja frequentemente tema de discussão, pois existem várias definições. Ambos os conceitos consideram aspetos diferentes, mas que se complementam para uma completa caracterização do fenómeno (Martin & Gonzalez, 1998).

Os termos popular e vernáculo por vezes são confundidos, porém aplicados de igual forma, no que concerne a construções realizadas sem o contributo de um arquiteto. Por conseguinte, quer um termo, quer o outro referem-se a intervenções práticas e empíricas na construção, apresentando-se assim, com formas próprias em lugares delimitados.

De acordo com alguns autores (Teixeira, 2013; Viñuales, 2007; Rapoport, 1972), o conceito de arquitetura vernácula é próprio do país, e tem como principais características a ausência de pretensões teóricas ou estéticas. Trabalha-se com o lugar de implantação e com o clima, o respeito com as pessoas e as suas casas, e em consequência com o meio ambiente, natural ou construído pelo homem. Popular significa aquilo que é relativo ao povo, que é do povo, que lhe é próprio, aquilo que é feito para o povo, que é usado ou comum entre o povo, que é do gosto do mesmo ou ainda aquilo que é vulgar.

Neste sentido, e segundo a Associação dos Arquitetos Portugueses, (1980, p. 19),

a arquitetura popular regional não é urbana de origem, nem de tendências. Pode “urbanizar-se”, melhorar de cuidados construtivos e apuros formais, mas, se lhe cortam as raízes que a

prendem fortemente à terra e aos seus problemas, desvirtua-se, perde a força e a autenticidade.

A arquitetura popular para Teixeira (2013), é considerada, uma arquitetura sem arquitetos, onde são utilizadas técnicas e soluções construtivas de acordo com a tradição local e a sabedoria popular, podendo afirmar-se que se encontra sempre fortemente ligada à tradição de cada zona. Raramente sofria modificações radicais em relação ao meio em que se inseria, pois isso exigia recursos que normalmente não estavam ao alcance de quem as executava.

A arquitetura popular é parte de um processo de adaptação contínua da identidade de uma população às respostas (quase sempre imediatas e diretas), às necessidades e às possibilidades dos futuros utilizadores. Ao longo dos anos, estas foram desenvolvidas e aperfeiçoadas por meio de processos de tentativa e erro.

O que talvez melhor caracterize a arquitetura popular poderá ser a sua origem, bem como a qualidade da sua execução. Muitas gerações foram necessárias para que nas mais diversas culturas se chegasse, empiricamente, às soluções arquitetónicas mais adequadas. Para isso tiveram de se criar formas e processos de construção adaptadas ao clima e à cultura de cada região, na qual se utilizavam os recursos naturais disponíveis no meio envolvente (Oliveira & Galhano, 1992; Machado, 1981; Ribeiro, 1991).

Estes edifícios eram construídos com o único objetivo de satisfazer as necessidades de quem os promovia, que na maioria dos casos era o próprio usuário. As construções eram executadas de forma muito simples e rudimentar, o menos dispendiosas possível, tendo em conta soluções que já se haviam mostrado eficazes.

Para Flores (1973), a arquitetura popular deve ser entendida num contexto essencialmente rural, pois esteve sempre ligada à atividade agrícola, além de que é neste meio que se encontram as suas raízes mais profundas.

Em síntese, e reiterando Teixeira (2013, p. 4), a arquitetura popular pode ser caracterizada como "(...) uma arquitetura integrada no seu ambiente físico e cultural, respondendo de perto tanto às necessidades funcionais como às possibilidades materiais e técnicas dos seus utilizadores e construtores". Esta caracterização enquadra-se nos princípios de conservação e proteção do património construído vernáculo.

Neste sentido, e de acordo com o estabelecido na carta publicada pelo ICOMOS na Cidade do México (1999, p. 1), o património construído vernáculo "(...) é o meio tradicional e natural pelo qual as comunidades criam o seu habitat. Resulta de um processo evolutivo que inclui, necessariamente, alterações e uma adaptação constante em resposta aos constrangimentos sociais e ambientais", enquadrando-se na caracterização acima citada.

2.2_Abordagem ao património rural

O significado de património, na sua definição clássica, refere-se a um bem ou conjunto de bens, materiais ou naturais, herdados do passado e que se transmitem às gerações futuras. Este é classificável quando apresenta valor prospetivo.

Neste âmbito Silva (1997, p. 218) advoga que,

o património não é só o legado que é herdado, mas o legado que, através de uma seleção consciente, um grupo significativo da população deseja legar ao futuro. Ou seja, existe uma escolha cultural subjacente à vontade de legar o património cultural a gerações futuras. E existe também uma noção de posse por parte de um determinado grupo relativamente ao legado que é coletivamente herdado.

O conceito de património não incide somente sobre as igrejas, palácios e vestígios arquitetónicos de grandes civilizações da história, mas também em cada uma das obras civis edificadas pelo homem, grandes ou pequenas, que existem e têm existido ao longo da evolução humana (Pradillos, 2004).

Em relação à definição de património rural, esta era bastante restritiva até há poucos anos, pois eram considerados os edifícios associados à exploração agrícola e, sobretudo, o “pequeno património rural” como os lavadouros, moinhos ou espigueiros.

Atualmente perdura um conceito mais abrangente que compreende, simultaneamente, os elementos materiais e imateriais, que testemunham as relações que uma comunidade estabeleceu, no decurso da história com o território em que está inserida (DGADR, 2009).

A sua construção, fruto da experiência de gerações, por vezes com grande qualidade de habitabilidade, é, possivelmente, o legado mais visível. Contudo, depara-se com novos desafios, sendo que nos dias de hoje, deixou de fazer sentido referir apenas os edifícios, para se considerar também as suas áreas envolventes, alargando a abrangência a conjuntos e sítios que incluem os centros históricos e paisagens culturais como lugares e elementos de interesse de cariz tradicional, como por exemplo uma eira ou uma simples fonte.

Esta defesa do património deixado por gerações passadas é muito importante, pelo que, para recuperar este legado, é necessário estudar e valorizar este tipo de arquitetura vernácula, percebendo as técnicas de quem o construiu. Talvez assim, os seus valores e as suas qualidades possam ser mais aproveitados, não só na sua proteção, mas também na promoção do desenvolvimento local (Martins, 2012; Almeida, 1993).

Logo, a importância da preservação deste tipo de edificações, ganha um novo significado em 1931, com a Carta de Atenas. Deste modo, ao se expressar pela primeira vez em alguns princípios, que contribuíram para o “(...) desenvolvimento de um amplo movimento internacional, traduzido na elaboração de vários documentos nacionais (...)” (Carta de Veneza, 1999, p. 105), orientados essencialmente para problemas de restauro de edifícios considerados monumentos.

Mais tarde, e salvaguardando o compromisso redigido e assinado por diversos arquitetos e urbanistas internacionais, foram definidos os princípios básicos, da preservação e do restauro.

Neste âmbito, a Carta de Veneza (1964, p. 106) destaca que,

o conceito de monumento histórico engloba, não só as criações arquitetónicas isoladamente, mas também os sítios, urbanos ou rurais, nos quais sejam patentes os testemunhos de uma

civilização particular, de uma fase significativa da evolução ou do progresso, ou algum acontecimento histórico. Este conceito é aplicável, quer às grandes criações, quer às realizações mais modestas que tenham adquirido significado cultural com o passar do tempo.

Apesar da existência destas cartas, em Portugal só se procedeu a uma atualização da legislação sobre o património em 1985, mais concretamente com a publicação da Lei n.º 13/85, de 6 de julho, vulgarmente conhecida como a Lei do Património. Na qual, com efeito se definiram assim, os princípios fundamentais, do ponto de vista conceptual e prático (Lei n.º 13/85, de 6 de julho).

Por conseguinte, julga-se que a publicação desta legislação continua a ser insuficiente, em virtude da mesma não ter sido ainda objeto de regulamentação, ficando a salvaguarda do património quase exclusivamente sob a responsabilidade da gestão autárquica, sendo frequentemente tema de discussão (Alves, 2004).

Só mais tarde, e em substituição da Lei n.º 13/85, de 6 de julho, surge a Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, a qual abrange uma grande diversidade de conceitos patrimoniais.

Segundo Tomás (2008, n. p),

(...) a legislação obriga os diversos níveis de organização (pública) do país a promover a adoção de providências tendo em vista a recuperação de centros históricos e outros conjuntos urbanos, aldeias históricas, paisagens, parques, jardins e outros elementos naturais, arquitetónicos ou industriais integrados na

paisagem. De igual modo relevante é a participação dos cidadãos interessados na gestão efetiva do património cultural, assim como o reconhecimento da importância das novas tipologias como (...) o património vernacular, entre outras, como grandes desafios no âmbito da salvaguarda e proteção do património cultural.

Sendo o património, um importante vetor estratégico, no desenvolvimento local, a sua salvaguarda passa assim, a beneficiar de um entendimento mais alargado, integrando a necessidade de reutilizá-lo, animá-lo e devolvê-lo às comunidades. De acordo com Reis (1999, p. 79), "o património deixou há muito de estar apenas confinado ao interesse das elites ou ao dever da proteção do Estado, para passar a integrar, de forma diferenciada, é certo, preocupações de mais vastas camadas sociais".

Carvalho (2011, p. 6) afirma que,

(...) a salvaguarda e a valorização do património cultural decorre, no essencial, quer dos instrumentos de desenvolvimento territorial, quer dos instrumentos de planeamento territorial. (...) revelam-se através de políticas e ações sectoriais, (...) e de forma indireta ou complementar por via de programas de desenvolvimento, como, por exemplo, os Programas Operacionais Regionais, o LEADER¹ (...).

¹ LEADER corresponde à sigla de "Ligações Entre Ações de Desenvolvimento da Economia Rural". Trata-se de uma iniciativa comunitária de desenvolvimento rural.

O lançamento e a operacionalidade deste programa tem vindo, a revelar como grande parte, das zonas rurais estão em dificuldades. Contudo, também se têm verificado iniciativas com o objetivo de promover o trabalho integrado, de pessoas e entidades de diferentes territórios rurais, as quais procuram valorizar o passado com o intuito de melhorar o futuro. Esta relação não é simplesmente temporal, ela reflete um conjunto de possíveis benefícios para as populações destes meios, resultantes da conjugação estabelecida entre património e a dinâmica local. A fim de que, algumas destas ações, possam, efetivamente, não só por serem entendidas e assimiladas pelas populações locais, mas também materializadas em oportunidades reais de desenvolvimento. Por exemplo, através da criação de empregos e de novas atividades económicas viáveis (Alves, 2004). De acordo com Carvalho (2011, p. 8),

reconhecendo a importância estratégica do mundo rural e a sua crescente complexidade e diversidade, as novas políticas têm como eixos estruturantes o reconhecimento da especificidade dos territórios e do seu potencial de recursos, e a prioridade atribuída aos conceitos de sustentabilidade, subsidiariedade e parceria.

O objetivo principal é conciliar a prática agrícola com as preocupações ambientais e paisagísticas, preservar e valorizar a paisagem e a diversidade do património cultural, e ao mesmo tempo encontrar novas funções/usos para os territórios rurais compatíveis com esses princípios orientadores.

Neste contexto, em que se pretende uma valorização e reutilização dos bens patrimoniais rurais, a integração numa política de organização do espaço rural é sugerida em vários programas e projetos de desenvolvimento local. O objetivo é tornar-se num elemento fulcral no desenvolvimento de um determinado território, onde todos deverão participar, não só os poderes políticos e económicos, mas também as instituições sociais e culturais (Alves, 2004; Moreira, 2006).

Na tentativa de contrariar o abandono deste tipo de construções, podem identificar-se algumas ações que foram e estão a ser desenvolvidas de forma a promover e inverter este panorama negativo. Entre muitas, destaca-se uma iniciativa do Instituto da Conservação da Natureza, através do Parque Natural do Douro Internacional, o qual iniciou um projeto pioneiro de recuperação de pombais, motivado pela possibilidade de se valorizar a paisagem característica desta Área Protegida e contribuir para melhorar os recursos alimentares de diversas aves de rapina, em risco de extinção. Entre 2000 e 2001, a CoraNE² em conjunto com a associação Palombar³ organizou o primeiro inventário e estudo aprofundado de caracterização arquitetónica e funcional dos pombais, nos concelhos de Vinhais, Bragança, Vimioso e Miranda do Douro.

² Associação de Desenvolvimento dos Concelhos da Raia Nordestina, tem como área de atuação a região da "Terra Fria Transmontana". Tem como principais objetivos o desenvolvimento social, económico e cultural, através da promoção e implementação de projetos de desenvolvimento de interesse para a região.

³ Associação de Conservação da Natureza e do Património Rural.

2.3_Evolução histórica dos pombais

O pombal, construção milenar, é influenciado pela cultura de cada país, fazendo parte da sua identidade patrimonial. Apesar de não subsistirem muitas referências relativas à origem e construção deste tipo de arquitetura, existem documentos que descrevem as várias formas de domesticação animal, desde há milhares de anos. Estes indicam que foi por volta desta época que as práticas agropecuárias e a columbicultura, em comunhão, se desenvolveram pela bacia do Mediterrâneo, especialmente durante as civilizações egípcia, grega e romana (García, 1997).

Muitos são os exemplos de arquitetura vernácula que, por razões agrícolas, alimentares ou de comunicabilidade, floresceram, encontrando-se presentes um pouco por todo o mundo. Ao longo dos séculos, o homem, com a finalidade de usufruir das potencialidades que o pombo oferecia, preocupou-se em criar instalações com alguma qualidade, para que esta ave pudesse viver e nidificar em segurança, facto que se verifica, no cuidado com que estes edifícios foram construídos ao longo dos séculos. Na sua génese, os pombais constituíam uma forma arquitetónica com estruturas grosseiras. Mas no final da idade média, os pombais alastraram-se pelas zonas agrícolas de toda a Europa ocidental, resultando no desenvolvimento arquitetónico dos mesmos, apresentando formas complexas e bastantes elementos decorativos.

2.3.1_Pombais no Mundo

Os pombais mais antigos que se conhecem remontam ao Egito e ao Irão, tendo-se disseminado por toda a bacia mediterrânea. Neste período, os pombais edificados, a par da sua função de lazer e produção alimentar, já gozavam de alguma riqueza arquitetónica e estavam concentrados nas áreas desenvolvidas economicamente (Orazi, 1988).

Egipto

No Egipto, a produção de pombos faz parte do quotidiano rural atual, mas tem sido praticada desde tempos imemoriais. Os pombos faziam parte da dieta alimentar e o guano⁴ tinha grande valor como fertilizante na agricultura, mantendo-se esta prática até aos dias de hoje. Atualmente, estas construções fazem parte do património nacional egípcio (Omar, El-Rahim, Abdel-Aziz, Sammour, & Aggour, 2014). No Egipto Antigo, desde o Sul do rio Nilo em direção à cidade de Tebas, encontravam-se duas tipologias predominantes de pombais. O primeiro tipo é caracterizado por um conjunto de cúpulas de altura crescente em redor de uma cúpula central; e o segundo é uma torre quadrada central com telhado plano, existindo normalmente um conjunto de quatro ou mais pombais ao seu redor. Em comum têm o material de construção, o adobe⁵ (Orazi, 1988).

Irão

Segundo Amirkhani, Baghaie, Taghvaei, Pourjafar, e Ansari, (2009, p. 177), “os pombais representam um dos exemplos mais notáveis de excentricidade na arquitetura iraniana. As torres de pombo de Isfahan são um exemplo perfeito do ser humano e natureza a trabalhar em conjunto em nome do interesse mútuo”. No séc. XVII, um viajante europeu contabilizou cerca de 3000 pombais na província de Isfahan. Nos dias de hoje, existem cerca de 300 pombais e um total de 65 encontram-se registados como património nacional Iraniano (Amirkhani, Okhovat & Zamani, 2010). Estes edifícios eram vulgares e foram construídos com o principal objetivo de recolher adubo de qualidade e em grande quantidade, tratando-se já nessa altura de uma indústria artesanal. O estrume era utilizado na agricultura, nomeadamente, na cultura do melão e na indústria dos curtumes,

⁴ Adubo formado de substâncias orgânicas, sobretudo de excrementos de aves (Porto Editora, 2003-2016)

⁵ Tijolo de barro amassado com areia e palha; seco ao ar ou ao sol (Porto Editora, 2003-2016).

servindo para amaciar o couro.

Como qualquer construção vernácula, é difícil datar o seu início, mas acredita-se que teve origem na Dinastia Safávida, no reinado de Shah 'Abbas (Amirkhani, Baghaie et al., 2009). Calcula-se que cada pombal possuía capacidade para abrigar 5000 pombos, mas existem registos de estruturas mais complexas que podem chegar a abrigar 120000 pombos. Os tipos de pombais mais frequentes são ricos em elementos concêntricos e o material usado na sua construção é o adobe, conferindo uma cor semelhante ao ambiente térreo, onde está inserido (Orazi, 1988). Devido ao uso dos fertilizantes químicos, em detrimento do fertilizante natural, estas torres entraram em desuso, o que contribuiu para a sua deterioração (Amirkhani, Baghaie et al., 2009).



Fig. 01 | Pombal Egípcio



Fig. 02 | Pombal Iraniano

Turquia

Na Turquia, na região da Anatólia Central, nomeadamente, na Capadócia e na cidade de Gesi, os pombais revestem-se de características singulares.

Existem milhares de pombais, que apesar de se localizarem nas falésias rochosas, parecem resistir à ameaça da erosão (Silva, 2004). De acordo com Amirkhani, Okhovat et al. (2010), os pombais mais antigos registados nesta região datam do século XVIII, embora a maioria dos pombais tenham sido edificadas entre o século XIX e início do século

XX. Esta expansão, à semelhança de outras regiões já referidas, deveu-se ao aproveitamento dos excrementos dos pombos, que juntamente com os excrementos de ovelhas e burros serviam de fertilizante. O estrume de pombo, na época Otomana, era mesmo o produto mais exportado da altura. Os pombais terão sido resultado de uma cultura baseada na agricultura e adaptada a terrenos vulcânicos, invernos rigorosos e chuvas torrenciais (Silva, 2004).

A Capadócia, tem características geológicas únicas, como resultado de fenómenos vulcânicos e de erosão, que o homem soube aproveitar, escavando a pedra macia para construir pombais, entre outras construções. As paredes são decoradas com pinturas (Turco-Islâmicas), com motivos geométricos, plantas ou animais. Nem sempre os camponeses escavavam os pombais nas rochas. Também se reutilizavam construções abandonadas mais antigas, como túmulos, salas de convento, igrejas, capelas e ermidas, facilmente identificadas pelas pinturas que existem nas suas fachadas e no seu interior. Cada pombal tinha uma capacidade para criar entre 30 a 100 pares de pombos (Silva, 2004).

Na província de Kayseri, na cidade de Gesi, a arquitetura deste tipo de construções é, talvez, única no mundo. Tendo por base, os estudos efetuados, podemos considerar que os pombais de Gesi são mais antigos que os da Capadócia.

Os primeiros apresentam formas quadradas ou circulares, e são compostos por salas no subsolo e torres, que se elevam acima do solo, e constituídos por pequenos buracos (ninhos), para permitir às aves nidificarem, assim como para servir de refúgio (Amirkhani, Okhovat et al., 2010).

A decadência deste tipo de construção começou no início da década de 70, quando se abandonaram os produtos naturais e se introduziram os produtos químicos (Silva, 2004).

2.3.2_Pombais na Europa

A importância dos pombais estendeu-se à cultura europeia, essencialmente através dos romanos (Orazi, 1988). Estes tinham na columbicultura uma das suas paixões, sendo esta uma atividade complementar à agricultura. O pomal, também conhecido como *Columbarium*, era também assim, denominado devido às semelhanças existentes entre os nichos das urnas dos edifícios funerários e os nichos onde se abrigam os pombos. Durante a Idade Média e parte da Moderna, a posse de um pomal era um privilégio que se reservava aos senhores feudais. As pombas do senhor eram alimentadas e lançadas às terras dos camponeses, constituindo o que se chamou Direitos de Pomal (Silva, 2004).

Disseminando-se por toda a Europa, passaram a ser comuns e a marcar a paisagem de diversas zonas rurais da Europa Ocidental, como por exemplo as regiões de Tarn-et-Garonne, Quercy, Normandia e Provença em França, a Tierra de Campos em Espanha, o Nordeste Transmontano, o Douro Superior e a Beira-Alta em Portugal. Esta crescente popularidade dos pombais conduziu a uma enorme variedade e tipos de construções. Segundo Gissen (2009), os pombais eram edifícios utilitários, normalmente construídos em grandes propriedades e no final do séc. XVIII, início do século XIX, tornaram-se construções fantasiosas, nas quais as imagens da arquitetura, jardins e natureza selvagem se aliavam.

Itália

Existem registos de exemplares de pombais antigos em Itália, nomeadamente, na zona de Emilia e Veneto, todavia a maior parte destas construções edificadas entre 1300 e 1600 desapareceram. Numa pesquisa na área de Bolonha, foram encontrados apenas quatro exemplares, datando a construção do mais antigo, aproximadamente do final do século XIII e do mais recente do século XVII. O mais antigo dos quatro situa-se na Villa Manzoli, assemelhando-

se mais a uma torre defensiva, do que a um pombal (Orazi, 1988).

Grécia

Nas ilhas gregas existem referências a pombais ou a *Peristeriones*. Estes localizam-se nas ilhas de Mykonos, Andros e em maior número na ilha de Tinos. Apesar da existência mais recente, os mais antigos datam dos séculos XVIII e XIX. A arquitetura dos pombais marca o enraizamento cultural e baseia-se em necessidades práticas. A criação de pombos, abandonada desde os tempos greco-romanos, foi introduzida nesta ilha pelos Venezianos, aquando da sua conquista em 1204, a quem unicamente pertencia o direito de criação. Quando estes partiram definitivamente da ilha, os habitantes de Tinos começaram a construir os seus próprios pombais. Estes apresentavam características bem distintas, caracterizando-se pela criatividade com que foram decorados. Apesar de haver registos de pombais situados na parte superior das habitações, a generalidade apresentam-se como estruturas isoladas, podendo eventualmente encontrar-se agrupadas e situadas perto de campos de cultivo e ao longo das encostas, como proteção natural contra os ventos. Estes pombais têm geralmente uma planta retangular, com uma altura total de 5 a 6 metros, sendo subdivididos em dois andares. Os pisos mais baixos eram destinados ao armazenamento de produtos agrícolas, ferramentas e criação de gado, enquanto os andares superiores se destinavam a abrigar os pombos, com uma capacidade média de 200 pombos. Na sua construção era utilizada a pedra, pois era o material menos dispendioso. As paredes são mais largas na base e mais finas na parte superior. Nesta zona as decorações são frequentes, as quais são formadas por padrões geométricos repetitivos, que incluem triângulos, romboides, quadrados e círculos. O telhado é coroadado, também, por elementos decorativos, por painéis de pedra dispostos em quadrado e por pequenos pilares (Orazi, 1988).

Grã-Bretanha

Apesar de hoje se apresentarem em menor número, durante o século XVII, em Inglaterra, contavam-se mais de 26.000 pombais. Estes localizavam-se nos terrenos dos mosteiros e casas senhoriais, tendo sido aprovadas leis que apenas permitiam à nobreza e ao clero ter e adquirir pombos, uma vez que eram uma rentável fonte de alimento, mantendo-se esta condicionante até ao século XVIII. Na sua generalidade, os pombais eram projetados para abrigar entre 200 a 500 pares, e por vezes havia mais do que um pombal no mesmo local. A maioria apresentava tipologia redonda, o teto abobadado e construção em pedra. Ao longo dos anos foram-se perdendo inúmeros exemplares de pombais na Grã-Bretanha, mas atualmente estas construções encontram-se salvaguardadas por legislação específica (Cooke, 1920).

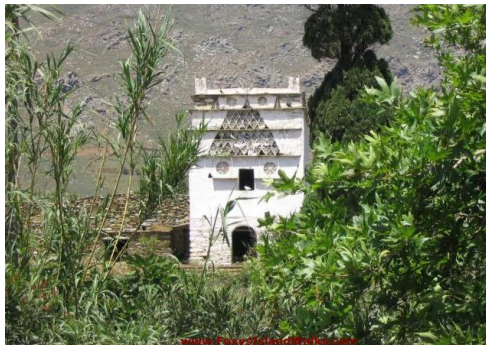


Fig. 03 | Pombal Grego



Fig. 04 | Pombal Inglês

França

Em França ter um pombal (*pigeonnier* ou *colombier*) era igualmente um privilégio da nobreza. Os pombos eram alimentados à custa das terras cultivadas pelos agricultores e tinham um importante papel na economia. As pombas eram ainda usadas como alimento, tendo um elevado valor, não só económico, resultante da produção de estrume, mas também religioso, pois a sua imagem aparecia nos contratos de matrimónio. Um exemplo claro da sua importância na Idade Média é

a Lei de Proteção dos Pombais, promulgada por Henrique IV em 1465 (Silva, 2004). O número de pombos que um nobre podia ter correspondia à extensão da sua propriedade, ou seja, cada pombo correspondia a uma certa quantidade de terras. Quanto maior o número de pombos, maior o número de hectares em terras. A relação entre a posse de terras e a criação de pombos foi alterada após a Revolução Francesa, tendo sido quebrada a ligação entre pombo e nobreza. As tipologias dos pombais em França divergem das terras meridionais para o norte, variando desde pombais circulares a retangulares, podendo estes encontrarem-se elevados sobre pilares ou arcos (Silva, 2004).

2.3.3_Pombais na Península Ibérica

Na idade média, os pombais adquiriram em quase todos os reinos da Península Ibérica grande importância, estando a sua propriedade ligada ao estatuto social, uma vez que era um privilégio reservado às casas senhoriais. Constituído o "direito de pombo", que era altamente cobiçado, faziam recair sobre os camponeses a obrigação de cuidar, alimentar e fazer a manutenção dos mesmos (Silva, 2004). Na perspectiva de González Pérez (1982, citado por Mendes, 2014, p. 114) "os primeiros documentos conhecidos para a Península Ibérica sobre os pombais datam do século XIII (...)". No Douro Superior, a expansão dos pombais conheceu o seu auge no século XIX e na primeira metade do século XX (Mendes, 2014). Em Espanha, no século XV, estas edificações eram especialmente numerosas em Castela e Léon, na comarca natural de Tierra de Campos (García, 1997). Esta comarca é a que possui maior uniformidade de distribuição, densidade e variedade tipológica de pombais, os quais se encontram implantados em diversas altitudes, variando entre os 600 e os 1100 metros (Llanes, n.d.).

Fechados sobre si mesmos, apresentam tipologias de planta circular, quadrada, retangular ou poligonal, embora ostentem elementos

comuns entre eles, nomeadamente a abertura superior para entrada e saída de aves e o interior coberto de nichos numa sucessão quase matemática. Encontram-se presentes no meio de extensos campos agrícolas, como anexos ou ainda sobre o telhado das casas, formando desta forma, parte da habitação (Silva, 2004). Os pombais feitos de barro assumem um conceito arquitetónico entre o romano e o oriental. Os pombais construídos de pedra dividem-se em dois grupos: um mais arcaico, em Trás-os-Montes (Portugal) e Aliste, em Zamora Espanha), com tipologias em ferradura e circular; e outro mais evoluído, em Alba e Tábara, também em Zamora (Espanha), que apesar de possuir características próprias reproduz muitos elementos dos pombais edificadas em terra (Llanes, n.d.).



Fig. 05 | Pombal em Villarrín de Campos, Zamora (Espanha)



Fig. 06 | Pombal em Uva, Vimioso (Portugal)

2.3.4_Pombais no Norte de Portugal

No Norte de Portugal podemos encontrar este tipo de arquitetura vernácula, em número significativo, por todo o Nordeste Transmontano, Beira-Alta e Douro Superior (Mendes, 2014). Segundo Amaro (2010), a edificação dos pombais ocorreu na primeira metade do século XX, mas, sendo difícil assinalar com exatidão a origem dos mesmos devido à ausência de registos escritos ou de carácter popular que referenciem estas construções, outros autores apresentam distintas fundamentações para a sua existência, no norte de Portugal.

Neste sentido, e segundo Nobre (2004, p. 41), os pombais,

(...) provêm de uma possível edificação castreja, em virtude da sua tipologia se similar à usada naquele tipo de arquitetura, se atendermos à sua forma redonda ou arredondada, própria de construções mais simples do que aquelas em que se verifica o domínio do cunhal.

O mesmo autor (2004) coloca a conjectura de os pombais transmontanos poderem advir, do domínio romano ou pré-romano na Península Ibérica, uma vez que existem semelhanças na distribuição das buracas interiores do pombal e os nichos dos columbários romanos. A existência de mosteiros cistercienses que possuíam bens na região do Planalto Mirandês pode ter exercido influência sobre a população, impulsionando a construção de pombais, a fim de obterem um recurso alimentar através da criação de pombas (Nobre, 2004).

No Nordeste Transmontano ou no norte da Beira Alta, estas construções fazem parte da paisagem rural e estão associadas a áreas rurais de baixa densidade construtiva. Integram parte de uma arquitetura tradicional “de produção” e representavam uma das principais atividades económicas da altura (Nóvoa & Martins, 2015b).

Geralmente próximos das povoações, são pequenas construções isoladas que apresentam diversas tipologias, quanto à sua forma, materiais, composição e elementos arquitetónicos (Barbosa, 2000). As técnicas utilizadas, os materiais, as suas formas, implantação e interligação com o meio foram transmitidos entre gerações, adaptando-se às influências de cada época e à sua posição económico-social. Para estas construções, o obreiro empregava

materiais com que a natureza o presenteava, e que representavam menores recursos económicos, resultando em geral, numa perfeita simbiose paisagística (Nobre, 2004).

À semelhança do que acontecia por toda a Europa, os pombais destinavam-se à produção de carne, pois ofereciam as condições necessárias para a nidificação do pombo-da-rocha, permitindo o seu acolhimento, abrigo e reprodução. Por outro lado, possibilitavam explorar, de forma sustentável um recurso que era silvestre, pois embora habitassem os pombais, mantinham a sua natureza selvagem, apenas dependendo do manejo humano em época de escassez de alimento. Permitiam assim, a produção de carne (borrachos) e de estrume (pombinho) que era utilizado como fertilizante nos campos agrícolas (Associação Transumância e Natureza, 2008).

Os pombais tinham ainda um importante papel, na manutenção dos ecossistemas, nomeadamente por as pombas serem as presas preferenciais de aves de rapina como a Águia-real (*Aquila chrysaetos*) ou a Águia-de-bonelli (*Aquila fasciata*) (Nóvoa & Martins, 2015a). Em Portugal, não há documentos que associem a posse de pombais ao estatuto social.

Entre 2001 e 2004, a associação Palombar procedeu ao inventário dos pombais existentes na maioria dos concelhos de Bragança e Guarda, estivessem eles recuperados, decadentes ou em ruínas. Foram registados um total de 3.450 edifícios (Nóvoa & Martins, 2015a).

2.3.5_ Os pombais na arquitetura antiga e moderna

É possível encontrar descrições de pombais em determinados trabalhos teóricos sobre arquitetura, ao longo dos últimos séculos.

Leon Battista Alberti⁶ (1406-1472), no tratado de arquitetura sobre a teoria e prática da arquitetura, conhecido por *De re aedificatoria* (Ten

⁶ Importante filósofo, linguista, escritor e arquiteto italiano do Renascimento, considerado um dos mais importantes representantes da arquitetura renascentista italiana do século XV.

books on Architecture) (1485), descreve a melhor forma de construir um pombal, preocupando-se com o bem-estar do animal.

Andrea Palladio⁷ (1508-1580), famoso arquiteto italiano que publicou um tratado de arquitetura com o nome *I Quattro Libri dell'Architettura* (1570), incorporou pombais nos seus projetos de *Villas*.

O arquiteto Eugène Viollet-le-Duc⁸ (1814-1879) também dedica no seu livro, "*Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle*" (1854), um capítulo ao pombal ou *Colombier*, onde descreve os diversos tipos de pombais existentes no território francês.

Em 1964, o Museu de Arte Moderna em Nova Iorque, mais conhecido por MoMA, inaugurou a exposição fotográfica *Architecture Without Architects*, organizada pelo arquiteto Bernard Rudofsky (1905-1988). Esta exposição deu origem a um catálogo/livro, *Architecture Without Architects – A short Introduction to Non-Pedigreed Architecture* (1964), apresentando entre os muitos exemplos de arquitetura sem arquitetos, os pombais.

Tendo sido os pombos, durante séculos, motivo de veneração, eram inúmeras as praças europeias, onde os pombos voavam livremente, como por exemplo, a praça de S. Marcos em Veneza. Recentemente, no séc. XX, foram deliberadamente inseridos na praça dos Três Poderes, na cidade de Brasília, pombos e um pombal, recriando-se uma característica de muitas praças europeias. *O Pombal* (1961) foi desenhado pelo arquiteto Óscar Niemeyer a pedido da esposa do então presidente do Brasil, Jânio Quadros, por considerar que uma praça deveria ter pombos (Macedo, 2009).

Também Salvador Dalí, nos jardins da sua casa em Port Lligat, Espanha, construiu um pombal, edifício que se destaca por ser adornado com forquilhas de madeira e um ovo no alto do telhado (Fundación Gala-

⁷ Arquiteto italiano considerado o maior arquiteto do séc. XVI no Norte de Itália. O seus projetos de palácios e *Villas*, e o seu tratado de arquitetura fizeram dele uma das figuras mais influentes da arquitetura ocidental

⁸ Arquiteto francês ligado à arquitetura revivalista do século XIX e um dos primeiros teóricos da preservação do património histórico

Salvador Dalí, n.d.).



Fig. 07 | Pombal mandado construir por Salvador Dalí, em Port Lligat



Fig. 08 | O Pombal, desenhado pelo arquiteto Óscar Niemeyer

Com efeito, nos tempos modernos não foi só o arquiteto Óscar Niemeyer que desenhou e projetou pombais. Este projeto singular, nos dias de hoje, foi abraçado tanto por arquitetos como por designers. A designer industrial Matali Crasset, criou a *Capsule* em 2003, um pombal que se encontra situado no Parque de Lazer de Val de Riot localizado em Caudry, na França (Crasset, 2004).



Fig. 09 | *Capsule*, da autoria da designer Matali Crasset



Fig. 10 | "Pombal contraceutivo" situado na Praça Alban Satrogne (Paris)

Recentemente, em resposta à reprodução livre dos pombos nas cidades, surgiram por todo o mundo "pombais contraceutivos", que são uma forma prática de manter a população de pombos controlada e saudável (Pessoas-Animais-Natureza, 2015).

2.4_Caracterização dos pombais

2.4.1_Funções

Sendo a região de Trás-os-Montes e Alto Douro uma área predominantemente rural, os pombais enquadravam-se na economia de montanha, caracterizada por uma agricultura de subsistência com grande dependência da produção pecuária, sendo provável que originalmente estes tenham servido como um sistema complementar de produção de alimento (Fernandes & Monteiro, 2004).

Neste sentido, e como já referimos, as principais funções destas construções são a criação das pombas, para aproveitamento dos borchos para alimentação, e para a produção de estrume, denominado por pombinho, que se acumula no interior do pombal (Gaspar, 2008).

Paralelamente, muitos destes pombais tradicionais tinham no entanto, um papel social de ostentação de riqueza e poder, representando a posição social dos proprietários, que normalmente eram famílias nobres ou abastadas, e também do clero.

Noutros casos, evidenciavam preocupações estéticas e decorativas por parte da população rural, num certo culto ao pombo, uma vez que este animal sempre foi um símbolo da paz, da pureza, da fidelidade e do divino.

Assim, e em resultado deste culto ao pombo, que é passado de geração em geração, ainda é possível encontrar verdadeiras obras de arte da arquitetura vernácula, que foram povoadas e mantidas até aos dias de hoje. Desta forma, os pombais ganharam um lugar de destaque na história e na vida cultural das aldeias desta região (Fernandes & Monteiro, 2004).

2.4.2_Implantação e exposição solar

Uma das principais condicionantes a nível construtivo, era o local onde estes eram implantados, devido à falta de instrumentos e técnicas insuficientes para a construção das fundações. Assim, e sempre que

possível, como refere Nobre (2004, p. 49), eram “implantados preferencialmente numa cortinha, sobre as rochas ou onde não prejudicassem o terreno de cultivo, (...) individualmente ou em grupos, não muito longe das povoações, para uma melhor vigilância e proteção”.

No entanto, por vezes eram construídos em terrenos cultivados, pois facilitava a distribuição do estrume produzido, principalmente em zonas, onde se cultivavam cereais, o que também facilitava o acesso dos animais ao alimento (Nóvoa & Martins, 2015b).

Com efeito, verificamos uma clara tendência para a construção dos pombais em encostas ensolaradas, com a parte da frente do pombal, onde se encontram incorporadas as saídas de voo, voltadas para Nascente, Sudeste e Sul, mantendo a exposição solar durante mais tempo. Esta característica facultava uma maior luminosidade no interior do pombal, assim como, uma temperatura amena e seca ao longo do ano, mais ajustada às condições exigidas pelo habitat das pombas.

Outra das características que pode influenciar a orientação do pombal é a inclinação do terreno, sendo o pombal implantado sempre no sentido da vertente (Nobre, 2004; Noro, 2008).

2.4.3_Tipologias

As variações de formas e elementos arquitetónicos e de materiais usados nas construções dos pombais torna difícil agrupá-los em tipologias restritas. Contudo, podemos referir que os pombais existentes no Nordeste Transmontano são na grande maioria, de planta circular ou em ferradura, no entanto também existem outras tipologias, as quais se passam a descrever de forma breve e com base nos documentos analisados (Amaro, 2010).

Quadrada

Esta tipologia de pombal apresenta uma planta quadrangular. Em geral, o telhado é de uma água, raramente duas, capeado debaixo

do beirado em posição frontal, com presença de corta-vento e cobertura em telha de canudo. As saídas de voo encontram-se debaixo do beirado em posição frontal. A sua presença é notada no concelho de Freixo-de-Espada-à-Cinta, havendo exemplares dispersos pela região da Terra Quente Transmontana. Existem referências a esta tipologia desde meados do séc. XX (Noro, 2008; Mendes, 2014).

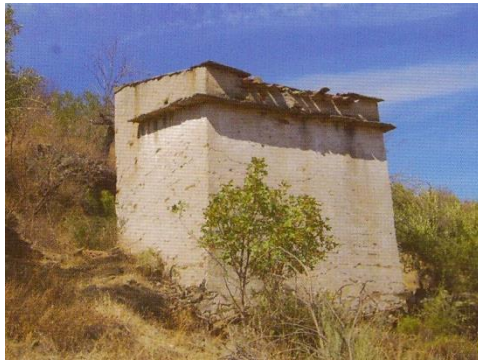


Fig. 11 | Pombal de tipologia quadrangular



Fig. 12 | Pombal de tipologia circular com telhado cónico

Ferradura

Esta tipologia de pombal, apresenta uma planta semicircular, em forma de ferradura. Possui um alçado plano e telhado de uma água, por vezes dividido em “duas faces”. As saídas de voo encontram-se debaixo do telhado, em posição frontal ou a meio deste, por vezes na lateral. A cobertura é em telha de canudo ou ardósia e apresenta um corta-vento por vezes lajeado com ardósia ou telha. A sua presença é notada em toda a região de Trás-os-Montes e Alto Douro, sendo muito abundante nos concelhos da Terra Fria Transmontana. Existem referências a esta tipologia desde inícios do séc. XIX, sendo comum durante todo o séc. XX (Noro, 2008; Mendes, 2014).

Circular de uma água

Esta tipologia de pombal apresenta uma planta circular, por vezes oval. O telhado é de uma água, em geral com corta-vento em forma

de ferradura, capeado debaixo do telhado e com cobertura em telha de canudo ou ardósia. As saídas de voo encontram-se debaixo do telhado, em posição frontal, por vezes lateral e/ou no telhado. A sua presença é notada em todos os concelhos da região da Terra Fria Transmontana. Existem referências a esta tipologia desde meados do séc. XIX, sendo estas comuns durante todo o séc. XX (Noro, 2008; Mendes, 2014).

Circular de duas águas

Esta tipologia de pombal apresenta uma planta circular, por vezes semicircular (em ferradura). O telhado é de duas águas e a cobertura em telha de canudo, capeado debaixo do beirado, onde se encontram as saídas de voo. A sua presença é notada na região da Beira-Alta. São muito escassos na região da Terra Quente Transmontana. Existem referências a esta tipologia, desde meados do séc. XIX (Noro, 2008).

Circular com telhado cónico

Esta tipologia de pombal apresenta uma planta circular. O telhado é composto por uma asna em madeira, onde assentam caibros que suportam as telhas de canudo, capeado debaixo do beirado, onde se encontram as saídas de voo. O cume é adornado com pináculo em cerâmica ou pedra. A sua presença é notada na região da Beira-Alta, havendo exemplares na região da Terra Quente Transmontana. São muito escassos na restante região de Trás-os-Montes. Existem referências a esta tipologia desde inícios do séc. XX (Noro, 2008; Mendes, 2014).

Como referido, a maioria dos pombais existentes no Nordeste Transmontano são de planta em forma de ferradura. Já com planta de forma circular, surgem muitos exemplares nas aldeias situadas na zona Sul do distrito de Bragança. Em menor número aparecem pombais

com planta circular com cobertura cónica e de duas águas, assim como de forma retangular ou com planta de forma quadrada.

As diversas tipologias apresentam características comuns, nomeadamente relativas às dimensões e materiais utilizados. Em geral, são caiados integralmente ou têm pedras à vista nas padeeiras.

Quanto às áreas destas construções, para Nobre, (2004, p. 51) estas são muito semelhantes, pois,

(...) as suas dimensões interiores encontram-se compreendidas entre os 4 e os 5 metros de diâmetro, nos de corpo cilíndrico, e de semelhante dimensão no eixo de simetria, nos de ferradura, ou em qualquer um dos lados, nos de planta quadrada. A altura oscila, também, entre os 4 e os 5 metros, no ponto mais elevado da parede, situando-se a parte mais baixa, onde termina o telhado, à volta dos 3 metros de altura.

2.4.4_Componentes arquitetónicas

Paredes

Na construção dos pombais foram sempre utilizados materiais recolhidos, no meio envolvente. As paredes, muito largas, são construídas em alvenaria de pedra (granito e xisto), sem dúvida, devido às técnicas de construção inerentes ao uso deste tipo de materiais. Esta característica conferia uma boa regulação térmica ao edifício, reforçada pela adição de barro e pedras miúdas entre os blocos de xisto, as quais se desenvolvem até à altura do telhado, a partir do qual ganha forma o corta-vento. A sua espessura situa-se nos 0,70 m, embora nalguns pombais possa ser menor e noutros atinja os 0,90 m. É de notar que nesta dimensão já se incluem as buracas que se situam no seu interior (Amaro, 2010; Nobre, 2004; Noro, 2008).

Reboco

O reboco do exterior com cal e areia é comum em quase todos os pombais, sendo talvez a característica mais distinguível mesmo a nível paisagístico. A sua origem e função são incertas, pois o reboco podia ficar sem pintura, tal como se observa na maioria dos pombais de Espanha e França. Contudo, a pintura branca, a cal, poderia servir para que as pombas distinguissem o pombal ao longe, orientando-se desta forma com mais eficácia. Este reboco é sempre muito fino, para impossibilitar a subida de predadores e para proteger a entrada da chuva, do vento e a consequente deterioração do edifício e do pouco aconchego do animal. Por outro lado, o branco da cal reflete a luz solar nos meses de Verão, como é bem exemplificado, na habitação alentejana. Outro princípio para a utilização da caição, deve-se a esta estar associada a características de desinfeção, acautelando o possível aparecimento de doenças nas pombas residentes (Amaro, 2010; Mendes, 2014; Noro, 2008; Nobre, 2004).

Cobertura

As coberturas são revestidas em telha de capa-canal, geralmente corrida e colocada a uma só água, com uma inclinação que ronda os 15°. O telhado é sustentado por ripas, que se apoiam em caibros e estes, por sua vez, em vigotas de freixo, zimbro ou carvalho, em número de uma ou duas, que são incrustadas nas paredes. Acompanhando o contorno da parede interior do corta-vento e inseridas em parte neste, ressaltam lajes de piçarra, que se encontram por cima das telhas e se dispõem umas sobre as outras, tipo escama de peixe (Nobre, 2004).

Estruturas anti predadores

Na parte exterior da parede, salienta-se a toda a volta, um beiral em pedra, por vezes em chapa, embora nalguns pombais, o beiral faça uma quebra angular, a fim de se situar por baixo das aberturas das

saídas de voo. Este é constituído por lajes de xisto, dispostas em escama de peixe, que saem uns 0,3 m da parede, destinando-se, essencialmente, a proteger dos animais predadores, as buracas por onde as pombas entram. Servem ainda de poiso às pombas, podendo também resguardar a parede da água.

Todos os pombais, de acordo com a sua tipologia, possuem estas estruturas de proteção, proporcionando desta forma uma maior acessibilidade das pombas ao pombal (Nobre, 2004; Mendes, 2014).

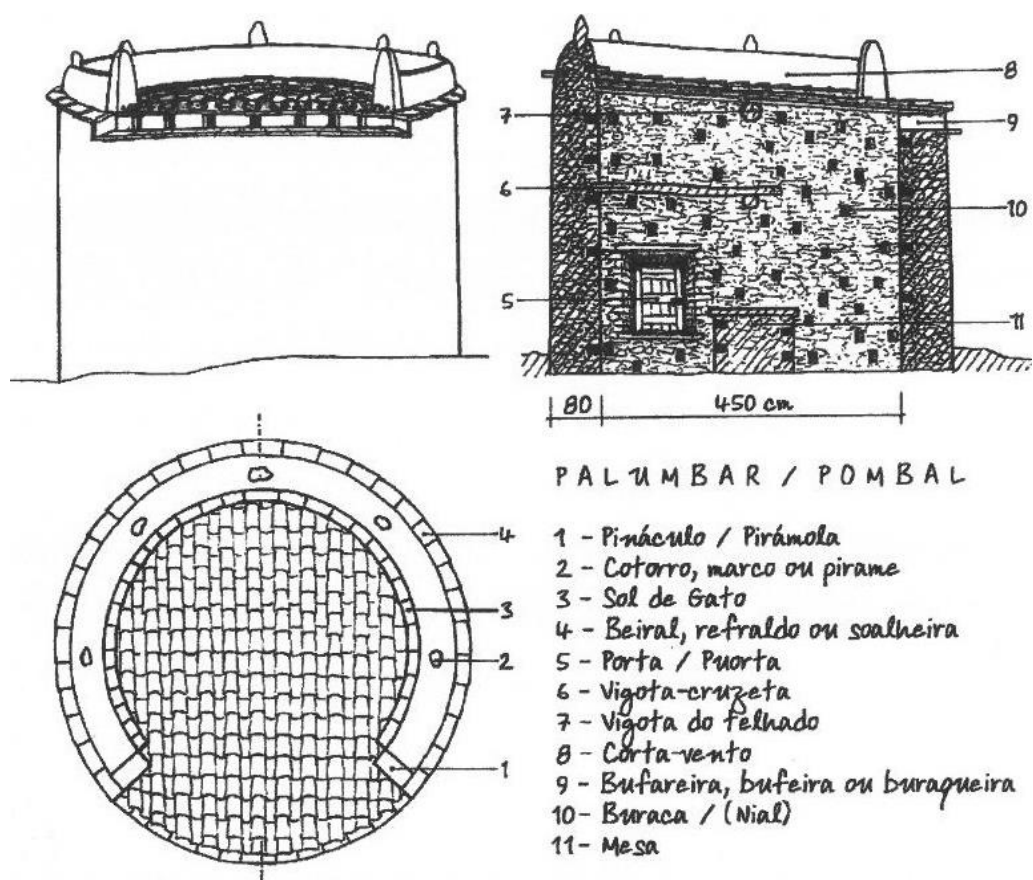


Fig. 13 | Componentes arquitetónicas num pombal de tipologia circular

Corta-vento

O corta-vento aparece nos pombais de planta circular e de ferradura, e é constituído por paredes que se elevam entre 0,50 m e 0,80 m acima do telhado. Este serve para proteger as saídas de voo dos

ventos dominantes, principalmente quando provenientes do sentido Norte, permitindo, assim melhores condições para que as pombas possam permanecer no telhado do pombal.

A face superior do corta-vento é semicilíndrica ou capeada por lajes de xisto encadeadas umas sobre as outras, formando o beiral de cima, cuja função é a de proteger as frestas da possível infiltração da água das chuvas, e consequente degradação das paredes do pombal (Nobre, 2004; Barbosa, 2000).

Pináculos

Um dos elementos que concede e promove maior diversidade aos pombais são os adornos de variadas formas e materiais, os quais são colocados no corta-vento. Estes podem ser blocos de pedra (ricas em quartzo) ou elementos trabalhados e decorados, em barro ou cerâmica. Destinam-se essencialmente, a simular que estão pombos pousados no pombal, promovendo a atração de outras aves e a dissuasão dos predadores. Para além desta utilidade, os adornos devem ser chamativos e facilmente visíveis do ar, o que facilita o reconhecimento e identificação do local por parte das pombas em voo. Servem também para ornamentar e enfeitar estas construções, assim como de chamariz às pombas e aos estorninhos (coabitantes do pombal) (Nobre, 2004; Barbosa, 2000; Noro, 2008).

Saídas de voo

As saídas de voo são as aberturas que permitem a entrada e saída das pombas, bem como entrada de luz e de ar, e o seu consequente arejamento. Estas localizam-se na parte superior da parede ou mesmo no telhado, e caracterizam-se por pequenas aberturas, por onde cabe apenas a pomba. Distribuem-se de forma algo separada entre si, em número compreendido entre quatro a sete unidades. Também é possível verificar algumas construções com o telhado desnivelado em diferentes lances, servindo o desnível entre os lances para a

localização de saídas de voo. Por vezes, mas não tão comum, as saídas de voo estão situadas em estruturas próprias que se destacam do telhado. Nas saídas localizadas nas paredes, a soleira da abertura prolonga-se para o exterior, formando um patamar que se designa por rampa de voo. Esta consiste num patamar corrido, de lajes salientes, que abrange todas as saídas de voo dessa parede, o que confere proteção contra predadores (Nobre, 2004; Barbosa, 2000).

Porta de acesso

Os pombais possuem uma única porta de acesso, geralmente retangular, medindo entre os 0,60 e 1 m de largura, por uma altura variável entre 1 e 1,50 m. Por vezes, esta porta mais parece uma janela, porque se situa, sensivelmente a 1 m acima do nível do solo. Esta característica evita a entrada de roedores e répteis, bem como protege a porta do apodrecimento, devido ao estrume existente no pombal, que só era retirado anualmente. Geralmente, a porta era trabalhada em madeira de freixo, carvalho ou negrilho e abria para o interior. A colocação da porta atende a dois fins específicos, sendo um deles o posicionamento, de forma a serem melhor vigiadas pelos proprietários e pela população, e o segundo tem em mente a proteção da porta da água das chuvas, colocando-a no lado menos exposto. Assim, não é raro observar posições distintas entre porta e orientação geral da construção. Inicialmente, a porta era sempre em madeira, mas com as situações crescentes de pilhagem, que acompanharam o abandono agrícola generalizado, muitos proprietários foram substituindo este material por ferro, ou reforçando-as com ferro e painéis de chapa de zinco (Nobre, 2004; Barbosa, 2000; Noro, 2008).

Mesa de alimento

Quase todos os pombais possuem uma mesa de alimento, a qual se localiza no centro do interior do pombal. Consiste numa laje (circular

ou retangular) com cerca de 2,00 m² e a cerca de 1,00 m do solo, apoiada em estruturas maciças de pedra. A mesa serve para depositar o grão que garante a sobrevivência dos animais durante os meses de Outono e Inverno, meses em que os alimentos escasseiam na paisagem. Com frequência existe uma pia, de pedra, que serve para bebedouro (Nobre, 2004; Barbosa, 2000; Noro, 2008).

Ninhos

Os ninhos servem para as pombas nidificarem, e estão localizados no interior dos pombais, os quais ocupam quase todo o paramento interior. São muito semelhantes em todas as tipologias. Os ninhos consistem numa cavidade em forma de paralelepípedo, realizada no ato da construção. Têm uma profundidade que varia entre 0,10 e 0,30 m, uma largura que varia entre os 0,15 e os 0,20 m e uma altura que oscila entre os 0,20 e os 0,25 m, aproximadamente. Alguns ninhos possuem ainda, uma pedra inferior que se prolonga da parede uns 0,20 a 0,30 m, e que se destina a servir de patamar, onde as pombas poisam e os proprietários utilizam quando vão retirar os borrachos. Estas aberturas estão afastadas umas das outras, por uma distância reduzida e o seu alinhamento é realizado verticalmente ou horizontalmente, dependendo do seu construtor. Cada pombal possui entre 200 e 300 ninhos (Nobre, 2004; Barbosa, 2000).

Pavimento

O pavimento do pombal pode ser em terra batida ou lajeado. Como referimos, destina-se à produção de estrume. Para isso, coloca-se palha, à qual se vão misturando os excrementos das pombas. Posteriormente, e uma vez por ano, retira-se a mistura na altura de plantar as hortas ou das sementeiras, para fertilização dos campos agrícolas (Nobre, 2004).

Parte 3_Contextualização



3.1_Enquadramento geográfico

As questões referentes ao enquadramento geográfico de uma localidade referem-se a uma área de estudo e não apenas a um local, excetuando características muito singulares. Perante a escassez de informação relativa e especificamente, à aldeia de Uva, os conteúdos abordados neste capítulo irão incidir, sempre que se justifique, sobre a região do Planalto Mirandês, zona demarcada que integra a Terra Fria do Nordeste Transmontano¹ e sobre o concelho, onde se integra a freguesia em estudo.

3.1.1_Localização e demografia

A aldeia de Uva localiza-se no Noroeste de Portugal, na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, e é uma das 10 freguesias do concelho de Vimioso que faz parte do distrito de Bragança. Situada a uma distância de 17 quilómetros da sede de concelho e a uma pequena distância do Rio Angueira, integra a União de Freguesias de Algosó, Campo de Víboras e Uva, tendo como aldeias adjacentes Mora e Vila Chã.

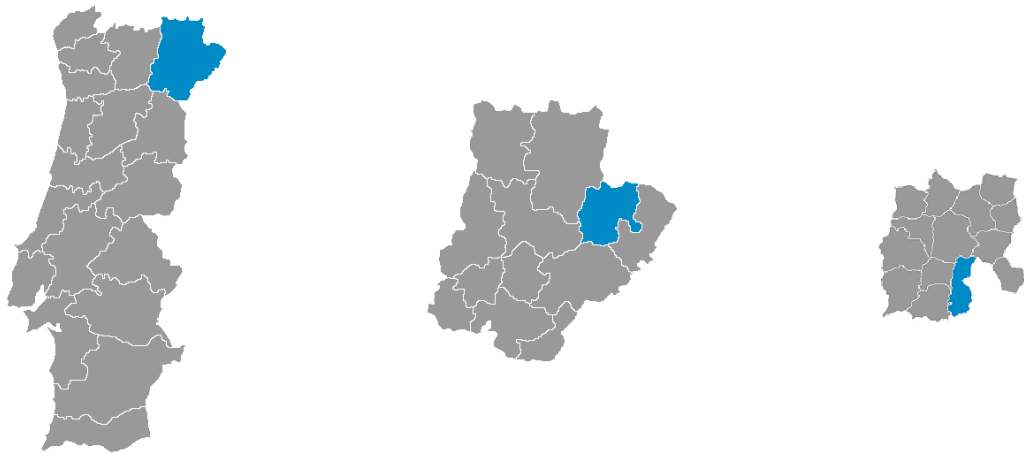


Fig. 14 | Localização da freguesia de Uva (sem escala)

A aldeia de Uva incorpora a região do Planalto Mirandês, que inclui os

¹ Território situado no Nordeste Transmontano que abrange cinco dos doze concelhos do distrito de Bragança – Bragança, Miranda do Douro, Mogadouro, Vimioso e Vinhais.

concelhos de Vimioso, Miranda do Douro e Mogadouro e, do ponto de vista geoclimático, ainda a parte norte do concelho de Freixo de Espada à Cinta.

Com uma área de 34.59 km², tinha em 2011, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, 131 habitantes, detendo uma densidade populacional de 3.8 habitantes/km². Sendo a densidade populacional do Planalto Mirandês uma das mais baixas do País, a evolução da sua população caracterizou-se por descidas demográficas sucessivas, a partir da década de 60. Tem presentemente, uma população envelhecida, na qual o número de idosos está a aumentar e o número de jovens a registar um decréscimo expressivo (Gomes, Alencão & Sousa, 2012).

Desde sempre considerada uma terra fértil e abundante em recursos naturais, é natural que a sua população se dedique, na sua grande maioria, à agricultura e pecuária. Na agricultura, os principais produtos cultivados, atualmente são o trigo, centeio, aveia, milho, batata e vinho e na pecuária, assumem especial primazia, o gado bovino e ovino.

O município de Vimioso está numa situação periférica em termos de acessibilidades quer à rede regional quer em termos nacionais. No entanto, a sua proximidade e vizinhança com Espanha e as futuras ligações previstas a Alcañices poderão tornar Vimioso um importante corredor terrestre à Europa, com a ligação à rede de autoestradas europeias. No âmbito nacional, o IC5 que passa nos concelhos vizinhos de Mogadouro e Miranda do Douro fortaleceu as relações internas destes concelhos (Câmara Municipal de Vimioso, 2011).

3.1.2_Orografia e declive

A região de Trás-os-Montes e Alto Douro apresenta características muito peculiares e únicas que a diferenciam das remanescentes regiões portuguesas, em particular de todo o Noroeste Atlântico. Os seus desníveis geomorfológicos favorecem o isolamento, das suas

localidades e o afastamento dos seus habitantes do poder central e dos grandes núcleos urbanos, incentivando um relativo isolamento social (Nobre, 2004).

Os vales encaixados dos rios Sabor, Maçãs e Angueira constituem a chave para o desenvolvimento do relevo. Pois, são eles mesmos que definem contrastes, paisagens e acessibilidades, alternando vales escarpados com características geológicas variadas, encostas pedregosas e leitos aplanados.

No concelho de Vimioso predominam os terrenos com cotas entre os 500 e os 800 metros (88%), o que revela como grande parte do concelho se localiza no Planalto Mirandês (Câmara Municipal de Vimioso, 2011).

Caracterizado por Sanches (2013), como uma “paisagem monótona”, o Planalto Mirandês, corresponde, geográfica e topograficamente, ao prolongamento, a Oeste do Douro Internacional², das superfícies planálticas e erodidas do Noroeste da Meseta Ibérica³ (Sanches, 1989). A superfície aplanada tem portanto, continuidade, nos dois lados da fronteira: do lado português é denominada como Planalto Mirandês e do lado Espanhol é designada como planície “Salamantina-Zamorana” (Patalão, 2011). É formado por uma sucessão de planaltos, fruto de uma forte atividade erosiva o que dá origem a uma peneplanície, que se mantém a uma altitude variável entre os 700 e os 800 metros (Nobre, 2004).

No concelho de Vimioso a classe de declive dominante é de 0-15%, o que corresponde a terrenos suaves a moderados, sendo a classe superior a 60% a que ocupa menor área. As áreas de declives

² Constitui uma faixa de território que acompanha o curso do Rio Douro, incidindo em território dos concelhos de Miranda do Douro e Mogadouro. Foi criado com o objetivo de garantir a conservação de uma área com elevada sensibilidade ecológica. O PNDI é abrangido pela Zona de Proteção Especial do Douro Internacional e Vale do Rio Águeda, da Rede Natura 2000. Classificado pelo Decreto-Lei nº 8/98, de 11 de Maio.

³ Unidade morfológica que se ergue no interior da Península Ibérica e que configura um planalto central, isto é, uma extensa superfície de erosão com cerca de 650 metros de altitude média. Tem uma superfície de 210000 km² abarcando mais de um terço do território espanhol.

superiores a 25% ocupam uma área significativa do território e localizam-se sobretudo, nos vales encaixados dos rios Sabor, Maçãs e Angueira (Câmara Municipal de Vimioso, 2011).

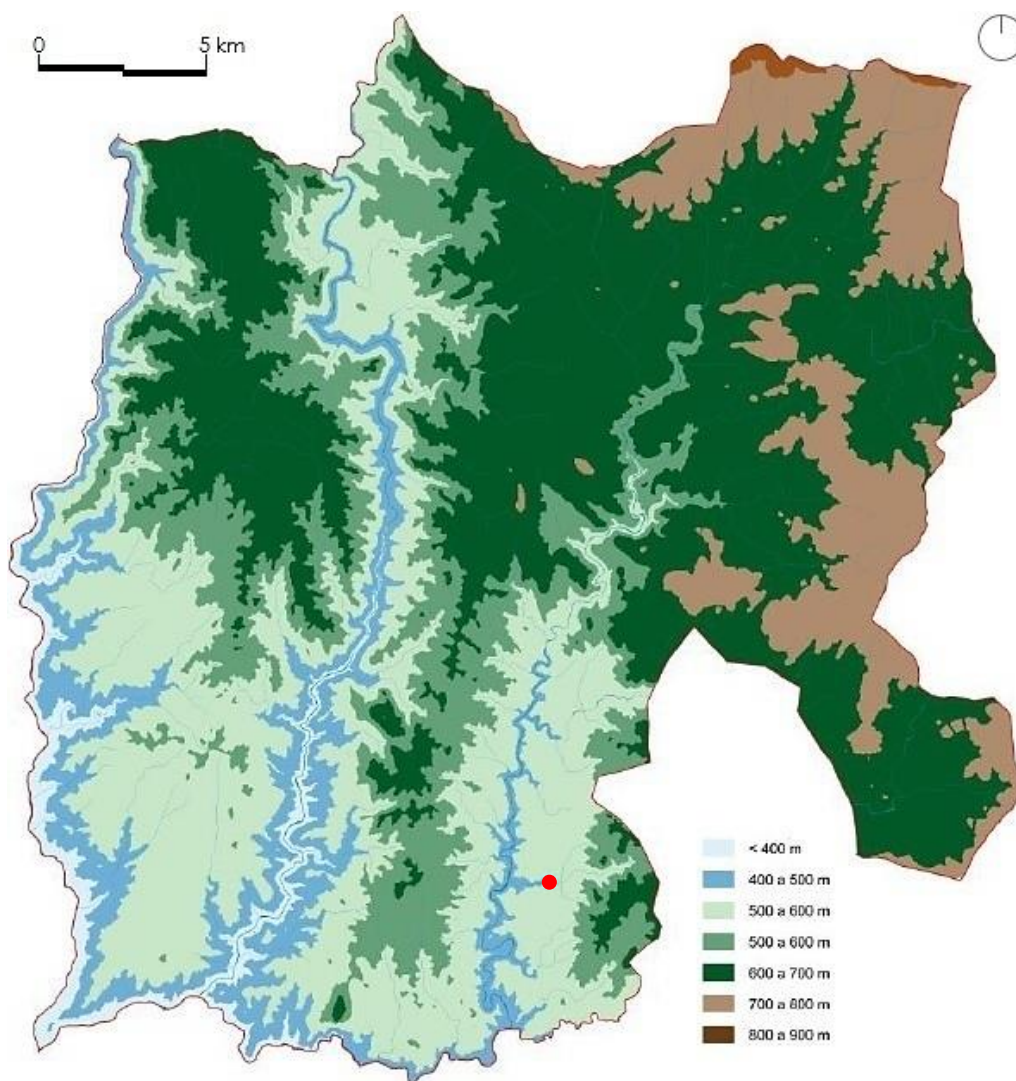


Fig. 15 | Altimetria, concelho de Vimioso

No concelho de Vimioso a classe de declive dominante é de 0-15%, o que corresponde a terrenos suaves a moderados, sendo a classe superior a 60% a que ocupa menor área. As áreas de declives superiores a 25% ocupam uma área significativa do território e localizam-se sobretudo, nos vales encaixados dos rios Sabor, Maçãs e

Angueira (Câmara Municipal de Vimioso, 2011).

3.1.3_Hidrografia

O concelho de Vimioso encontra-se inserido na Bacia Hidrográfica do Douro e sub-bacia do rio Sabor. Está atravessado longitudinalmente e em toda a sua extensão pelos rios Sabor (a Poente), Maçãs e Angueira, originando vales encaixados de difícil transposição e acesso. Apesar da sub-bacia do Sabor ser a maior bacia hidrográfica do rio Douro em território nacional, o seu escoamento anual é pouco significativo face à totalidade da bacia. A água é muito utilizada para fins agrícolas e agropecuários, sendo também uma área afetada, frequentemente, por episódios de seca. Apesar das atividades referidas anteriormente, constituírem não raras vezes uma ameaça aos recursos hídricos, a qualidade da água da sub-bacia do rio Sabor é, geralmente boa.

Em Vimioso a rede hidrográfica tem uma orientação Norte - Sul, sendo os principais cursos, e com água permanente, os dos rios Sabor, Maçãs e Angueira. No entanto, é notório, que no caso do rio Angueira o escoamento superficial se encontra muito dependente da ocorrência de precipitação, registando-se caudais mais elevados, no período de Inverno, quando a precipitação é maior e caudais menores, na época de Verão. As restantes linhas de água, apesar da sua importância ecológica e ambiental, secam durante o período estival.

O rio Sabor localiza-se a Poente, zona limítrofe do concelho de Vimioso e faz fronteira com os concelhos de Macedo de Cavaleiros e Bragança, sendo que apenas a margem esquerda pertence a Vimioso. O rio Angueira localiza-se a Este dos rios Maçãs e Sabor. Por sua vez, o rio Maçãs situa-se entre os dois, Sabor e Angueira, por conseguinte, todos eles estão no quadrante Poente do concelho. O rio Angueira corre em leito mais elevado e inclinado do que os restantes, numa bacia assimétrica, com cumeadas mais elevadas a Poente. Os rios Maçãs e Angueira, afluentes do rio Sabor, constituem o limite Sul

do concelho, na fronteira com os concelhos de Mogadouro e Miranda do Douro e inletem para Oeste, até confluir com o rio Sabor, no limite dos concelhos de Mogadouro, Macedo de Cavaleiros e Vimioso.

A nível de águas termais destacam-se as águas sulfúreas, das Termas da Terronha, em Vimioso. Estas águas minerais naturais localizam-se na margem direita do rio Angueira, apresentando uma mineralização total de 440 mg/l, bicarbonatada sódica, com elevados teores de pH, flúor e sílica (Câmara Municipal de Vimioso, 2011).

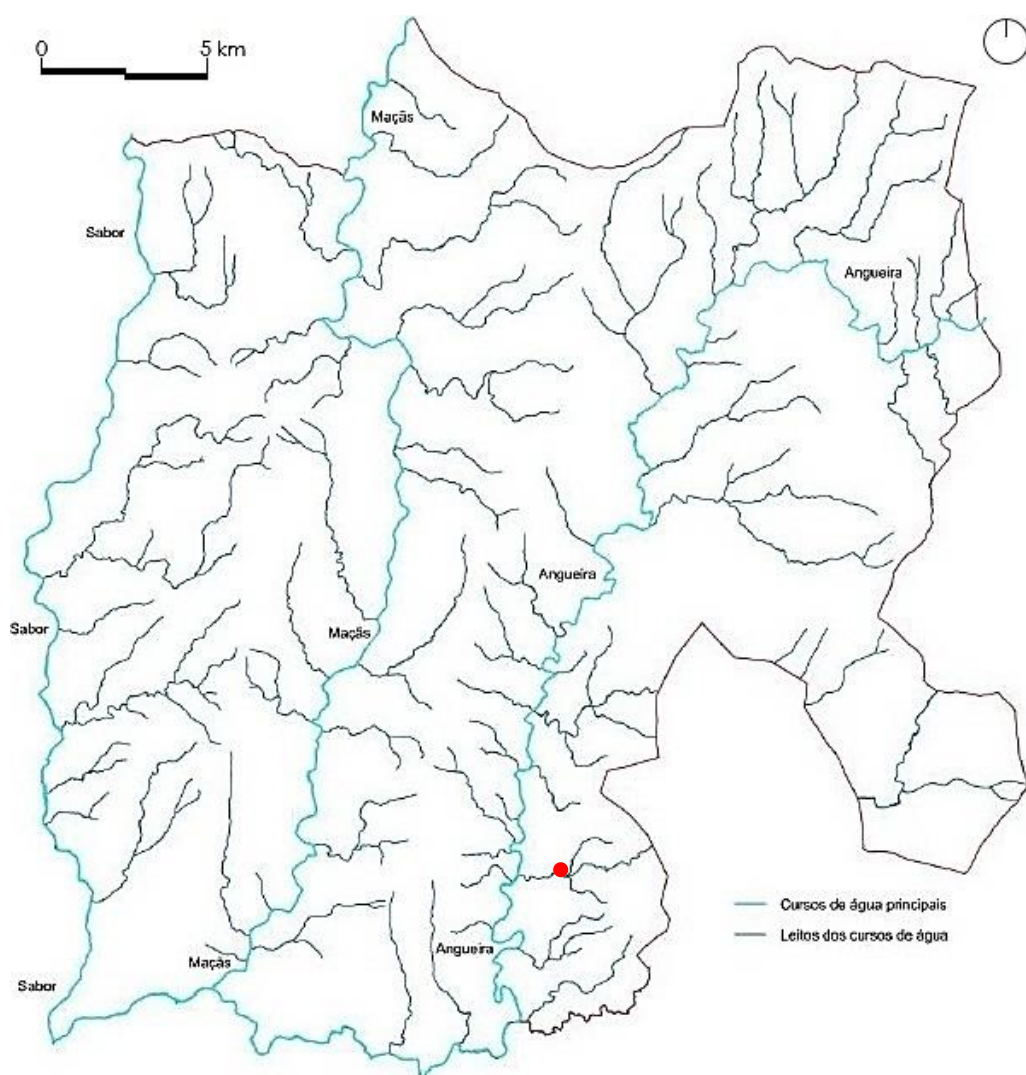


Fig. 16 | Cursos de Água, concelho de Vimioso

3.1.4_Solos

Os solos do Planalto Mirandês são formados por quatro tipos diferentes de material originário de granitos, xistos, rochas básicas e ultra-básicas e rochas sedimentares. Predominam os leptossolos, cerca de 81%, estando ainda representados com alguma importância os cambissolos com 10% da área total da região. Na restante área encontram-se solos pertencentes aos fluvisolos, alissolos, luvisolos e antrossolos. Os solos apresentam texturas, maioritariamente franco-arenosas. No caso dos solos derivados de xistos, existe domínio de areia fina sobre a grossa. Ao invés, no caso dos solos derivados de granitos, ocorre domínio de areia grossa sobre a fina. A esta característica distinta corresponde diferente disponibilidade de água, sendo maior nos solos derivados de xistos e condicionada pela espessura (Andrade, 1997).

Os granitos têm maior expressão no Planalto Mirandês, comparativamente a outras áreas do Nordeste Transmontano (Pires, 1998). As rochas graníticas formam uma faixa importante na Serra de Lagoaça, e uma orla na margem do Douro, desde Freixo de Espada à Cinta até além de Miranda do Douro, onde se alarga para oeste até próximo de Vimioso. Os xistos preenchem toda a extensão de terreno, onde não surgem os granitos. Com efeito, é pertinente destacar ainda, também destaque a uma zona calcária que se estende de Vimioso a S. Pedro da Silva, em Miranda do Douro, onde se encontram mármore e alabastros⁴, diminutos na região transmontana (Marques, 2014).

O solo pobre e pouco profundo, armazena, pois pouca quantidade de água, fator condicionante do sistema agrícola, na medida em que o terreno não se adequa a culturas de elevada rentabilidade (Nobre, 2004). Em contrapartida, nos meses mais chuvosos, surgem regularmente no planalto pequenos vales de altitude, por onde

⁴ Designação de duas espécies minerais de composição diferente, uma (alabastro calcário) que pode apresentar cores variadas como branco leitoso, cor de mel, castanho, vermelho ou raiado, e é em geral translúcida, e a outra (alabastro branco vulgar), que é menos diáfana, de menor dureza e menos suscetível ao polimento, podendo apresentar uma cor branca muito pura, também denominada alabastrite.

escorrem, sob a forma de riachos ou ribeiras, as águas da chuva. Tais cursos de água, embora temporários, quebram a aparente monotonia da paisagem e criam uma inesperada alternância de solos áridos, propícios à agricultura cerealífera, com pequenos vales viçosos, frequentemente arborizados e reservados para o pasto ou para a horticultura com uso do regadio (Sanches, 2013).

3.1.5_Clima

Como descreve Nobre (2004, pp. 14-15),

o clima revela-se como um dos fatores geográficos de maior relevância, pois exerce uma profunda influência, quer na estrutura geológica dos solos e, conseqüentemente na sua atividade agrícola, quer na distribuição dos elementos bióticos – animais, plantas e o próprio homem –, regulando, desta forma, todos os aspetos de índole económica e social.

Em termos climáticos, a aldeia de Uva, apresenta características de clima mesomediterrâneo, tal como a região do Planalto onde se insere, pois apresenta menor altitude e encontra-se relativamente próxima dos vales dos rios Angueira e Maças. Nobre (2004), refere-se ao Planalto Mirandês como uma zona com um grande contraste a nível climático, sendo a amplitude térmica muito elevada. A seguir a uma curta Primavera seguem-se três meses de Verão quente, e depois de um breve período de Outono segue-se um Inverno longo com baixas temperaturas, existindo um ditado popular que caracteriza o clima desta região: “nove meses de Inverno e três meses de inferno”. A região caracteriza-se por uma temperatura média anual entre os 10 e os 12.5°C (Costa, 2012). A temperatura do ar é o elemento climático

mais sensível e determinante, na adaptação dos seres vivos ao meio ambiente.

A humidade relativa do ar em Vimioso é, em média, superior a 60%, com valores no Verão de 50% e de Inverno superiores a 70%. Verifica-se uma gradual diminuição da humidade relativa durante o dia.

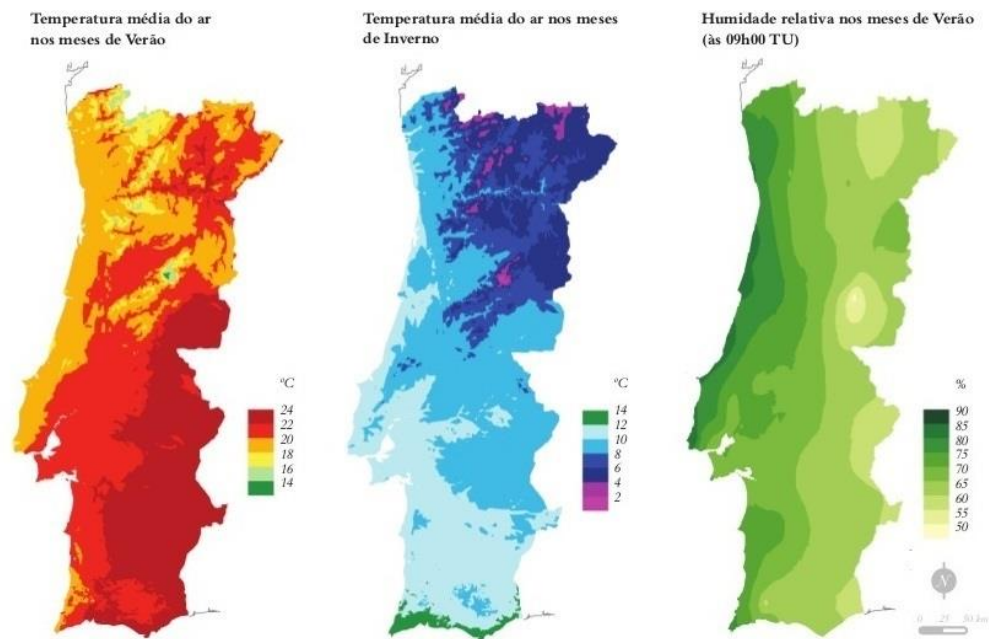


Fig. 17 | Temperatura média do ar nos meses de Verão e Inverno e humidade relativa nos meses de Verão

O Verão é mais quente e seco que noutras zonas de Trás-os-Montes, com temperaturas médias mensais, no mês mais quente de 20 a 21°C, verificando-se apenas 500 a 800 mm de precipitação média anual (Martinho, 2009). Apesar do Inverno prolongado, a precipitação regista valores anuais mais baixos do que no Noroeste de Portugal, devido à barreira de condensação constituída pelas serras do Gerês, Alvão e Marão (Limão, 2004).

Os nevoeiros são fenómenos tipicamente inverniais, ocorrendo em média 7 dias por mês, nos meses mais frios. As zonas de maior altitude do concelho estão sujeitas a nevoeiros mais prolongados, assim como os vales encaixados da região.

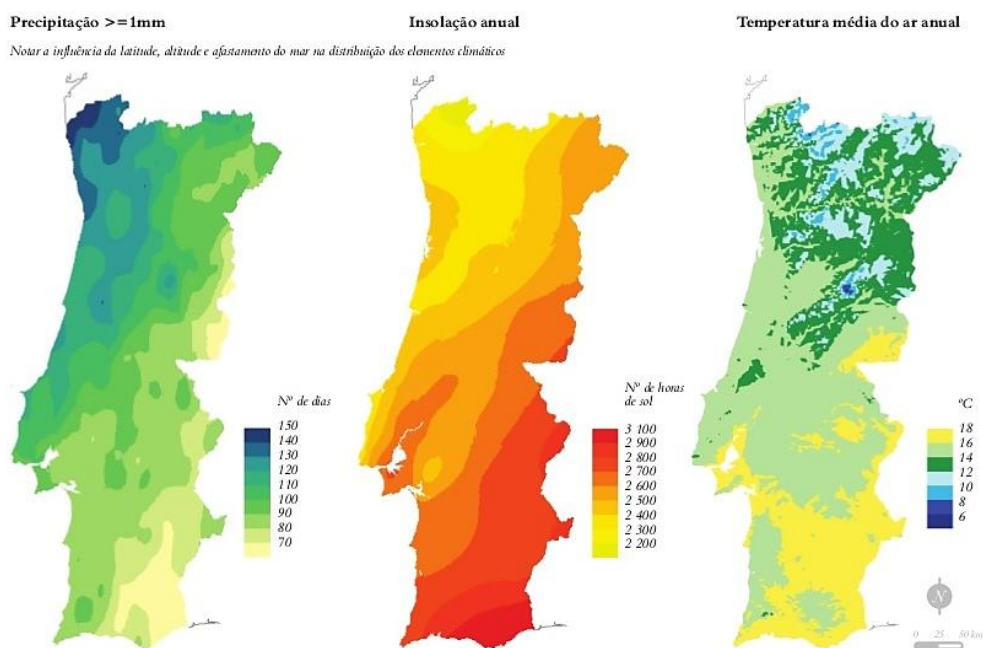


Fig. 18 | Precipitação, insolação anual e temperatura média do ar anual

Quanto aos fenómenos de geada, que ocorrem quando se registam valores negativos da temperatura do ar, principalmente de novembro a março, verificam-se cerca de 1 em cada 3 dias, esta proporção aumenta para 1 em cada 2 dias em janeiro.

Nesta região, tal como acontece nos concelhos mais próximos, dificilmente se reúnem as condições para a precipitação de neve seca, ocorrendo, por isso, sob a forma de flocos grandes e macios, facilmente ligados. Segundo os dados do Instituto de Meteorologia, Bragança tem em média 3,1 dias por ano, de solo coberto de neve e Miranda do Douro apenas 0,7 dias.

3.1.6_Fauna e flora

O concelho de Vimioso, bem como a aldeia de Uva, integram a lista de Sítios da Rede Natura 2000⁵. Esta região possui uma enorme

⁵ A Rede Natura 2000 é uma rede ecológica para o espaço comunitário da União Europeia resultante da aplicação da Diretiva 79/409/CEE do Conselho, de 2 de abril de 1979 (Diretiva Aves) - revogada pela Diretiva 2009/147/CE, de 30 de novembro - e da Diretiva 92/43/CEE (Diretiva Habitats) que tem como finalidade assegurar a conservação a longo prazo das espécies e dos habitats mais ameaçados da Europa, contribuindo para parar a perda de biodiversidade.

diversidade geológica, climática, hidrográfica e orográfica, o que resulta numa enorme diversidade, no que concerne à flora, vegetação e à fauna. É possível observar encostas cobertas por maciços de vegetação autóctone, nomeadamente por matos e sobreirais, bosques climácicos edafo-xerófilos de azinheiras, entre outros. A azinheira está praticamente circunscrita à freguesia de Santulhão e Uva e o Sobreiro surge nos vales do Sabor e Maçãs e com menor densidade, no vale de Angueira.

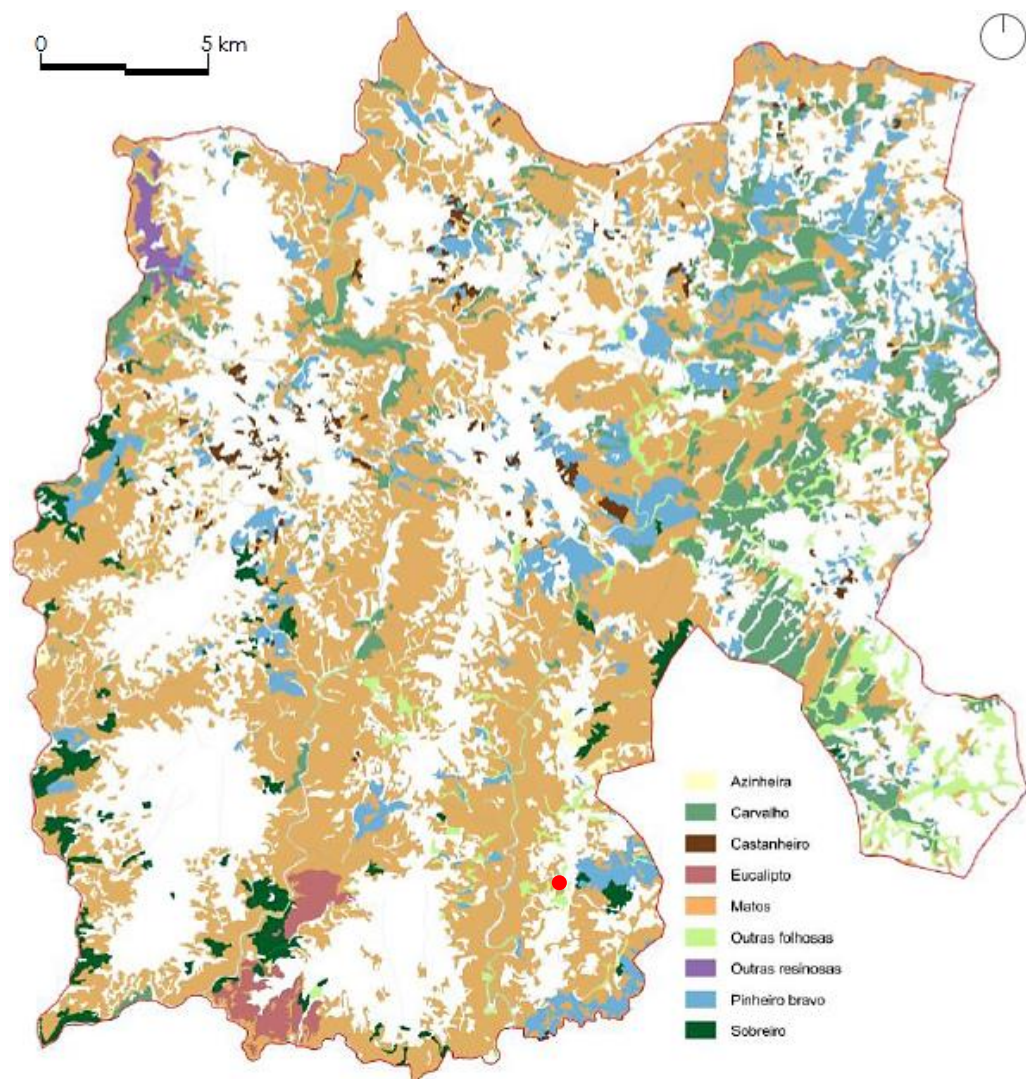


Fig. 19 | Coberto arbóreo e povoamento florestal no concelho de Vimioso

Constitui o principal instrumento para a conservação da natureza na União Europeia (www.icnf.pt).

O valor botânico é imenso, possuindo vários endemismos ibéricos e lusitânicos. É uma região muito rica em plantas melíferas, aromáticas e medicinais e possui igualmente, uma grande variedade de cogumelos. A presença de uma grande diversidade de líquenes comprova a boa qualidade do ar da região (Ribeiro, 1999).

Devido ao clima continental, à desflorestação e à agricultura mecanizada, a região apresenta-se atualmente quase despida de vegetação, observando-se alguma rasteira, intercalada por vezes, de pequenos bosques de carvalhos ou de soutos (Sanches, 1989; Sanches, 2013).

A fauna possui espécies notáveis, absolutamente dignas deste verdadeiro santuário natural. A Lontra, o Corço, o Gato Bravo, o Lobo, o Javali, a Toupeira-de-Água, a Águia-Real, o Abutre do Egito, o Grifo, a Cegonha-Preta, o Milhafre-Real, o Sisão, a Coruja-das-Torres, etc., constituem símbolos identificativos desta região pela sua unicidade, sendo o Planalto Mirandês uma das regiões melhor preservada e menos contaminada à escala europeia.

Na área do Planalto Mirandês estão assinaladas 18 ordens, 47 famílias e cerca de 150 espécies de aves. Um dos maiores tesouros faunísticos da região em estudo são as aves de rapina, o Abutre, a Águia-Real e o Milhafre-Real. Encontrando-se integralmente protegidas por lei, são observadas 20 espécies, correspondendo mesmo a 77% do total nacional.



Fig. 20 | Águia-Real (Aquila Chrysaetos)



Fig. 21 | Milhafre-Real

O Lobo, o Javali e o Corço coabitam em perfeita harmonia, controlando o Lobo o efetivo dos outros animais, contribuindo para reduzir os efeitos prejudiciais destas espécies sobre a agricultura.

Em nenhum outro lugar do território português se concentram quatro populações estáveis de 4 dos 5 maiores predadores selvagens do país, que são o Lobo, a Águia-Real, a Águia de Bonelli e o Bufo-Real. Referenciamos aqui, o Lince, que outrora também existiu (Monteiro, 1999).

3.2_Enquadramento histórico

A freguesia de Uva é referida indiretamente, pela primeira vez, nas inquirições de el-rei D. Afonso III, apuradas em 1258. Ao abordar a freguesia de Angueira, depõe uma testemunha natural de Uva, índice seguro de que já então, na altura existia a povoação com esse nome. Seguramente, a vida humana nestas terras de Uva foi muito anterior à ocorrência deste facto, de meados do século XIII. O Castelouço, sítio assim denominado do termo de Uva, indica alguma ligação arqueológica com os Castros, embora a simples proximidade de Algoz fosse suficiente para comprovar um povoamento muito precoce. O Cadastro da População do Reino, outro dos poucos documentos que até ao século XVI se referem a Uva, atribuiu à freguesia um total de 28 “fogos”, ou seja, 28 moradores. A este número, deviam corresponder cerca de 70 a 80 habitantes, de acordo com os cálculos que habitualmente se fazem para estas situações e para a época. Durante o reinado de D. Dinis, a freguesia foi objeto de uma contenda em relação à sua posse, desejada, sem qualquer razão, pela ordem do Hospital. A Coroa iria doá-la durante o século XIV a diversos fidalgos (Alves & Amado, 2002; Câmara Municipal de Vimioso, n.d.).

3.3_Situação atual

Neste caso de estudo particular, poucos são os pombais que se encontram abandonados e sem uso. Mas, infelizmente esta realidade não se verifica, na grande maioria dos pombais situados noutras localidades.

Várias razões podem explicar o abandono, destas construções. O aumento do fluxo demográfico para os grandes centros urbanos, a partir da década de 60, onde parte da população rural emigrou, contribuiu para o abandono e declínio de muitas práticas agrícolas e pecuárias tradicionais, nomeadamente o cultivo de cereal (aveia, trigo e centeio), olival, vinha e hortas. Os que permaneceram na região modificaram as suas culturas, mecanizando-as, o que transformou excessivamente os modos de produção, reduzindo a mão de obra com recurso a agroquímicos inorgânicos. Paralelamente, a população ativa envelheceu e perdeu muitas das suas anteriores funções. Mais recentemente essa tendência acentuou-se, verificando-se uma grande redução do cultivo cerealífero, assim como a introdução de novas práticas e técnicas culturais. Além destas razões, há que referenciar um outro motivo para o abandono destas construções, a expansão da caça desregada. Os caçadores, desconhecedores das tradições locais e desrespeitadores da legislação da caça, levaram ao abate fácil de milhares e milhares de pombos-da-rocha. Como consequência, muitos dos pombais ficaram despovoados, pelo que os trabalhos de manutenção por parte dos proprietários deixaram de fazer qualquer sentido.

O conjunto destas mudanças, assim como a perda de interesse económico nos produtos retirados dos pombais fez com que estas construções perdessem a sua utilidade funcional, num contexto de economia rural, e consequente abandono destas construções (Fernandes & Monteiro, 2004).

Barbosa (2001, p. 5), defende que "(...) estas construções ficam votadas ao abandono, com a consequente degradação e ruína, que

pode levar ao seu progressivo desaparecimento (...)”. Esta é uma realidade que pode ser observada com recurso a um pequeno passeio, pelas ruas de qualquer aldeia, permitindo-nos observar as ruínas deste tipo de construções, ou então, substituídos por edifícios novos com falta de charme e mimetismo com a envolvente tradicional (García & Pardo, 2007).

Neste contexto, e segundo Fernandes & Monteiro (2004, pp. 6-7), atualmente “o número de pombais povoados ou alvo de manutenção/recuperação por parte dos proprietários varia muito de região para região, sendo reflexo dos diferentes contextos socioeconómicos e culturais.”

Na Terra Fria Transmontana, onde a tradição da criação do pombo sempre teve mais raízes e se guardou até aos nossos dias, subsiste um maior número de pombais povoados, talvez na ordem de 20%. São ainda algumas, as famílias de raízes rurais que preservam este património devido ao seu valor sentimental e às recordações ainda vivas (Fernandes & Monteiro, 2004).

Apesar de o número de pombais povoados ser tão baixo, a associação Palombar foi criada com o intuito de elaborar novas estratégias, as quais têm como objetivo a reconstrução, recuperação e repovoação de pombais. Para isso muito tem contribuído o Centro de Interpretação dos Pombais Tradicionais, o qual surgiu da necessidade de dar a conhecer os pombais tradicionais existentes na região e, ao mesmo tempo, é um espaço de partilha de conhecimento das técnicas de construção do património rural, onde os visitantes terão ainda ao seu dispor um mapa que os ajudará a percorrer a aldeia de Uva, permitindo a descoberta destas singulares construções (FYP & JGJ, 2014).

Além dos muitos pombais recuperados e mantidos pela associação, e o facto de a sua ação se ter alargado em várias direções, levou a que o seu nome inicial fosse alterado para Associação de Conservação da

Natureza e do Património Rural. É esse trabalho integrado que está a ser desenvolvido na atualidade.

Deste modo, verificamos que a associação passou a apostar na recuperação da sua função ecológica tradicional, o que exige uma intervenção mais abrangente ao nível da manutenção, dos ecossistemas.

Além das referidas intervenções, a Palombar tem vindo a organizar oficinas e cursos de curta duração para introduzir os participantes interessados nas técnicas construtivas de recuperação, assim como os campos de trabalho voluntário internacionais, maioritariamente direcionados para jovens interessados em dar o seu contributo para a preservação do património e também em aprender as técnicas de construção tradicionais (Nóvoa & Martins, 2015a). Entretanto, alguns proprietários, e por iniciativa própria, asseguraram as necessárias obras de revitalização e respetivo repovoamento. Talvez sejam um sinal de esperança em termos de revitalização socioeconómica e promoção turística deste património (Fernandes & Monteiro, 2004).

3.4_Perspetivas futuras

Como já foi abordado anteriormente, ao longo dos últimos anos o interesse em estudar e reativar este tipo de construções tem vindo a crescer de ano para ano, não só no presente caso de estudo, mas em toda a paisagem do Nordeste Transmontano.

É neste sentido, e de acordo com Barbosa (2006, n. p.) que,

na década de 90, o PNDI (Parque Natural do Douro Internacional) executou um projeto de recuperação de pombais tradicionais na área do Parque. Nos finais da década de 90 foram realizados trabalhos de inventariação dos pombais na região da Terra Fria transmontana, com o patrocínio da CORANE - Associação de Desenvolvimento dos Concelhos da Raia Nordestina (Barbosa, 2000; Barbosa, 2001). No ano de 2000 foi criada a Palombar - Associação de Proprietários de Pombais Tradicionais do Nordeste, que tem como objetivo principal contribuir para a recuperação, conservação e revitalização dos pombais tradicionais na região do nordeste transmontano.

Estas iniciativas contribuíram e permitiram que um grande número de pombais fosse alvo de recuperação e repovoamento, proporcionando o embelezamento da paisagem, manchada muitas vezes por pombais em ruínas.

Um dos principais objetivos destas ações é preservar uma das espécies características da região, a águia de Bonelli, dado que os pombos servem muitas vezes de alimento para estas e outras espécies de animais selvagens. Em simultâneo também estão a ser desenvolvidas outras valências, donde podem surgir produtos com valor de

mercado, como por exemplo a produção de pombas e borrachos como especialidade gastronómica, assim como a venda do adubo orgânico para agricultura e a produção de cereal para alimentar os pombais e outros animais (EDP, 2015).

Mais recentemente têm surgido outras iniciativas por parte de várias instituições, como por exemplo a Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo que incentivou a sua recuperação, atribuindo para o efeito, um apoio financeiro no valor de 500€ (quinhentos euros) (Município de Figueira Castelo Rodrigo, 2009).

O turismo também assume excelentes oportunidades, pois os pombais são uma imagem de marca desta região. Deste modo, uma iniciativa importante que já está em prática foi a criação de uma rota turística internacional, onde o itinerário proposto foi traçado tendo em conta a concentração de núcleos de pombais, abrangendo os quatro concelhos da Terra Fria Transmontana e ainda as províncias espanholas de Zamora, Valladolid, e Palência (Ana Fragoso, 2000).

O facto de existirem instrumentos legais que protegem estas aves e os pombais, nomeadamente a Portaria n.º 736/2001 de 17 de junho, fez com que o abate destas tenha vindo a diminuir, assim como a implementação de processos de ordenamento cinegético e uma maior sensibilização dos caçadores (Fernandes & Monteiro, 2004).

Neste mesmo sentido, e de acordo com Fernandes e Monteiro (2004, p. 7),

também o facto de na sociedade portuguesa estar a crescer um sentimento de valorização estética e vontade de preservar certos ícones do mundo rural, poderá apontar para que o ponto de viragem na conservação dos pombais esteja a chegar. Lembremo-nos que as diferentes valências que os pombais apresentam em termos paisagísticos, arquitetónicos,

ecológicos, agrícolas, e socioeconômicos, lhe conferem uma forte apetência para a revitalização por parte de distintos agentes interessados, nomeadamente organismos e privados.

Também de acordo com Barbosa (2001, p. 6), estas construções deverão ser aproveitadas, "(...) seja pela revitalização, reconversão ou recuperação. (...) Nalguns casos, as construções podem ser reconvertidas para outra atividade agrícola ou pecuária, com pequenas obras de adaptação e mantendo todas as suas características arquitetónicas".

Outros autores (García & Pardo, 2007) apresentam algumas propostas para a possível revalorização, das construções rurais tradicionais, mediante a sua reutilização. A primeira proposta, não é mais do que reativar a produção de pombas e borrachos destinados ao consumo familiar; a segunda proposta passa pela criação de pombos correio com fins lúdicos, atividade muito usual noutras regiões europeias. Por fim, os mesmos autores propõem a criação de um espaço destinado à divulgação da região, tornando-se uma referência básica para os visitantes e moradores dessas localidades.

Neste âmbito, os autores supracitados (García & Pardo, 2007, p. 386) também referem que estas "(...) propostas de reutilização não pretendem ser somente um protótipo de recuperação de elementos arquitetónicos com uso e viabilidade no tempo, mas também como modelo de arquitetura integrada na paisagem (...)".

Por isso, seria importante preservar alguns dos núcleos mais relevantes com o objetivo de estudar e divulgar os aspetos arquitetónicos e paisagísticos, incluindo a organização de visitas para a população escolar assim, como a sua musealização (Fernandes & Monteiro, 2004). Como referimos anteriormente, a produção de pombas e borrachos para consumo, permitirá a realização de eventos gastronómicos e

valorização da restauração tradicional, sendo um exemplo prático as jornadas gastronómicas do “Borracho”, organizadas pela CoraNe e que pretenderam reinserir esta ave nas ementas dos restaurantes da região, em particular na Terra Fria Transmontana (“Borracho”, 2005).

Para concluir, e de acordo com Fernandes & Monteiro (2004, p. 7),

(...) os desafios da modernidade parecem ser promissores para todo aqueles que acreditam no mundo rural e querem continuar a ver estas discretas sentinelas dos nossos campos como que guardando o segredo da sustentabilidade que outrora os nossos antepassados sabiamente conseguiram alcançar.

Parte 4_Estudio de caso



4.1_Inquéritos

O registo de dados relevantes sobre este tipo de construções, traduz-se na sua análise, já que se procura entender de uma forma geral as características comuns e particulares destas construções. Desta forma, o saber construtivo traduz-se na caracterização do modelo construtivo tradicional, representado neste caso por estas construções. Como já referido, trata-se de uma arquitetura muito tradicional, onde a pedra aparece como principal elemento, onde a sua utilização é amplamente difundida.

Esta dissertação é o primeiro documento dedicado exclusivamente aos pombais de Uva, contribuindo assim, como primeiro passo para a especificação do conhecimento construtivo presente nestas edificações. A construção destes pombais tem em conta vários fatores, como o local de implantação, a orientação solar, as dimensões e os custos da construção. O conhecimento construtivo é transferido de geração em geração de modo a aumentar a sua qualidade construtiva, quer se trate do processo de construção ou apenas de uma simples manutenção.

Com o objetivo de contribuir para a preservação desta arquitetura, apresentam-se as fichas de catalogação sobre os pombais. Estas procuram documentar cada uma destas construções para que não se perca a sua memória. O seu objetivo, é fazer uma breve descrição sobre cada edifício, dar a conhecer os dados gerais, assim como os dados relativos às suas características. Por outro lado, o conjunto das fichas procura representar o levantamento individual de cada construção, expondo assim o seu estado atual.

As fichas de catalogação são o resultado duma investigação que procurou tirar partido da informação recolhida, tendo em conta as dificuldades que isso representou. Em síntese, esta informação permitiu realizar uma base de dados, da qual faz parte a caracterização das técnicas construtivas.

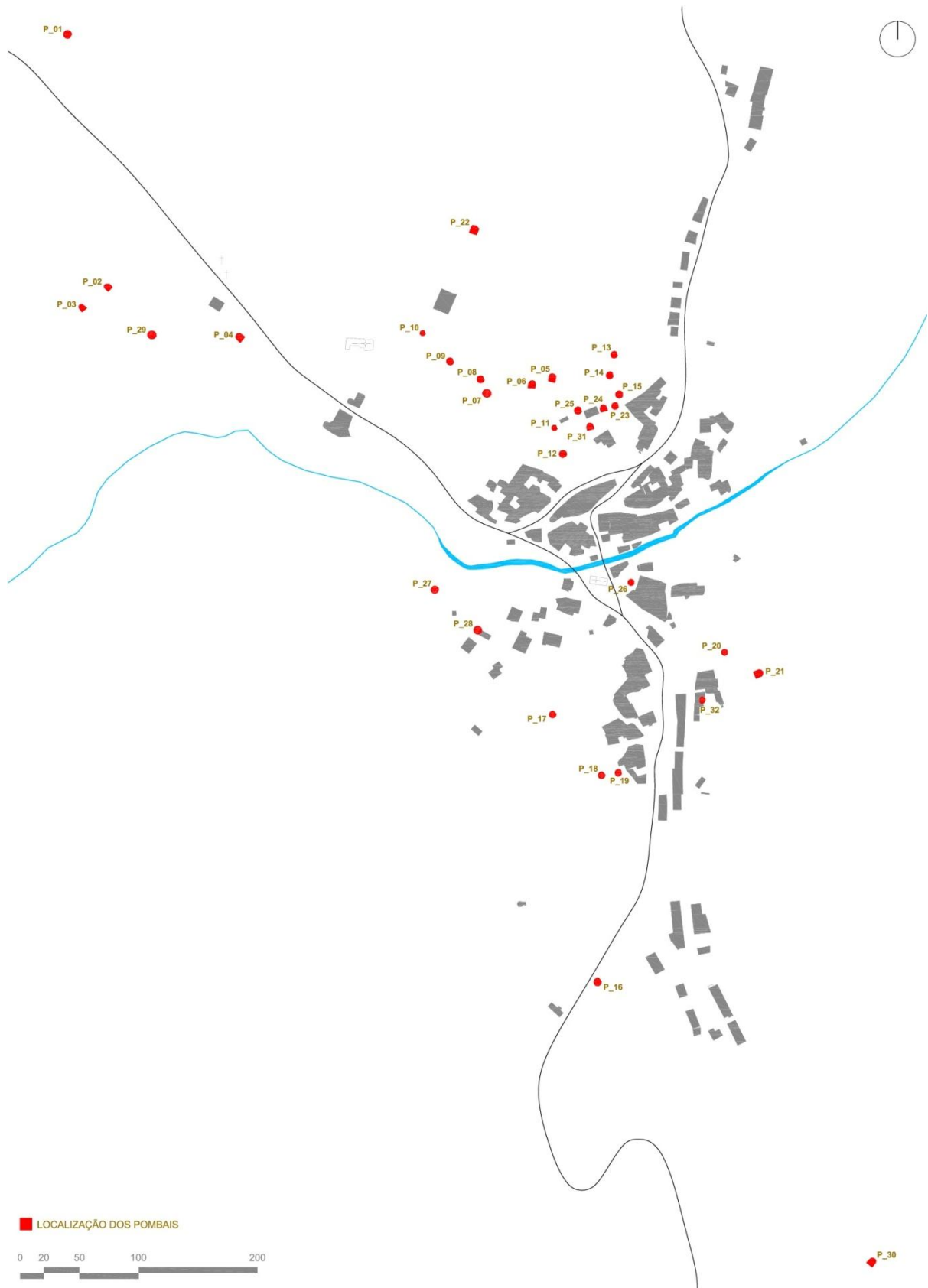


Fig. 22 | Mapa da aldeia com identificação dos pombais

inquérito n.º **P_01****identificação**

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 60,79" O -6° 51' 55,32"		altitude 538 m	

fotografia aérea**localização****dados cronológicos**

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data da intervenção antes de 2004	uso atual pombal
--	---	---	----------------------------

registo fotográfico

características tipológicas**tipologia espacial**

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sul

dimensões

alt. máx: 3,80 m

alt. mín: 3,70 m

perímetro: 23,37 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido nordeste – sudoeste. O acesso é realizado através da estrada municipal localizada a sudoeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas**paredes**

alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura

de uma água revestida em telha marselha.

porta

madeira de abrir a 90° pintada com cor escura.

estruturas anti predadores

pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta vento

rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculos

fijolos maciços de forma retangular.

notas

Intervenção realizada pelo proprietário.

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 41,42" O -6° 51' 51,65"		altitude 518 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção entre 2004 e 2006	uso atual pombal
--	---	---	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas**tipologia espacial**

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudeste

dimensões

alt. máx: 4,70 m

alt. mín: 4,00 m

perímetro: 22,20 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido noroeste – sudeste. O acesso é realizado através da estrada municipal localizada a nordeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas**paredes**

alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura

uma água revestida em telha de capa-canal.

porta

madeira de abrir a 90° pintada com cor escura.

estruturas anti predadores

pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta-vento

rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculos

pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Intervenção promovida pela CORANE.

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 40,03" O -6° 51' 54,33"		altitude 520 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção antes de 2008	uso atual pombal
--	---	---	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas**tipologia espacial**

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudeste

dimensões

alt. máx: 3,70 m

alt. mín: 3,32 m

perímetro: 21,60 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido nordeste – sudoeste. O acesso é realizado através da estrada municipal localizada a sudoeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas**paredes**

alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura

uma água revestida em telha marseilha.

porta

madeira de abrir a 90° pintada com cor escura.

estruturas anti predadores

pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta vento

rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculos

pedras de quartzo branco de forma retangular.

notas

Uma vez que não foi possível aceder ao interior da construção, optou-se por colocar uma fotografia exterior da cobertura. Intervenção realizada pela associação Palombar.

inquérito n.º **P_04**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 37,38" O -6° 51' 38,48"		altitude 502 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção entre 2004 e 2006	uso atual pombal
--	---	---	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas**tipologia espacial**

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudeste

dimensões

alt. máx: 3,72 m

alt. mín: 3,54 m

perímetro: 23,03 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido nordeste – sudoeste. O acesso é realizado através da estrada municipal localizada a sudoeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas**paredes**

alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura

uma água revestida em telha de capa-canal.

porta

madeira de abrir a 90° pintada com cor escura.

estruturas anti predadores

pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta vento

rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculos

pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Intervenção promovida pela CORANE.

inquérito n.º **P_05**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 33,91" O -6° 51' 07,02"		altitude 512 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção 2011	uso atual pombal
--	---	------------------------------------	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas**tipologia espacial**

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sul

dimensões

alt. máx: 2,63 m

alt. mín: 2,52 m

perímetro: 22,90 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido norte – sul. O acesso é realizado através de um caminho rural público localizado a sul da propriedade onde este está implantado.

características construtivas**paredes**

alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura

uma água revestida em telha de capa-canal.

porta

madeira de abrir a 90° pintada com cor escura.

estruturas anti predadores

pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta vento

rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculos

pedras de quartzo branco de forma irregular.

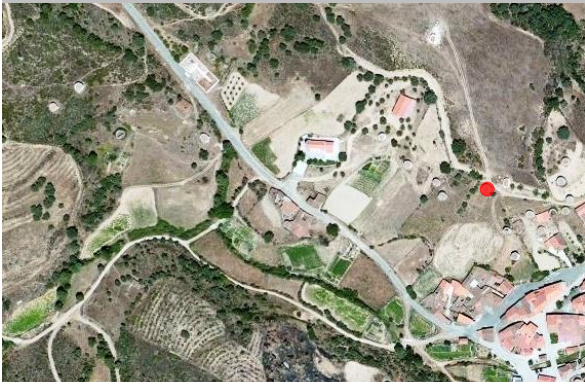
notas

Uma vez que não foi possível aceder ao interior da construção, optou-se por colocar uma fotografia exterior da cobertura. Intervenção realizada pela associação Palombar.

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 335,56" O -6° 51' 09,16"		altitude 511 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção entre 2004 a 2006	uso atual pombal
--	---	---	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sul

dimensões

alt. máx: 3,60 m

alt. mín: 3,38 m

perímetro: 23,45 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido norte – sul. O acesso é realizado através de um caminho rural público localizado a nordeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes



alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura



uma água revestida em telha de capa-canal.

porta



madeira de abrir a 90° pintada com cor escura.

estruturas anti predadores



pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta vento



rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculos



pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Uma vez que não foi possível aceder ao interior da construção, optou-se por colocar uma fotografia exterior da cobertura. Intervenção promovida pela CORANE.

inquérito n.º **P_07**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 32,84" O -6° 51' 13,72"		altitude 507 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção 2013	uso atual pombal
--	---	------------------------------------	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas**tipologia espacial**

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudoeste

dimensões

alt. máx: 4,35 m

alt. mín: 4,72 m

perímetro: 21,45 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido nordeste – sudoeste. O acesso é realizado através de um caminho rural público localizado a nordeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas**paredes**

alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura

uma água revestida em telha de capa-canal.

porta

madeira de abrir a 90° pintada com cor escura.

estruturas anti predadores

pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta vento

rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculos

pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Intervenção realizada pela associação Palombar.

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 34,01" O -6° 51' 14,39"		altitude 509 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção sem intervenção	uso atual sem uso
--	---	---	-----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudoeste

dimensões

alt. máx: 3,55 m

alt. mín: 3,48 m

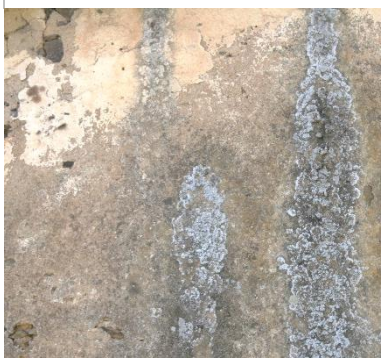
perímetro: 19,60 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido nordeste – sudoeste. O acesso é realizado através da estrada municipal localizado a sudoeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes



alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura



uma água revestida em telha de capa-canal.

porta



madeira de abrir a 90° sem pintura.

estruturas anti predadores



pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta vento



pedra de xisto à vista e capeadas na face superior.

pináculos



pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

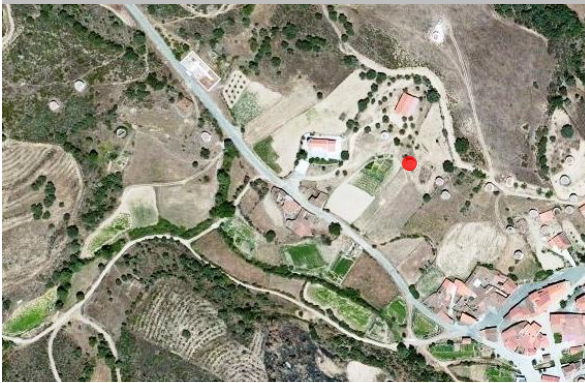
Uma vez que não foi possível aceder ao interior da construção, optou-se por colocar uma fotografia exterior da cobertura.

inquérito n.º **P_09**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 35,23" O -6° 51' 17,34"		altitude 509 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção entre 2004 e 2006	uso atual pombal
--	---	---	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas**tipologia espacial**

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudoeste

dimensões

alt. máx: 4,75 m

alt. mín: 3,10 m

perímetro: 21,00 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido nordeste – sudoeste. O acesso é realizado através da estrada municipal localizado a sudoeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas**paredes**

alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura

uma água revestida em telha de capa-canal.

porta

madeira de abrir a 90° pintada com cor escura.

estruturas anti predadores

pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta vento

rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculo

pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Uma vez que não foi possível aceder ao interior da construção, optou-se por colocar uma fotografia exterior da cobertura. Intervenção promovida pela CORANE.

inquérito n.º **P_10**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 37,42" O -6° 51' 20,03"		altitude 510 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção entre 2004 e 2006	uso atual pombal
--	---	---	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudeste

dimensões

alt. máx: 4,90 m

alt. mín: 4,28 m

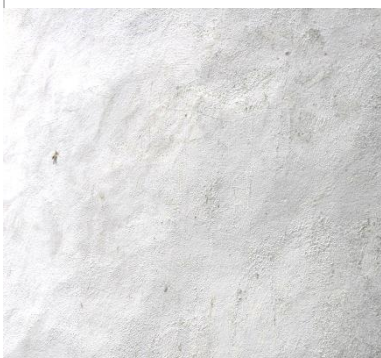
perímetro: 17,50 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido noroeste – sudeste. O acesso é realizado através da estrada municipal localizado a noroeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes



alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura



uma água revestida em telha de capa-candl.

porta



madeira de abrir a 90º pintada com cor escura.

estruturas anti predadores



pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta-vento



rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculos



pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

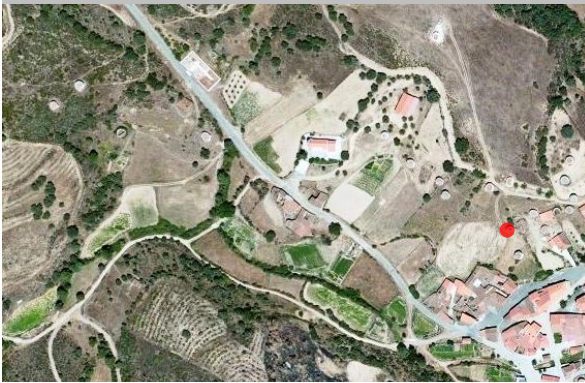
Intervenção promovida pela CORANE.

inquérito n.º **P_11**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 30,07" O -6° 51' 06,91"		altitude 507 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção 2015	uso atual pombal
--	---	------------------------------------	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudeste

dimensões

alt. máx: 4,90 m

alt. mín: 5,02 m

perímetro: 32,36 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido noroeste – sudeste. O acesso é realizado através de um caminho rural público localizado a norte da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes



alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura



uma água revestida em telha de capa-canal.

porta



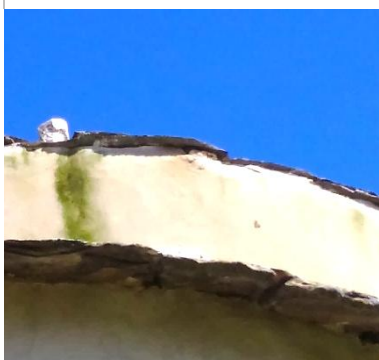
madeira de abrir a 90° sem pintura.

estruturas anti predadores



pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta-vento



rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculo



pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

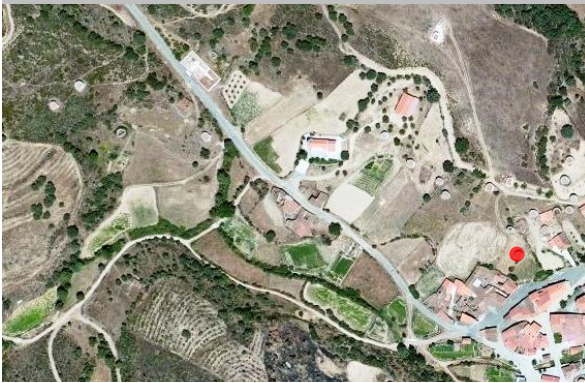
Intervenção realizada pela associação Palombar.

inquérito n.º **P_12**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 27,96" O -6° 51' 06,05"		altitude 505 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção entre 2004 a 2006	uso atual pombal
--	---	---	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudoeste

dimensões

alt. máx: 6,40 m

alt. mín: 4,18 m

perímetro: 21,00 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido noroeste – sudeste. O acesso é realizado através da estrada municipal localizado a sudeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes



alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura



uma água revestida em telha de capa-canal.

porta



madeira de abrir a 90º pintada com cor escura.

estruturas anti predadores



pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta-vento



rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculos



pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Uma vez que não foi possível aceder ao interior da construção, optou-se por colocar uma fotografia exterior da cobertura. Intervenção promovida pela CORANE.

inquérito n.º **P_13**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 35,51" O -6° 51' 00,79"		altitude 513 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção entre 2004 e 2006	uso atual pombal
--	---	---	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas**tipologia espacial**

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudeste

dimensões

alt. máx: 3,43 m

alt. mín: 3,30 m

perímetro: 20,30 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido noroeste – sudeste. O acesso é realizado através de um caminho rural público localizado a sudeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas**paredes**

alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura

uma água revestida em telha de capa-canal.

porta

madeira de abrir a 90° pintada com cor escura.

estruturas anti predadores

pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta-vento

rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculos

pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Intervenção promovida pela CORANE.

inquérito n.º **P_14**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 34,01" O -6° 51' 01,25"		altitude 511 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção entre 2004 e 2006	uso atual pombal
--	---	---	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudeste

dimensões

alt. máx: 3,70 m

alt. mín: 3,68 m

perímetro: 22,07 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido noroeste – sudeste. O acesso é realizado através de um caminho rural público localizado a sudeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes



alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura



uma água revestida em telha de capa-canal.

porta



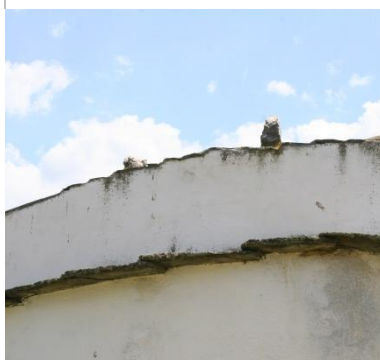
madeira de abrir a 90º pintada com cor escura.

estruturas anti predadores



pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta vento



rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculo



pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Intervenção promovida pela CORANE.

inquérito n.º **P_15**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 32,48" O -6° 51' 00,31"		altitude 510 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção sem intervenção	uso atual sem uso
--	---	---	-----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas**tipologia espacial**

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sul

dimensões

alt. máx: 5,44 m

alt. mín: 5,06 m

perímetro: 19,00 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido norte – sul. O acesso é realizado através de um caminho rural público localizado a sul da propriedade onde este está implantado.

características construtivas**paredes**

alvenaria de pedra de xisto com reboco.

cobertura

de uma água revestida em telha de capa-canal.

porta

madeira de abrir a 90° sem pintura.

estruturas anti predadores

pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta-vento

pedra de xisto à vista e capeadas na face superior.

pináculo

pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Uma vez que não foi possível aceder ao interior da construção, optou-se por colocar uma fotografia exterior da cobertura.

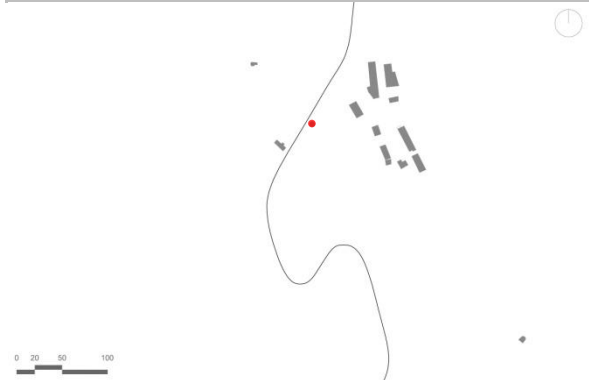
identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 48' 87,78" O -6° 51' 03,58"		altitude 523 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção 2008	uso atual pombal
--	---	------------------------------------	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudeste

dimensões

alt. máx: 4,24 m

alt. mín: 4,12 m

perímetro: 21,40 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido noroeste – sudeste. O acesso é realizado através da estrada municipal localizada a noroeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes



alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura



de uma água revestida em telha de capa-canal.

porta



madeira de abrir a 90° pintada com cor escura.

estruturas anti predadores



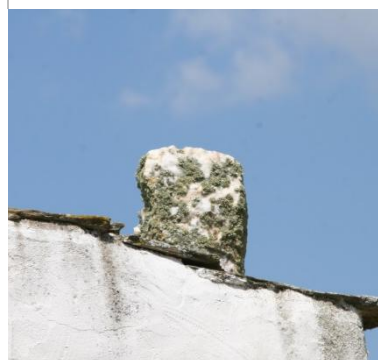
pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta vento



rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculo



pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Uma vez que não foi possível aceder ao interior da construção, optou-se por colocar uma fotografia exterior da cobertura. Intervenção realizada pela associação Palombar.

inquérito n.º **P_17**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 08,18" O -6° 51' 07,45"		altitude 515 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção sem intervenção	uso atual sem uso
--	---	---	-----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudeste

dimensões

alt. máx: 3,26 m

alt. mín: 2,54 m

perímetro: 22,40 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido noroeste – sudeste. O acesso é realizado através da estrada municipal localizada a nascente da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes



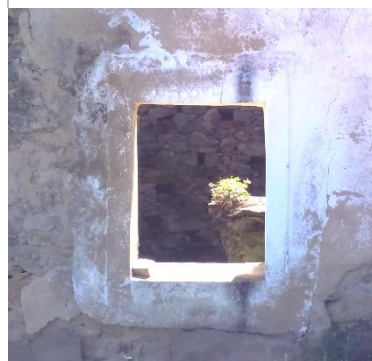
alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura



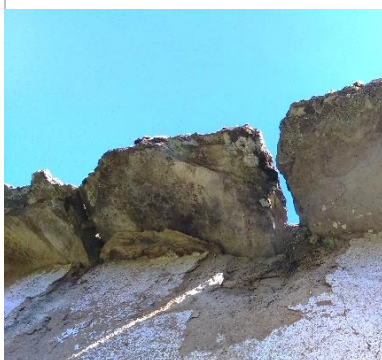
inexistente.

porta



inexistente.

estruturas anti predadores



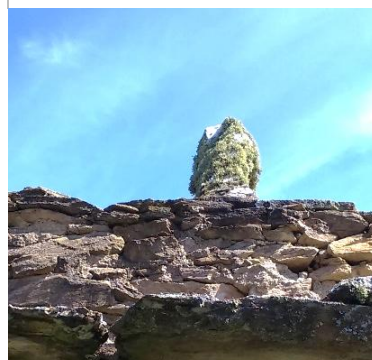
pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta-vento



pedra de xisto à vista e capeadas na face superior.

pináculos



pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

inquérito n.º **P_18**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 03,45" O -6° 51' 02,73"		altitude 516 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção entre 2004 e 2006	uso atual pombal
--	---	---	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudeste

dimensões

alt. máx: 5,00 m

alt. mín: 4,40 m

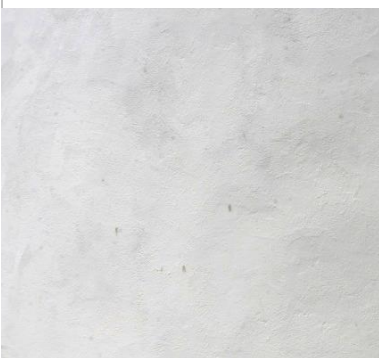
perímetro: 18,65 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma ligeira inclinação no sentido noroeste – sudeste. O acesso é realizado através da estrada municipal localizada a nascente da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes



alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura



uma água revestida em telha de capa-canal.

porta



madeira de abrir a 90º pintada com cor escura.

estruturas anti predadores



pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta vento



rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculos



pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Uma vez que não foi possível aceder ao interior da construção, optou-se por colocar uma fotografia exterior da cobertura. Intervenção promovida pela CORANE.

inquérito n.º **P_19**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 03,49" O -6° 51' 00,95"		altitude 514 m	

fotografia aérea



localização



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção sem intervenção	uso atual sem uso
--	---	---	-----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudeste

dimensões

alt. máx: 3,00 m

alt. mín: -

perímetro: -

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma ligeira inclinação no sentido noroeste – sudeste. O acesso é realizado através da estrada municipal localizada a nascente da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes



alvenaria de pedra de xisto sem reboco.

cobertura



uma água revestida em telha de capa-canal.

porta



madeira de abrir a 90° sem pintura.

estruturas anti predadores



pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta vento



pedra de xisto à vista e capeadas na face superior.

pináculos



pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Uma vez que não foi possível aceder ao interior da construção, optou-se por colocar uma fotografia exterior da cobertura.

inquérito n.º **P_20****identificação**

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 12,75" O -6° 50' 90,17"		altitude 511 m	

localização**implantação****dados cronológicos**

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção entre 2004 e 2006	uso atual pombal
--	---	---	----------------------------

registo fotográfico

características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudoeste

dimensões

alt. máx: 4,50 m

alt. mín: 4,33 m

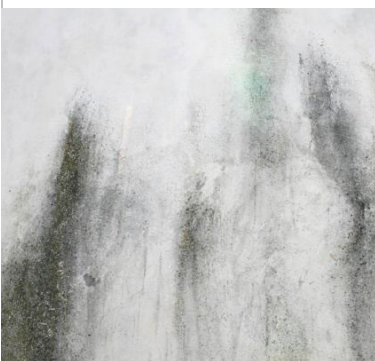
perímetro: 19,26 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido nordeste – sudoeste. O acesso é realizado através de um caminho rural público localizado a norte da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes



alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura



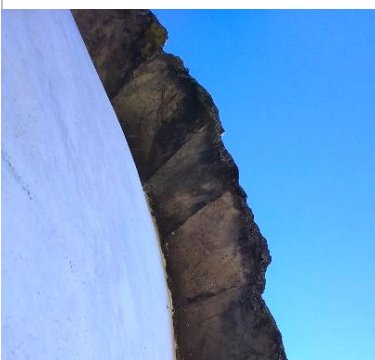
uma água revestida em telha de capa-canal.

porta



madeira de abrir a 90º pintada com cor escura.

estruturas anti predadores



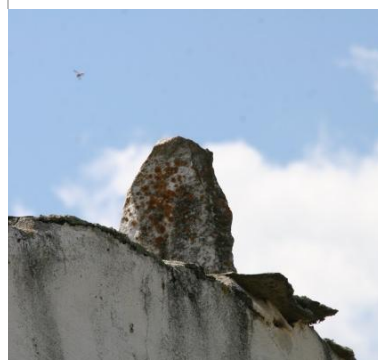
pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta vento



rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculos



pedras de xisto de forma irregular.

notas

Intervenção promovida pela CORANE.

inquérito n.º **P_21**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 11,10" O -6° 50' 86,74"		altitude 514 m	

localização



implantação



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção 2006	uso atual pombal
--	---	------------------------------------	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudoeste

dimensões

alt. máx: 4,06 m

alt. mín: 3,07 m

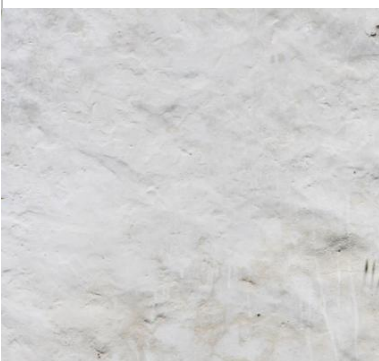
perímetro: 24,35 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado não apresenta qualquer inclinação. O acesso é realizado através de um caminho rural público localizado a sudoeste da propriedade onde este está implantado.

características construtivas

paredes



alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura



uma água revestida em telha de capa-canal.

porta



madeira de abrir a 90° pintada com cor clara.

estruturas anti predadores



pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta-vento



rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculos



pedras de quartzo branco de forma irregular.

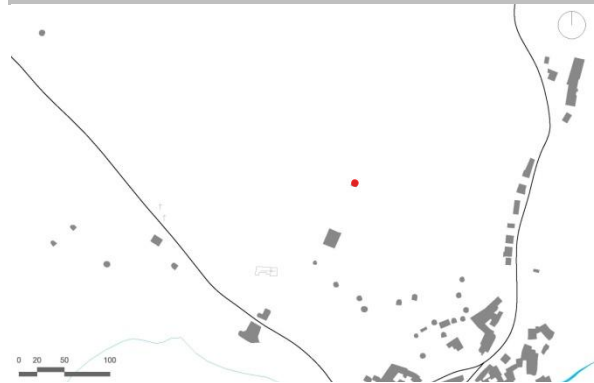
notas

Uma vez que não foi possível aceder ao interior da construção, optou-se por colocar uma fotografia exterior da cobertura. Intervenção realizada pela associação Palombar.

inquérito n.º P_22

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 45,36" O -6° 51' 14,69"		altitude 525 m	

localização**implantação****dados cronológicos**

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção 2008	uso atual pombal
--	---	------------------------------------	----------------------------

registo fotográfico

características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudoeste

dimensões

alt. máx: 3,09 m

alt. mín: 2,84 m

perímetro: 22,45 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido nordeste – sudoeste. O acesso é realizado através de um caminho rural público localizado a sudoeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes



alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura



uma água revestida em telha de capa-canal.

porta



madeira de abrir a 90° sem pintura.

estruturas anti predadores



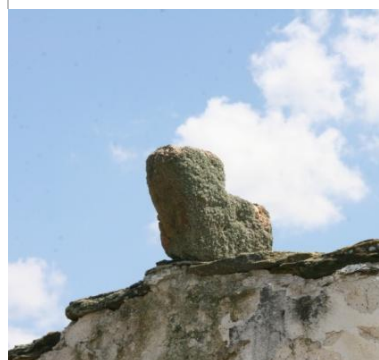
pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta-vento



rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculo



pedras de granito amarelo de forma irregular.

notas

Intervenção realizada pela associação Palombar.

inquérito n.º **P_23**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 31,54" O -6° 51' 00,79"		altitude 509 m	

localização



implantação



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção sem intervenção	uso atual arrumos
--	---	---	-----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudeste

dimensões

alt. máx: 3,72 m

alt. mín: 3,67 m

perímetro: 20,45 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido noroeste – sudeste. O acesso é realizado através de um caminho rural público localizado a noroeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes



alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura



uma água revestida em telha de capa-canal.

porta



madeira de abrir a 90° sem pintura.

estruturas anti predadores



pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta vento



rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculos



pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

inquérito n.º **P_24**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 31,41" O -6° 51' 02,13"		altitude 509 m	

localização



implantação



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção 2014	uso atual pedagógico
--	---	------------------------------------	--------------------------------

registo fotográfico



características tipológicas

tipologia espacial circular ferradura	disposição isolada agrupada	orientação sudeste
---	---	------------------------------

dimensões alt. máx: 3,28 m	alt. mín: -	perímetro: -
--------------------------------------	-------------	--------------

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido noroeste – sudeste. O acesso é realizado através de um caminho rural público localizado a norte da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes  alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.	cobertura  uma água revestida em telha de capa-canal.	porta inexistente.
--	--	------------------------------

estruturas anti predadores  pedras de xisto dispostas em escama de peixe.	corta-vento  rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.	pináculo  pedras de quartzo branco de forma irregular.
---	--	--

notas

Intervenção realizada pela associação Palombar.

inquérito n.º **P_25**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento abril 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 31,41" O -6° 51' 04,52"		altitude 509 m	

localização



implantação



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção entre 2004 e 2006	uso atual pombal
--	---	---	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudeste

dimensões

alt. máx: 4,38 m

alt. mín: 3,57 m

perímetro: 20,00 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido noroeste – sudeste. O acesso é realizado através de um caminho rural público localizado a sudeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes



alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura



uma água revestida em telha de capa-canal.

porta



madeira de abrir a 90° pintada com cor escura.

estruturas anti predadores



pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta-vento



rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculo



pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Uma vez que não foi possível aceder ao interior da construção, optou-se por colocar uma fotografia exterior da cobertura. Intervenção promovida pela CORANE.

inquérito n.º **P_26**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento junho 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 17,87" O -6° 50' 99,37"		altitude 504 m	

localização



implantação



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção entre 2004 e 2006	uso atual pombal
--	---	---	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas**tipologia espacial**

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sul

dimensões

alt. máx: 5,08 m

alt. mín: 4,29 m

perímetro: 19,10 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma ligeira inclinação no sentido norte – sul. O acesso é realizado através da rua pública localizado a norte e poente da propriedade onde este se implanta.

características construtivas**paredes**

alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura

uma água revestida em telha de capa-canal.

porta

chapa metálica de abrir a 90° pintada com cor escura.

estruturas anti predadores

pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta vento

rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculo

pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Uma vez que não foi possível aceder ao interior da construção, optou-se por colocar uma fotografia exterior da cobertura. Intervenção realizada pelo proprietário.

inquérito n.º **P_27**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento junho 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 18,21" O -6° 51' 19,38"		altitude 509 m	

localização



implantação



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção 2014	uso atual pombal
--	---	------------------------------------	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas**tipologia espacial**

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

nordeste

dimensões

alt. máx: 3,70 m

alt. mín: 3,40 m

perímetro: 22,60 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido sudoeste – nordeste. O acesso é realizado através de uma rua pública localizado a sul e nascente da propriedade onde este se implanta.

características construtivas**paredes**

alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura

uma água revestida em telha de capa-canal.

porta

madeira de abrir a 90° pintada com cor escura.

estruturas anti predadores

pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta-vento

rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculo

pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Uma vez que não foi possível aceder ao interior da construção, optou-se por colocar uma fotografia exterior da cobertura. Intervenção realizada pela associação Palombar.

inquérito n.º **P_28**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento julho 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 15,18" O -6° 51' 15,14"		altitude 512 m	

localização



implantação



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção data desconhecida	uso atual pombal
--	---	---	----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas**tipologia espacial**

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

nordeste

dimensões

alt. máx: 3,35 m

alt. mín: 3,20 m

perímetro: 19,25 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido sudoeste – nordeste. O acesso é realizado através de uma rua pública localizado a sul e nascente da propriedade onde este se implanta.

características construtivas**paredes**

alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura

uma água revestida em telha marselha.

porta

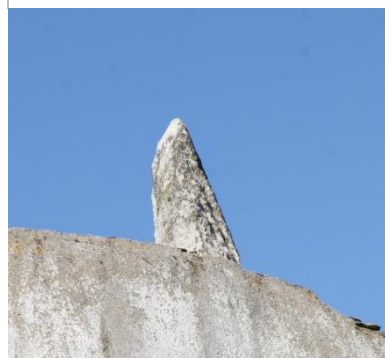
chapa metálica de abrir a 90° pintada com cor escura.

estruturas anti predadores

pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta-vento

rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculo

pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Intervenção realizada pelo proprietário.

inquérito n.º **P_29**

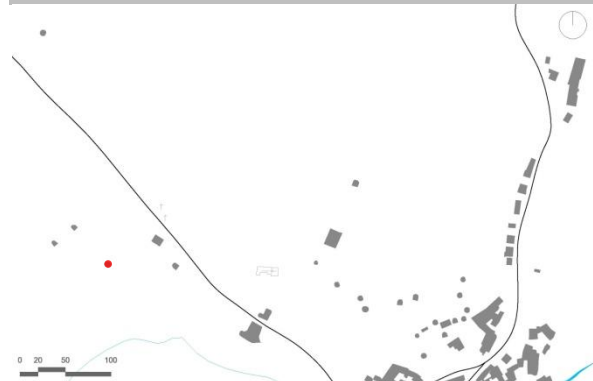
identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento junho 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 37,60" O -6° 51' 47,28"		altitude 509 m	

localização



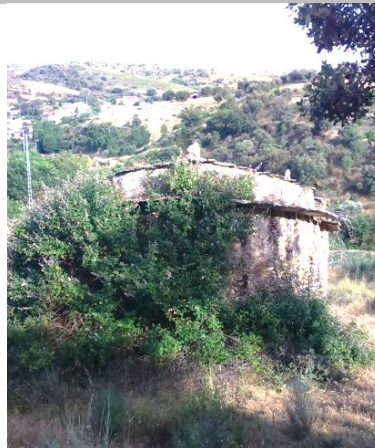
implantação



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção sem intervenção	uso atual sem uso
--	---	---	-----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudeste

dimensões

alt. máx: 4,40 m

alt. mín: 3,60 m

perímetro: 23,90 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido noroeste – sudeste. O acesso é realizado através da estrada municipal localizada a sudoeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes



alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura



inexistente.

porta



madeira de abrir a 90° sem pintura.

estruturas anti predadores



pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta-vento



rebocado com cal e areia e capeadas na face superior.

pináculo



pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

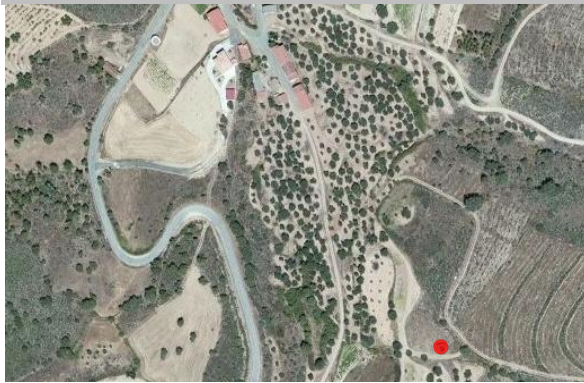
Não foi possível ter acesso ao interior do pombal, pelo que a fotografia da cobertura apresentada é do exterior da mesma.

inquérito n.º P_30

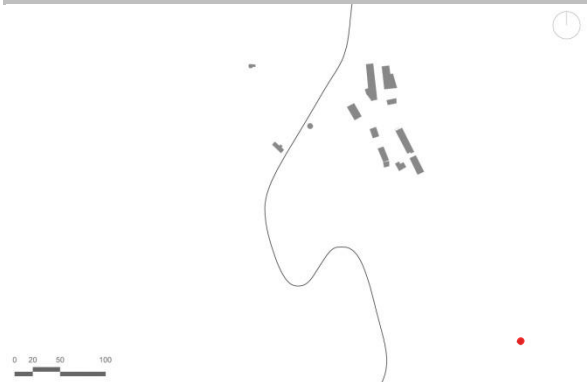
identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento junho 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 48' 66,44" O -6° 50' 76,49"		altitude 548 m	

localização



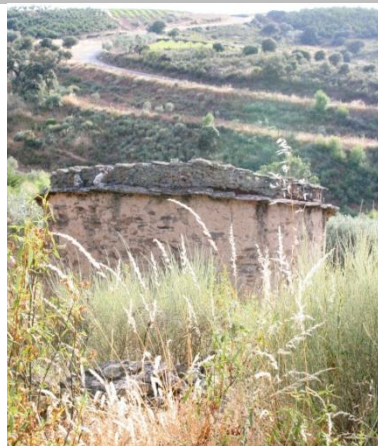
implantação



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção sem intervenção	uso atual sem uso
--	---	---	-----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sudoeste

dimensões

alt. máx: 3,05 m

alt. mín: 2,75 m

perímetro: 20,60 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido nascente – poente. O acesso é realizado através de um caminho rural público localizado a nordeste da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes



alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura



inexistente.

porta



madeira de abrir a 90° sem pintura.

estruturas anti predadores



pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta-vento



pedra de xisto à vista e capeadas na face superior.

pináculo



pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

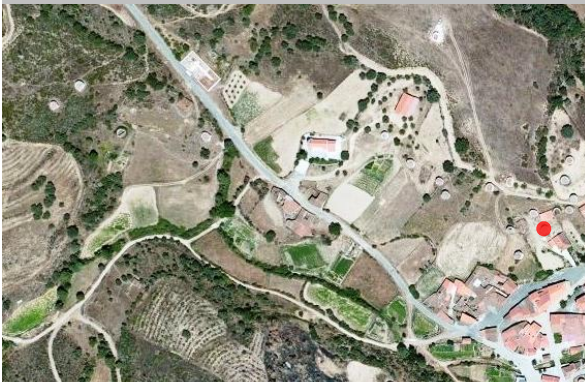
Não foi possível ter acesso ao interior do pombal, pelo que a fotografia da cobertura apresentada é do exterior da mesma.

inquérito n.º **P_31**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento julho 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 48' 66,44" O -6° 50' 76,49"		altitude 507 m	

localização



implantação



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção data desconhecida	uso atual galinheiro
--	---	---	--------------------------------

registo fotográfico



características tipológicas

tipologia espacial

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sul

dimensões

alt. máx: 3,30 m

alt. mín: 2,95 m

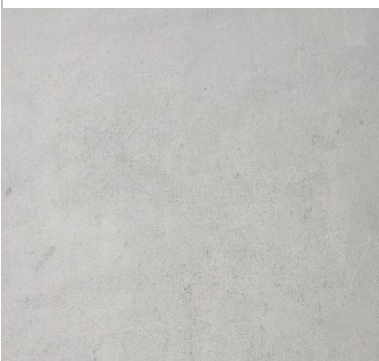
perímetro: 21,63 m

implantação do edifício e acessibilidade

O local no qual se encontra implantado apresenta uma inclinação no sentido norte – sul. O acesso é realizado através de uma estrada municipal localizado a sul da propriedade onde este se implanta.

características construtivas

paredes



alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura



uma água revestida em telha marselha.

porta



madeira de abrir a 90° sem pintura.

estruturas anti predadores



pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta-vento



rebocado e sem capeamento na face superior.

pináculo



pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Uma vez que não foi possível aceder ao interior da construção, optou-se por colocar uma fotografia exterior da cobertura.

inquérito n.º **P_32**

identificação

distrito bragança	concelho vimioso	localidade uva	zona urbana sim não
data do levantamento julho 2016		propriedade privada	
coordenadas N 41° 49' 08,71" O -6° 50' 92,51"		altitude 511 m	

localização



implantação



dados cronológicos

data de construção antes de 1300	intervenção ausente parcial total	data de intervenção sem intervenção	uso atual arrumos
--	---	---	-----------------------------

registo fotográfico



características tipológicas**tipologia espacial**

circular | ferradura

disposição

isolada | agrupada

orientação

sul

dimensões

alt. máx: -

alt. mín: -

perímetro: -

implantação do edifício e acessibilidade

Este pombal encontra-se implantado no meio de outras construções, pelo que não foi possível aceder o seu interior. Quanto à acessibilidade deste, realiza-se através da estrada municipal localizada a poente destas construções.

características construtivas**paredes**

alvenaria de pedra de xisto com reboco de cal e areia.

cobertura

uma água revestida em telha de capa-canal.

porta

inexistente ou inacessível.

estruturas anti predadores

pedras de xisto dispostas em escama de peixe.

corta-vento

pedra de xisto e capeadas na face superior.

pináculo

pedras de quartzo branco de forma irregular.

notas

Uma vez que não foi possível aceder ao interior da construção, optou-se por colocar uma fotografia exterior da cobertura.

Parte 5_Análise



5.1_ Análise do estudo de caso

Neste capítulo desenvolve-se a análise relativa à informação recolhida no decorrer do trabalho de campo, tanto em inquéritos como em entrevistas informais, identificando e comparando as características comuns e particulares de cada pombal. Não se pretende uma classificação destas construções, mas sim uma identificação e catalogação das mesmas.

De forma a unificar e homogeneizar o conteúdo dos inquéritos face aos objetivos definidos, optou-se por desenvolver tabelas de correlação, gráficos e mapas que facilitam a comparação entre os dados dos diferentes casos de estudo. Este tratamento de informação permite e facilita a posterior correlação com a informação anteriormente citada. Neste sentido, foram definidas quatro categorias de análise, as quais se subdividem nos seguintes indicadores:

Relação com o território

- Altimetria
- Declives
- Orientação solar
- Ocupação do solo

Formal

- Tipologia
- Dimensões

Construtiva

- Materiais
- Características construtivas

Situação atual

- Intervenção
- Uso atual

5.1.1_Relação com o território

Como já foi referido, esta investigação concentrou-se numa pequena aldeia que apresenta características muito peculiares e únicas. Estas diferenciam-na das restantes regiões portuguesas, em particular de todo o Noroeste Atlântico.

Com o objetivo de correlacionar a presente análise com a informação anteriormente citada, procedeu-se ao estudo das principais características da aldeia, utilizando gráficos e mapas para o efeito.

Altimetria

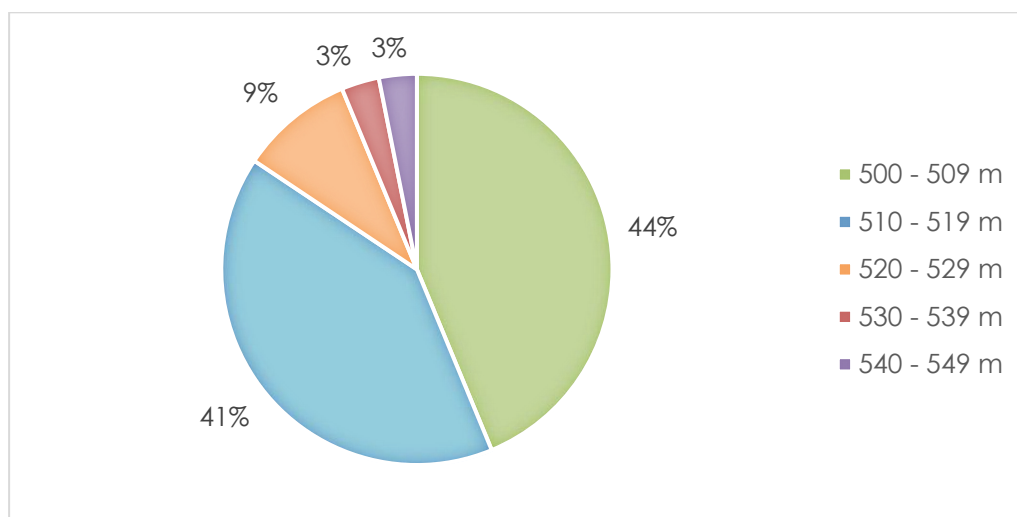


Fig. 23 | Gráfico resumo com indicação das cotas altimétricas

Os resultados obtidos estão de acordo com o mapa de **altimetria** analisado, pois na aldeia de Uva, predominam os terrenos com cotas entre os 500 e os 600 metros. Com o objetivo de proceder a uma análise mais detalhada, verificou-se a cota altimétrica de cada pombal (figura 24), o que nos permitiu concluir que grande parte destes edifícios está implantada entre os 500 e os 519 metros, conforme demonstrado na figura 23, o que corresponde a 85% do total dos pombais analisados. Neste sentido, pode dizer-se que estes locais condizem com os limites do núcleo urbano, sendo que as edificações mais afastadas são as que apresentam cotas mais elevadas.

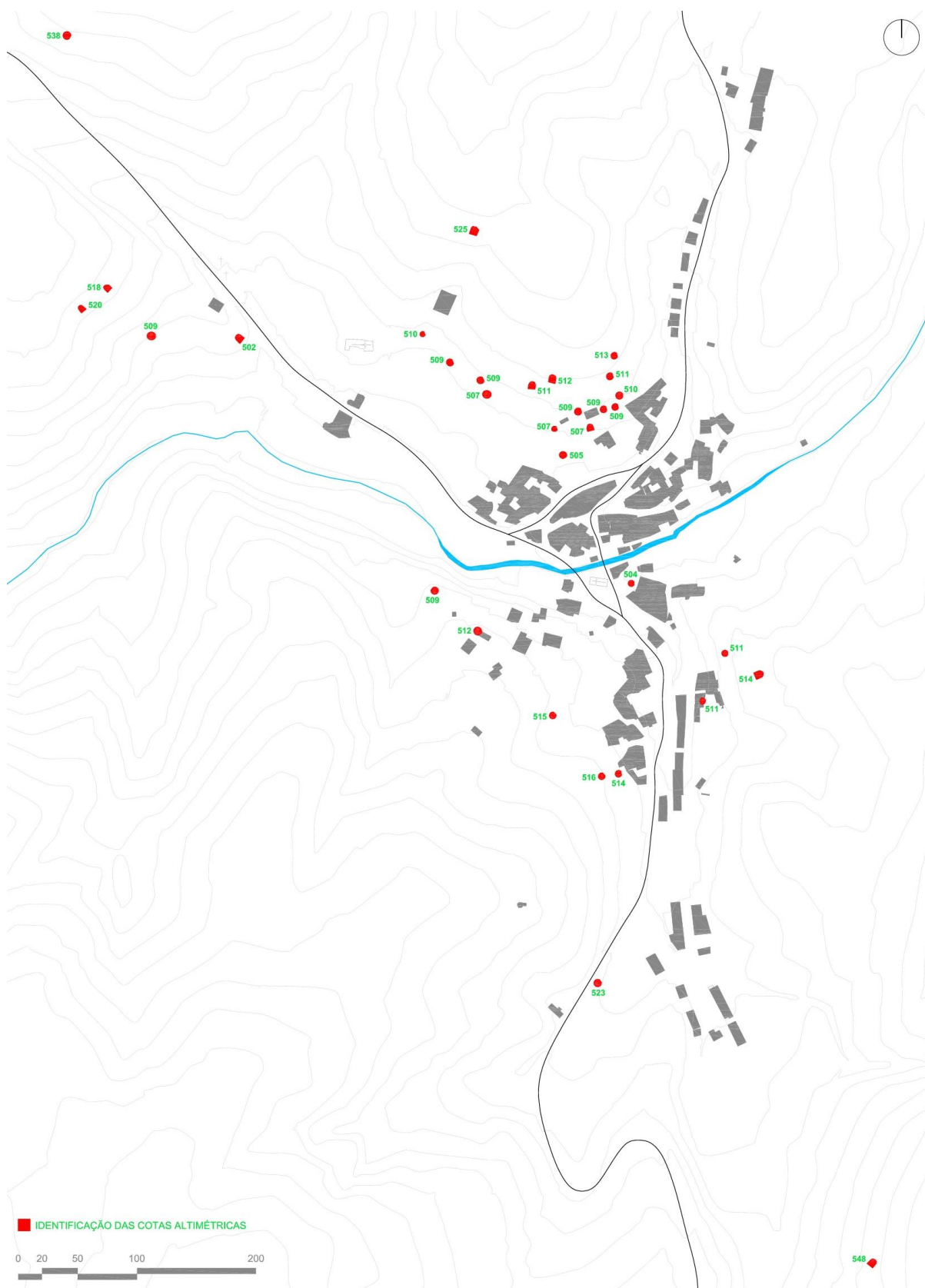


Fig. 24 | Mapa da aldeia com indicação das cotas altimétricas

Declives

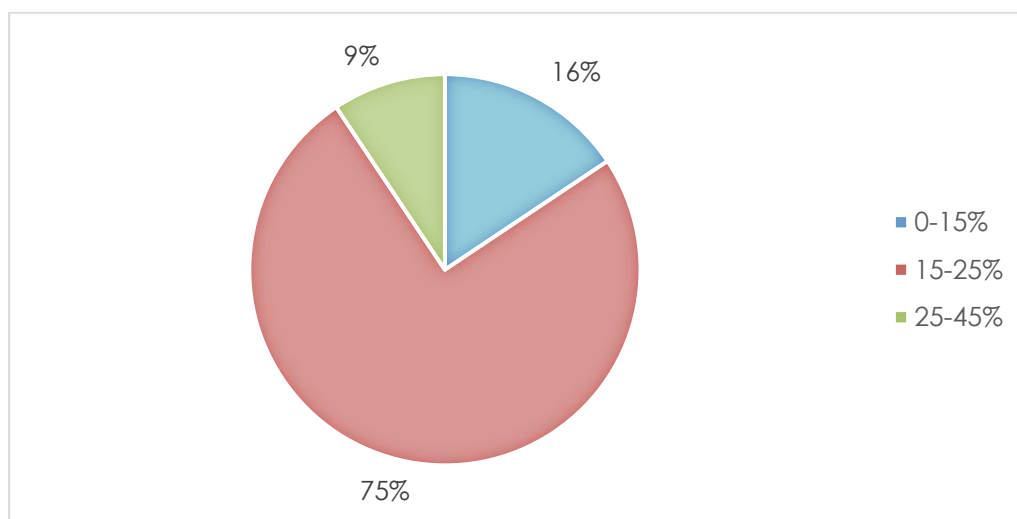


Fig. 25 | Gráfico resumo com indicação dos resultados dos declives

O terreno onde estas construções normalmente eram implantadas, e de acordo com os resultados obtidos, está de acordo com o mapa de declives analisado (figura 28), pois nesta aldeia predominam os **declives** entre os 15 – 25%, correspondendo mesmo a 75% do total das construções analisadas, conforme comprovado na figura 25.

Outra característica que foi analisada, e que se julga ser importante referenciar, é o facto de a altura máxima e a altura mínima destas construções apresentarem diferenças muito reduzidas, pois o declive do terreno é quase sempre igual ou ligeiramente inferior à inclinação do telhado, conforme demonstrado na figura 26 e 27.



Fig. 26 | Vista lateral de um pombal

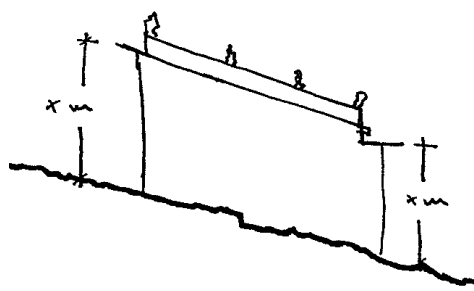


Fig. 27 | Esquema tipo das alturas

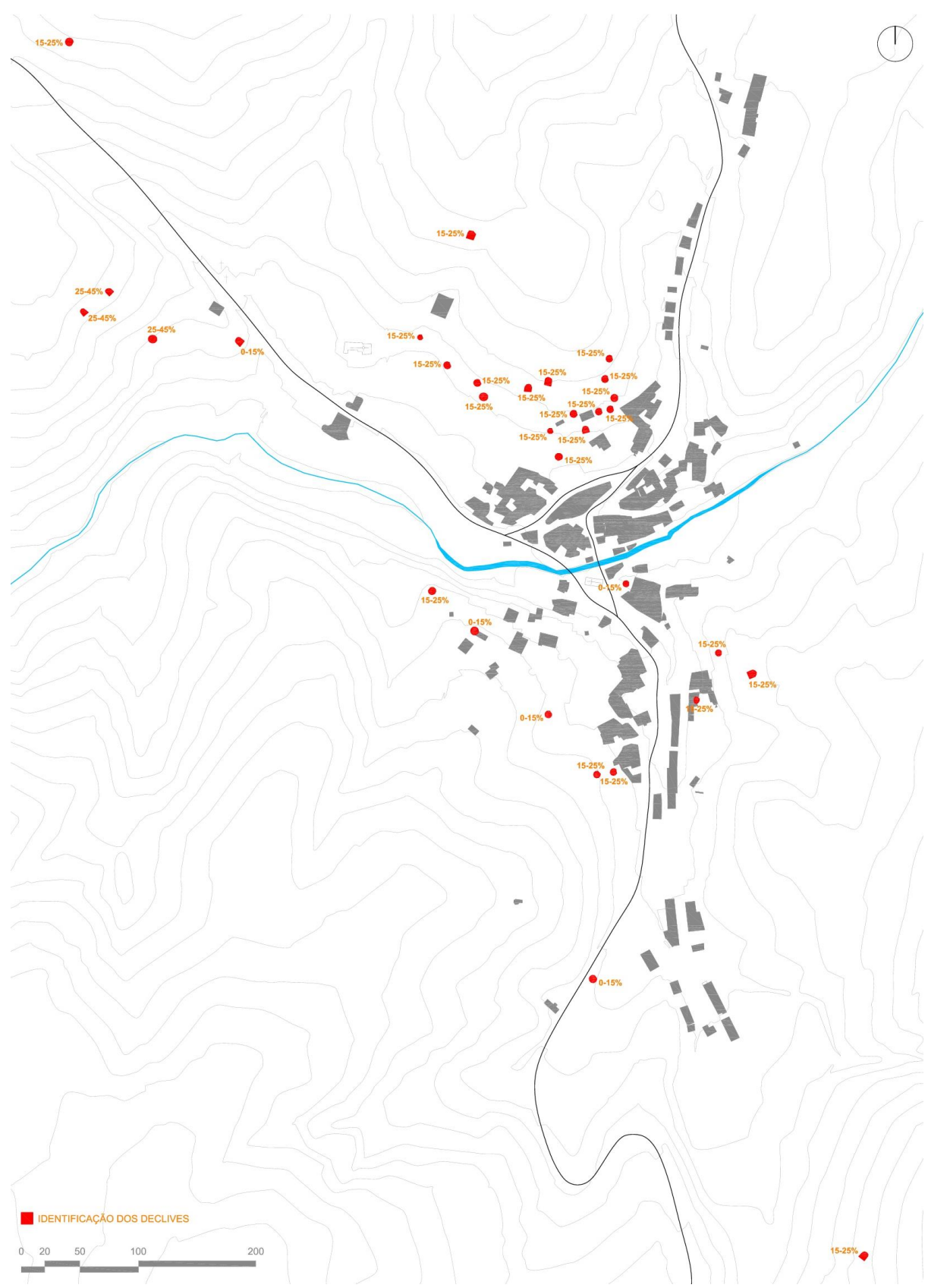


Fig. 28 | Mapa da aldeia com indicação dos declives

Orientação solar

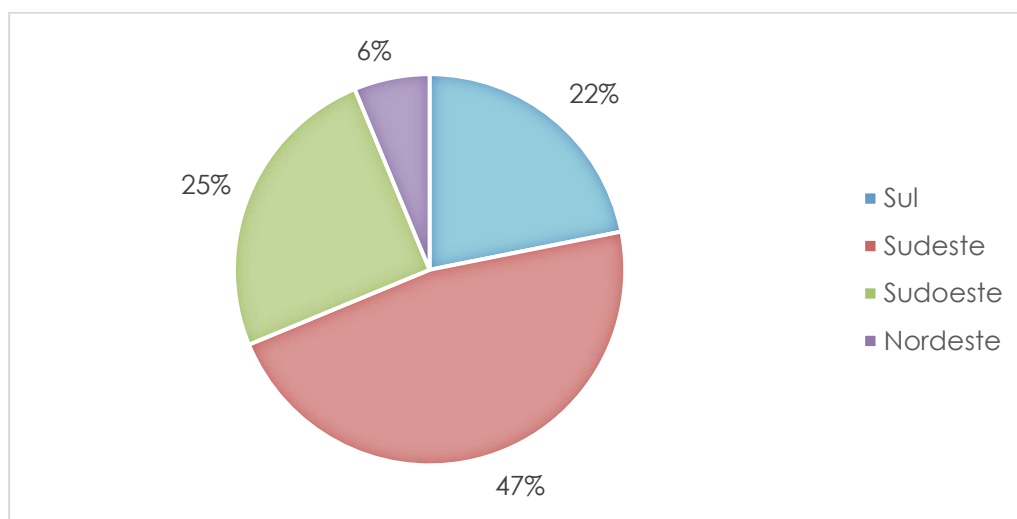


Fig. 29 | Gráfico resumo com indicação dos resultados da orientação solar

Com o objetivo de analisar a orientação solar destas construções, procedeu-se à análise da figura 29 e 30. Os resultados obtidos, demonstram claramente que existia tendência para a edificação de pombais nas encostas ensolaradas, mais concretamente voltadas para Sudeste, que corresponde a 47% do total das construções analisadas. Esta **orientação solar**, permite uma exposição solar durante mais tempo, e proporciona uma maior luminosidade no interior do pombal, assim como uma temperatura amena e seca ao longo do ano.

Uma outra característica que pode influenciar a orientação do pombal é o declive que o terreno apresenta, pelo que, a implantação deste era sempre no sentido da vertente.

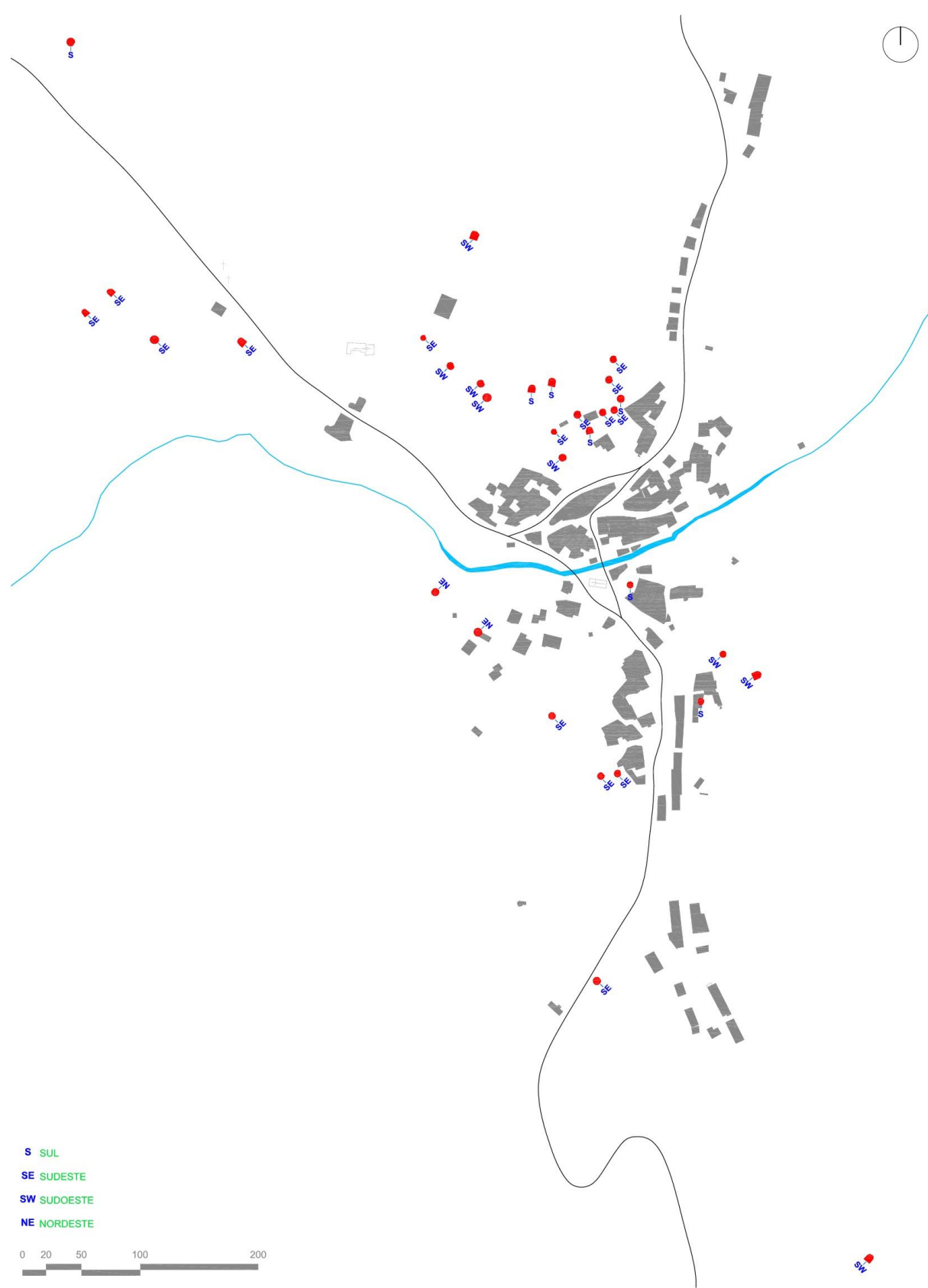


Fig. 30 | Mapa da aldeia com indicação da orientação solar dos pombais

Ocupação do solo

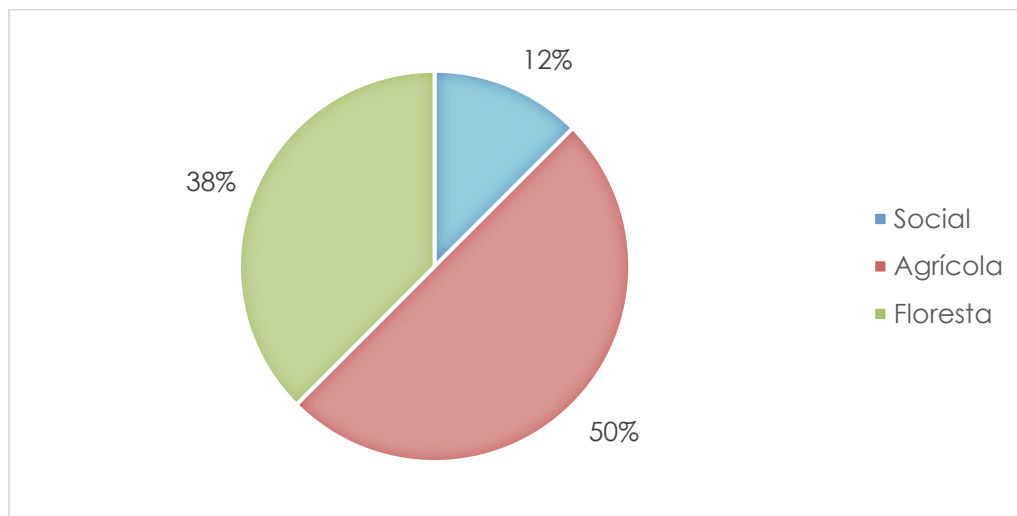


Fig. 31 | Gráfico resumo com indicação dos resultados da ocupação do solo

Depois de uma análise aos resultados obtidos, e como demonstrado na figura 31, chegou-se à conclusão que quando se pretendia construir um pombal, geralmente se escolhia um **solo agrícola** localizado perto das povoações (figura 32), o que no presente caso de estudo corresponde a 50% das construções existentes analisadas. Além desta condição, e sempre que possível, eram implantados sobre as rochas (figura 33) ou onde não prejudicassem o terreno de cultivo, este aspeto também facilitava a distribuição do estrume produzido, principalmente em zonas onde se cultivava, o que facilitava o acesso dos animais ao alimento.



Fig. 32 | Pombal implantado em solo agrícola



Fig. 33 | Pavimento de pombal implantado sobre rocha

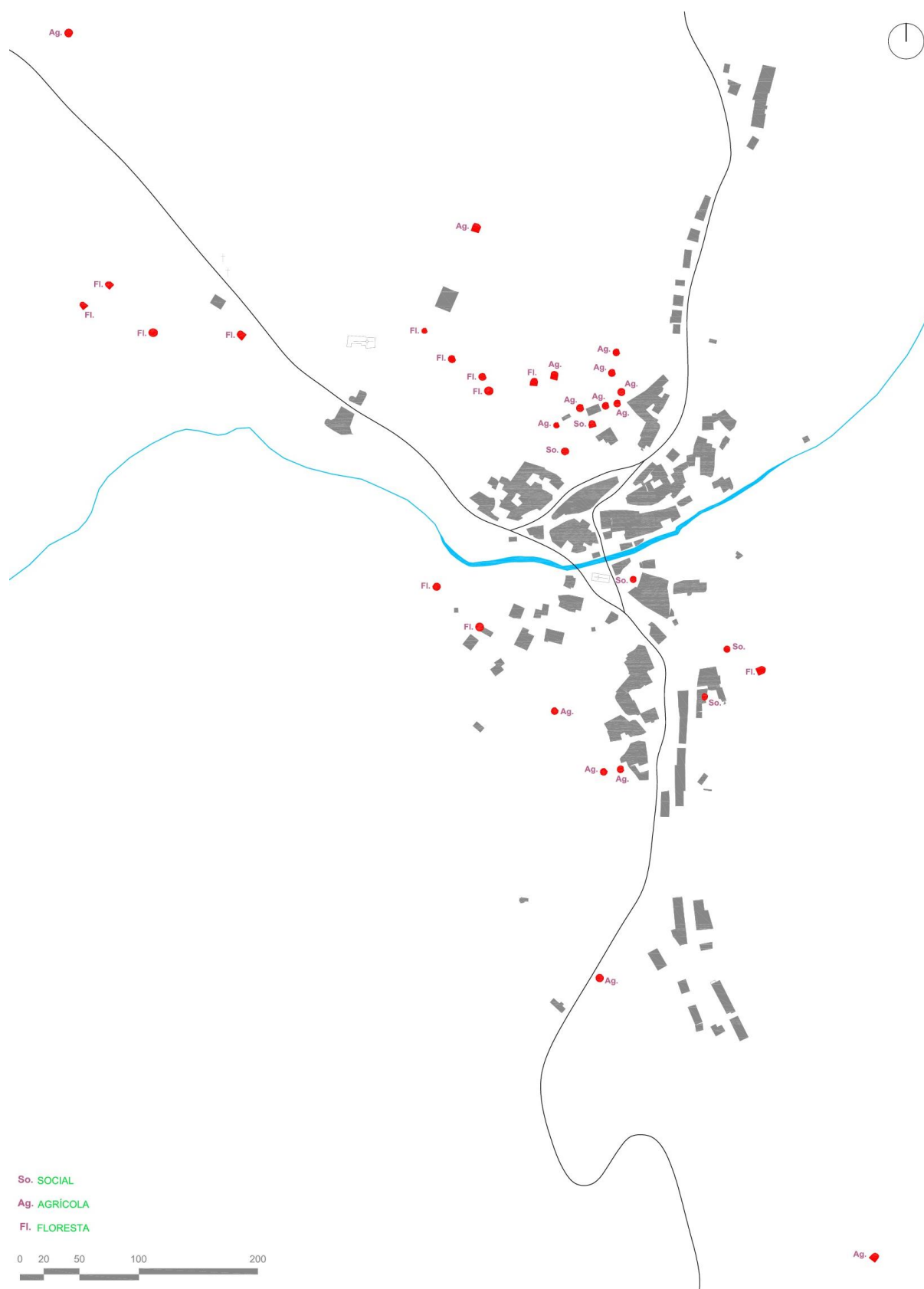


Fig. 34 | Mapa da aldeia com indicação da ocupação dos solos

5.1.2_Formal

Na aldeia de Uva, os pombais apresentam diferentes características morfológicas entre eles. Com o objetivo de os analisar e comparar, recolheram-se os dados mais relevantes destas construções, o que nos permite correlacionar a presente análise com a informação anteriormente citada.

Esta pesquisa incidirá somente no que diz respeito às tipologias e dimensões distintas que os mesmos apresentam, as quais foram conseguidas com a análise dos gráficos, mapas e tabelas elaborados previamente.

Tipologia

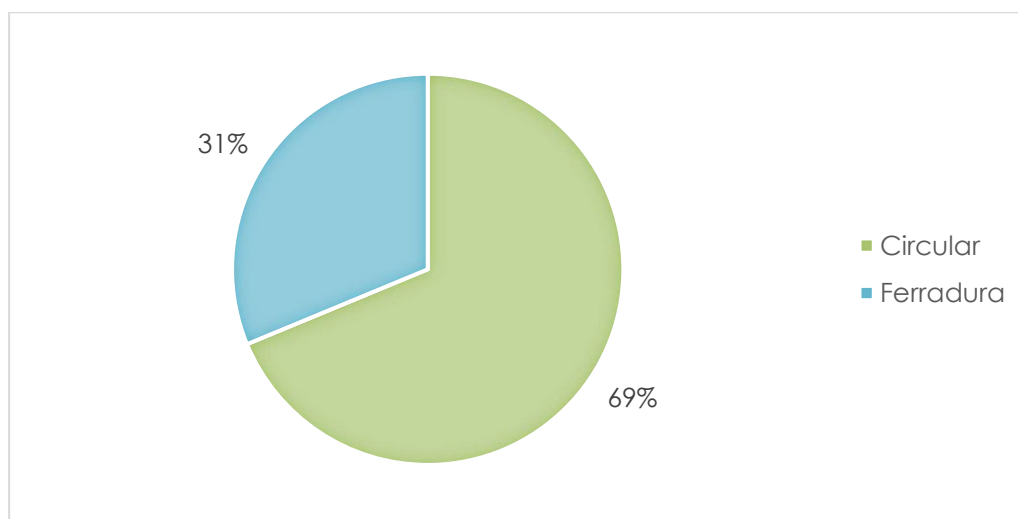


Fig. 35 | Gráfico resumo com indicação dos resultados das tipologias

No que diz respeito às **tipologias** existentes, e de acordo com os resultados obtidos na figura 35, estes são na grande maioria de planta circular, os quais correspondem a 69% do total das construções analisadas.

Apesar de existirem outras tipologias no Nordeste Transmontano, os mais comuns são os de planta circular e em ferradura, pelo que, o resultado obtido está de acordo com a informação anteriormente citada e analisada.

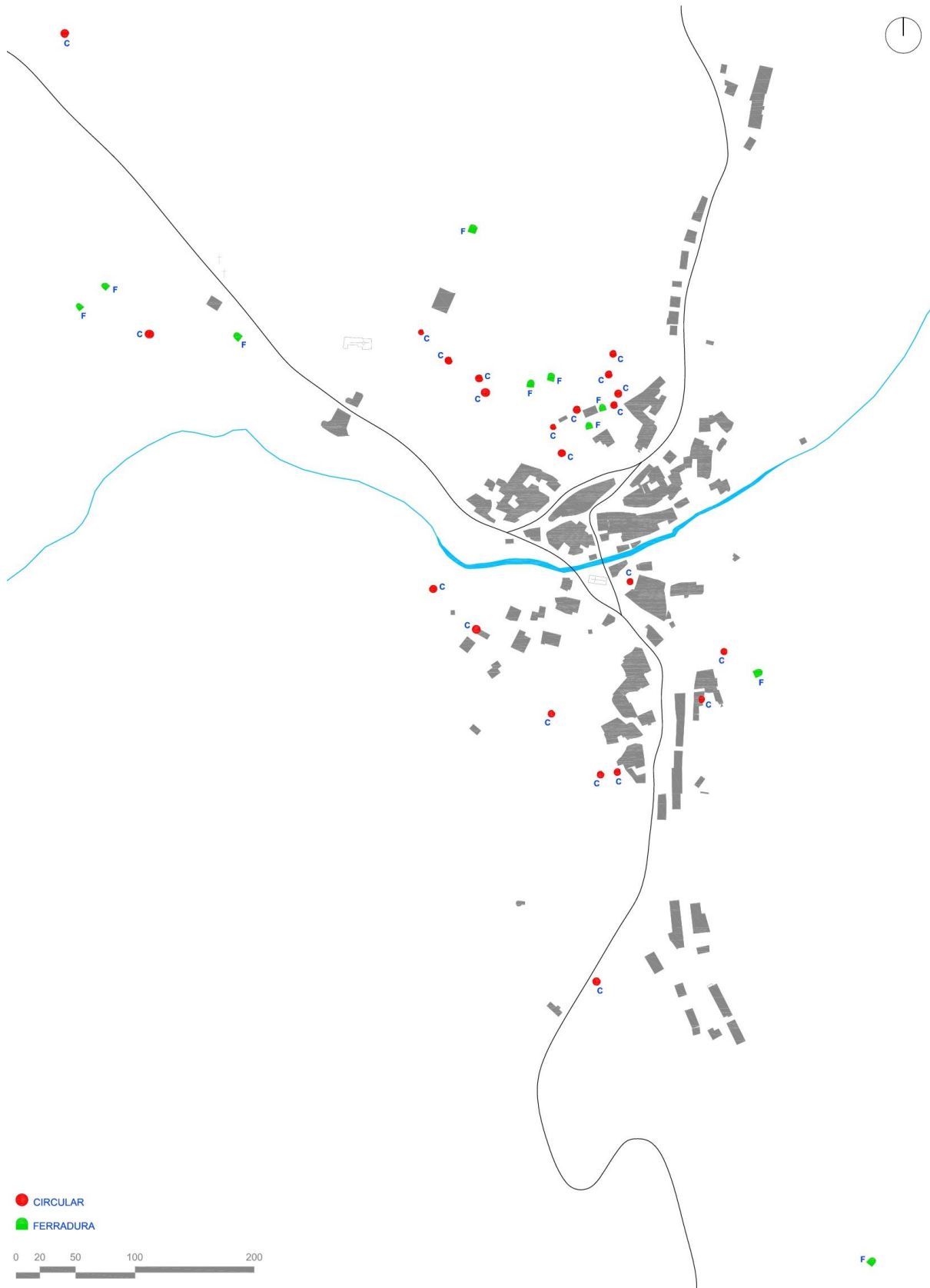


Fig. 36 | Mapa da aldeia com indicação das tipologias

Dimensões

Para a realização desta análise foi necessário elaborar uma tabela onde estão descritas as várias **dimensões** obtidas no trabalho de campo. Destas, e apesar de constarem na respetiva tabela, optou-se por elaborar somente dois gráficos resumo referentes às volumetrias, os quais correspondem ao resultado final do cálculo volumétrico de cada construção. Neste sentido, e de acordo com a figura 37, as volumetrias mais comuns nos pombais de planta circular variam entre os 110 m³ e os 139 m³, correspondendo a 45% do total das construções analisadas com esta tipologia.

Para a realização deste gráfico não se tiveram em conta dois pombais, mais concretamente os identificados nos inquéritos n.º 19 e 32, pois não foi possível medi-los.

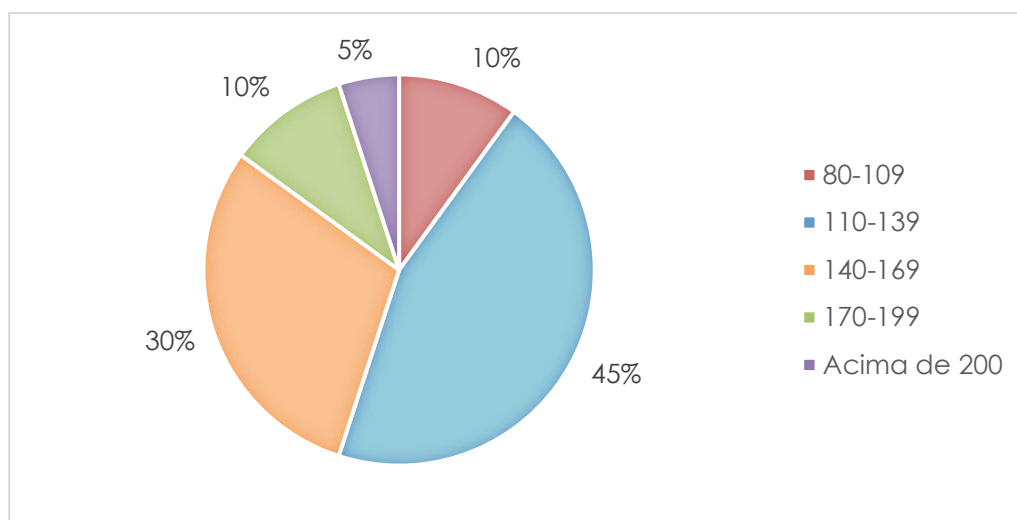


Fig. 37 | Gráfico resumo das volumetrias em pombais de planta circular

É de referir, que nas fichas de inquérito, as alturas estão divididas em alturas máximas e mínimas, correspondendo à altura da frente e de trás, respetivamente. Desta forma, e após efetuar a presente análise, chegou-se à conclusão que se o terreno onde estes estão implantados não tiver muita inclinação, as alturas da frente e de trás tornam-se

muito próximas e em alguns casos, a altura da frente, habitualmente a máxima, passa a corresponder à altura mínima.

Quanto às volumetrias mais comuns nos pombais de planta em ferradura, e de acordo com a figura 38, estes variam entre os 80 m³ e os 109 m³, os quais correspondem a 45% do total das construções analisadas com esta tipologia.

Para a realização deste gráfico não se teve em conta um pombal, mais concretamente o identificado nos inquérito n.º 24, pois não foi possível medi-lo.

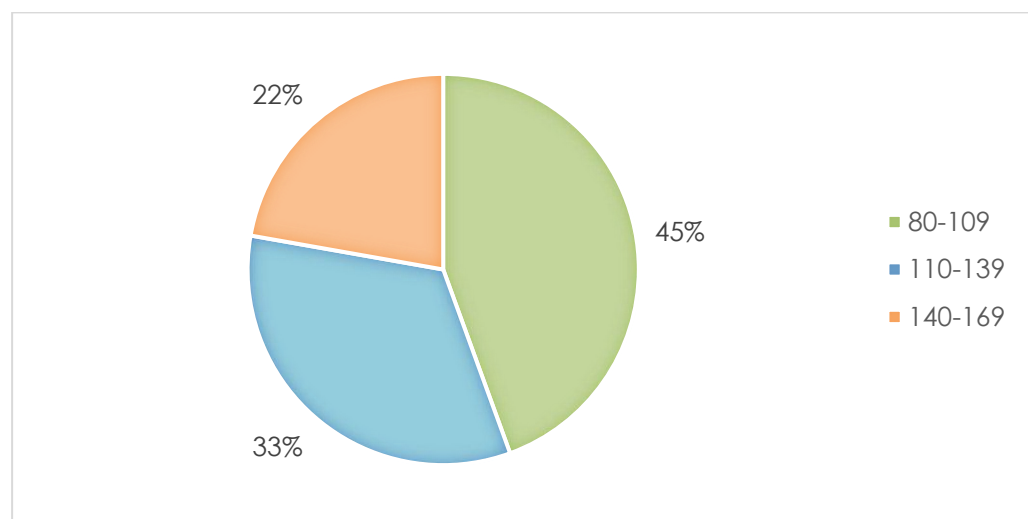


Fig. 38 | Gráfico resumo das volumetrias em pombais de planta em ferradura

Os resultados obtidos indicam-nos que neste caso de estudo as médias das volumetrias nestas construções é de 136,95 m³ em pombais de planta circular e de 112,78 m³ no caso de pombais de planta em ferradura.

Inquérito n.º	Tipologia	Altura da frente (m)	Altura de trás (m)	Perímetro (m)	Volumetria (m³)
1	circular	3,80	3,70	23,37	163,06
2	ferradura	4,70	4,00	22,20	147,65
3	ferradura	3,70	3,32	21,60	112,78
4	ferradura	3,72	3,54	23,03	132,59
5	ferradura	2,63	2,52	22,90	93,00
6	ferradura	3,60	3,38	23,45	132,17
7	circular	4,35	4,72	21,45	166,13
8	circular	3,55	3,48	19,60	107,51
9	circular	4,75	3,10	21,00	137,81
10	circular	4,90	4,28	17,50	111,92
11	circular	4,90	5,02	32,36	413,53
12	circular	6,40	4,18	21,00	185,74
13	circular	3,43	3,30	20,30	110,40
14	circular	3,70	3,68	22,07	143,10
15	circular	5,44	5,06	19,00	150,90
16	circular	4,24	4,12	21,40	152,41
17	circular	3,26	2,54	22,40	115,85
18	circular	5,00	4,40	18,65	130,16
19	circular	3,00	-	-	-
20	circular	4,50	4,33	19,26	130,39
21	ferradura	4,06	3,07	24,35	145,57
22	ferradura	3,09	2,84	22,45	102,92
23	circular	3,72	3,67	20,45	123,03
24	ferradura	3,28	-	-	-
25	circular	4,38	3,57	20,00	126,59
26	circular	5,08	4,29	19,10	136,08
27	circular	3,70	3,40	22,60	144,36
28	circular	3,35	3,20	19,25	96,62
29	circular	4,40	3,60	23,90	181,91
30	ferradura	3,05	2,75	20,60	84,75
31	ferradura	3,30	2,95	21,63	100,69
32	circular	-	-	-	-
Média das volumetrias (m³)			Circular	136,95	
			Ferradura	112,78	

Fig. 39 | Tabela de análise de dimensões e volumetrias

5.1.3_Construtiva

A análise construtiva refere-se aos materiais e características construtivas utilizadas na edificação dos pombais. Com o objetivo de os analisar e comparar, recolheram-se os dados mais relevantes destas características, o que nos permite correlacionar a presente análise com a informação anteriormente citada.

Neste sentido, a arquitetura vernácula e popular possuem características reconhecidas e valorizadas, pois são parte de um processo de adaptação contínua, o que permitiu ao homem saber utilizar com exatidão cada material e aperfeiçoar o modo de o trabalhar.

5.1.3.1_Materiais

Após uma análise sistemática e consistente das fichas de inquérito, os resultados são apresentados na Tabela 1 – Materiais, na qual se concluí que os materiais utilizados na construção dos pombais se podem dividir em dois grupos distintos:

- Materiais de origem mineral (xisto, granito, quartzo, barro e cal)
- Materiais de origem vegetal (madeira)

Assim será efetuada uma análise sucinta a cada um desses grupos de materiais e seus derivados utilizados.

Inquérito n.º	Parede exterior	Revestimento exterior	Cobertura	Estrutura da cobertura	Vão	Estruturas anti predadores	Carta-vento	Pináculos
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15		-						
16								
17			-	-	-			
18								
19		-						
20								
21								
22								
23								
24					-			
25								
26								
27								
28								
29		-	-	-				
30		-	-	-				
31								
32					-			

Legenda:

Xisto	Cal	Telha de Barro	Barro
Quartzo	Madeira	Granito	Metal

Fig. 40 | Tabela de análise de materiais

Materiais de origem mineral

Xisto

É a designação genérica para vários tipos de rochas metamórficas, isto é, que sofreram alterações na sua composição e estrutura após serem consolidadas. Tendo como características a divisão em lâminas ou folhas, o seu grão muito fino e a fácil esfoliação, é constituída maioritariamente por micas – moscovite – com cristais muito desenvolvidos. A matéria orgânica desta pedra é o betume, ou seja, uma mistura de hidrocarbonetos, que inclui por vezes, depósitos de petróleo, asfalto ou gás natural. Este tipo de rocha é também conhecido pelo nome de “lousa”.

A abundancia de xisto na aldeia de Uva, nas suas diversas formas, variedades e aplicações na construção, levou a que esta pedra se tornasse o material de eleição para a execução de todos os edifícios analisados. Trata-se assim do material mais usual nesta região pela sua presença constante em paramentos verticais.

Os xistos da região apresentam características muito variadas uns dos outros, sendo possível encontrar pedras com diferentes graus de resistência e dureza, o que torna umas mais aptas para a construção que outras. Regra geral estas pedras distinguem-se pela sua tonalidade, sendo que a tonalidade mais escura garante uma maior resistência e maior durabilidade, a qual vai diminuindo gradualmente com a aproximação a uma tonalidade mais clara.



Fig. 41 | Parede interior de um pombal

Granito

É uma rocha que tem uma textura granular em que os materiais constituintes são bem visíveis e identificáveis, sendo composta essencialmente pelos minerais quartzo, mica e feldspato, e resulta da solidificação do magma a grande profundidade.

Uma das principais características do granito é o facto de ser bastante duro e resistente, além disso, é totalmente reciclável e de fácil manutenção, o que faz com que seja um dos materiais mais usados na construção civil.

Neste caso de estudo, verifica-se que o granito é um material pouco comum neste tipo de construções, pelo que só uma pequena parte o possui. Geralmente encontra-se nas padieiras e ombreiras, como se exemplifica na figura 42.



Fig. 42 | Porta de acesso



Fig. 43 | Pináculo

Quartzo

O quartzo é considerado um dos minerais mais abundantes da terra, sendo a sua forma muito semelhante a pedaços de vidro partido. A formação desta pedra faz parte de um processo geológico que pode levar milhares de anos, e são compostas principalmente de Dióxido de Silício, estando presente em todos os tipos de formações rochosas.

Este material, representado na figura 43, apesar de não ser muito relevante nestas construções, foi utilizado em grande parte delas, mais concretamente nos pináculos.

Barro

É uma das matérias-primas essenciais e de importância vital para a construção, pela sua utilização constante em todas as construções analisadas. Revela-se assim imprescindível para a construção de paramentos verticais, quando associado ao assentamento da pedra de xisto, mas também a rebocos exteriores.

Quando utilizado na construção é um material de natureza rochosa, granulometria fina e textura argilosa, obtido a partir de um solo composto por elevados teores de minerais de argila.

Sendo a preparação e aplicação do barro no estado cru bastante simples, geralmente era executado pelo próprio. Também era comum, o uso do barro no estado cru, em telha de barro (figura 44), que depois de moldado era seco ao sol.

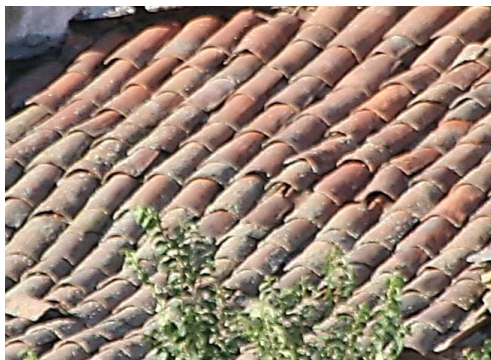


Fig. 44 | Cobertura (exterior)

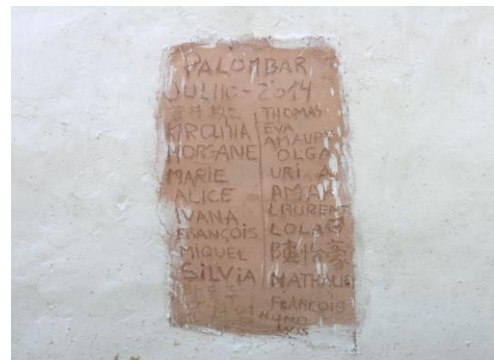


Fig. 45 | Revestimento exterior

Cal

A cal, também conhecida como óxido de cálcio é uma das substâncias mais importantes para a indústria e para a construção. É um ligante utilizado com sucesso há centenas de anos na construção, e destaca-se por adquirir presa e ganhar resistência mecânica quando em contacto com a água. O dióxido de carbono existente na atmosfera contribui também para o seu processo de endurecimento. Atualmente, a cal hidráulica natural é aplicada como o ligante de eleição na construção sustentável e na reabilitação de edifícios.

Esta é elaborada através da mistura da cal (em pedra ou pó), e alguma quantidade de água, que depois de misturada e mexida obtém-se uma massa pastosa, à qual se vai juntando a água necessária, até obter uma consistência adequada para pincelar na parede.

No presente caso de estudo, verifica-se que este material foi utilizado em praticamente todas as construções sujeitas a intervenção, como se exemplifica na figura 45.

Materiais de origem vegetal

Madeira

Este material é sobretudo utilizado como estrutura de suporte de telhados e carpintarias exteriores. As mais frequentes são a madeira de castanho e carvalho, pois é a que tem mais resistência e duração.

No presente caso de estudo, e apesar de algumas construções já não apresentarem estes elementos, verificou-se que todas elas eram e são em madeira (figura 46). Quanto à sua utilização no vão de acesso, e apesar de a grande maioria ser em madeira, como exemplifica a figura 47, também se verificam outros materiais.



Fig. 46 | Cobertura (interior)



Fig. 47 | Porta de acesso

5.1.3.2_Características construtivas

Após uma análise sistemática e consistente das fichas de inquérito, os resultados são descritos e resumidos ponto a ponto, na qual se conclui que as características construtivas utilizadas na construção dos

pombais se podem dividir nos seguintes tipos distintos:

- Paredes;
- Reboco;
- Cobertura;
- Porta de acesso;
- Estruturas anti predadores;
- Corta-vento;
- Pináculos;
- Outras características.

Assim será efetuada uma análise sucinta a cada um destes tipos de características construtivas utilizadas, os quais foram selecionados de acordo com a acessibilidade no terreno e importância atribuída aquando da elaboração das fichas de inquérito.

Paredes

Este elemento refere-se às alvenarias exteriores da totalidade das construções analisadas, as quais possuem paredes portantes em alvenaria argamassada. Estas são constituídas por pedras irregulares assentes em argamassa, que em obra eram devidamente selecionadas. Geralmente aparelham numa das faces, para a qual eram escolhidas as melhores pedras.

Como se pode verificar na figura 48 e 49, é recorrente a utilização de pedras aparelhadas com maiores dimensões, o que permite o travamento das mesmas. Esta técnica proporciona uma maior estabilidade e segurança à estrutura.

Geralmente, a sua espessura situa-se entre os 0,70 m e os 0,90 m, dimensões estas que já incluem os ninhos que se situam no interior do pombal.

O conjunto de todas estas características confere uma boa regulação térmica ao edifício, reforçada pela adição de barro e pedras miúdas entre os blocos de xisto, as quais se desenvolvem até à altura do telhado, a partir do qual ganha forma o corta-vento.

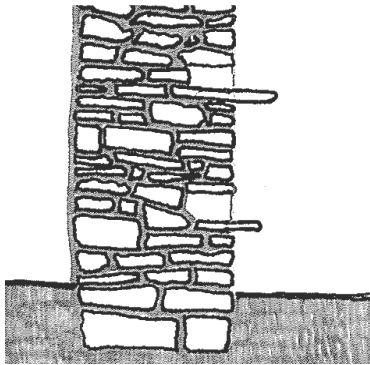


Fig. 48 | Corte de parede



Fig. 49 | Alçado de parede exterior

Reboco

A utilização do reboco tem como principal objetivo a proteção da construção em relação às diversas exigências a que os paramentos estão sujeitos, entre os quais a chuva e o vento, mas também de fatores intrínsecos aos materiais constituintes.

Esta argamassa em cal e areia destinadas a reboco, geralmente sem adição de agregados, é crivado com uma peneira mais fina, para assim conseguir um efeito mais macio.

Geralmente muito fino, impossibilita a subida de predadores e protege-o da consequente deterioração. Por outro lado, o branco da cal reflete a luz solar nos meses de Verão.

No presente caso de estudo, verifica-se que quase todas as construções apresentam reboco exterior (figura 50), no entanto, é de referir que em alguns deles estão em mau estado e quase inexistentes (figura 51), pois não foram sujeitos a qualquer intervenção.

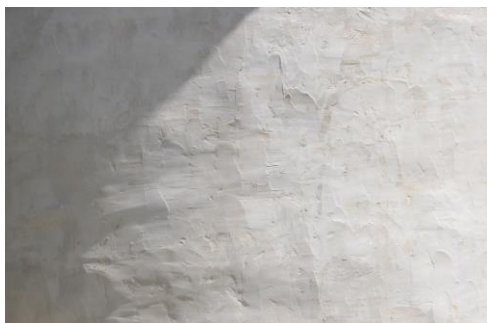


Fig. 50 | Reboco (pombal recuperado)



Fig. 51 | Reboco (pombal por recuperar)

Cobertura

São os elementos mais importantes na construção destes edifícios, pois delas depende a sua durabilidade e conforto. As estruturas de madeira e com pouca inclinação, onde a telha cerâmica assenta nas ripas, que se apoiam em caibros e estes, por sua vez, em vigas em número de uma ou duas, são embutidas nas paredes (figura 53). O revestimento é em telha marselha ou de capa-canal, corrida e colocada a uma só água.

Uma característica muito particular das coberturas dos pombais é que esta acompanha o contorno da parede interior do corta-vento, apoiando-se nesta estrutura.

Em relação ao presente caso de estudo, poucas são as construções que já não possuem cobertura, no entanto, em alguns caos já está em mau estado, ou mesmo em ruínas, como se pode verificar nas fichas de inquérito n.º 17, 19, 29 e 30.

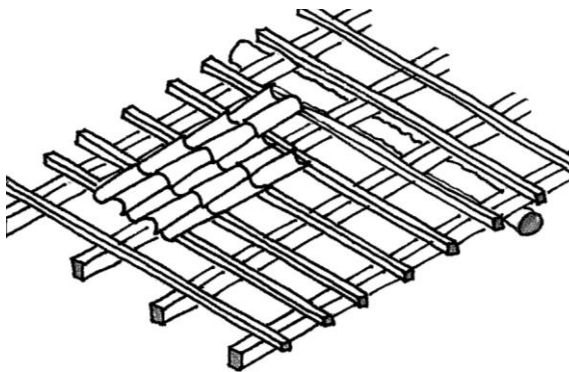


Fig. 52 | Pormenor da cobertura



Fig. 53 | Cobertura (interior)

Porta de acesso

A abertura de vãos nos paramentos verticais implica a utilização de um conjunto de técnicas e soluções combinadas, as quais se explicaram nos sistemas de construção das paredes.

Com a abertura destes, criam-se pontos frágeis na estrutura, os quais são reforçados com a colocação de elementos sólidos nas ombreiras, padieiras e peitoril (figura 54).

Geralmente retangulares e executadas em madeira apresentam dimensões muito reduzidas e situam-se quase sempre acima do nível do solo. Em relação ao presente caso de estudo, verifica-se que as existentes nas fichas de inquérito n.º 12, 18, 26, 23 e 31 são distintos.

O remate da parte inferior do vão, é feito com uma pedra colocada horizontalmente, e remata toda a largura do vão (figura 55).

Na zona lateral da alvenaria das portas, as ombreiras limitam-se muitas vezes à interrupção da parede e ao acabamento regular da mesma.

Noutros casos, são dispostas duas pedras ao alto, sem fixação lateral.

Para concluir, o remate superior é constituído por uma pedra ou outro material cuja largura ultrapassa e vence o próprio vão.

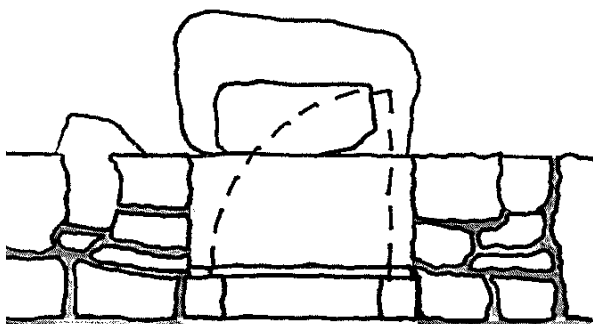


Fig. 54 | Planta da porta



Fig. 55 | Alçado da porta

Estruturas anti predadores

Todos os pombais analisados, e independentemente da sua tipologia, apresentam estas estruturas localizadas na parte exterior da parede. É um beiral constituído por várias lajes de pedra de xisto, dispostas em escama de peixe que saem cerca de 0,30 m da parede (figura 57).

Esta dimensão é muito idêntica à que fica embutida na parede, com o objetivo de ficarem sólidas, como se pode verificar na figura 56.

Servem também para proteger as pombas de alguns animais predadores, assim como poiso às pombas, podendo também resguardar a parede.



Fig. 56 | Corte de corta-vento

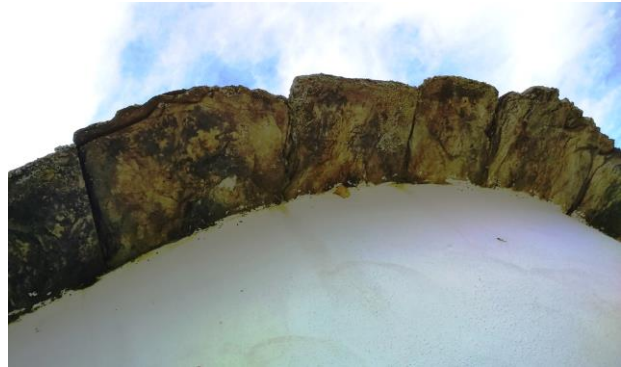


Fig. 57 | Estrutura anti predadores

Corta-vento

Os pombais analisados apresentam corta-ventos construídos em pedra de xisto que se elevam ligeiramente acima do telhado. Neste específico caso de estudo, não se verificou a existência de nenhum com a face superior semicilíndrica, pelo que são todos capeados com lajes de xisto, as quais são encadeadas umas sobre as outras com o objetivo de proteger as frestas da possível infiltração das águas das chuvas e conseqüente degradação das paredes (figuras 58 e 59).

Servem para proteger as saídas de voo dos ventos dominantes, principalmente quando provenientes do sentido Norte, assim como proporciona melhores condições para que as pombas permaneçam no telhado do pombal.

O sistema construtivo destes elementos é idêntico ao empregado nas alvenarias exteriores, assim como no que diz respeito ao revestimento.

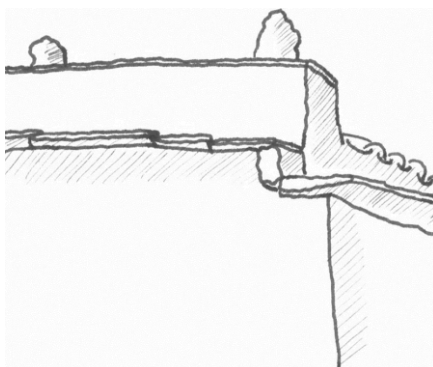


Fig. 58 | Esquízo do corta-vento



Fig. 59 | Corta-vento

Pináculos

Os pináculos destas construções são adornos de variadas formas e materiais, colocados na parte superior dos corta-ventos, sendo a característica que concede e promove maior diversidade aos pombais. No presente caso de estudo, só se verifica a existência de três tipos de materiais, mais concretamente em blocos de pedra de quartzo, granito (figura 60) ou tijolos maciços (figura 61).

Destinam-se essencialmente a simular que estão pombos pousados no pombal, promovendo a atracção de outras aves e a dissuasão dos predadores. Para além desta utilidade, os adornos devem ser chamativos e facilmente visíveis do ar, o que facilita o reconhecimento e identificação do local por parte das pombas em voo.



Fig. 60 | Pináculo de granito



Fig. 61 | Pináculo de tijolo maciço

Mesa de alimento

São estruturas que servem para depositar o grão que garante a sobrevivência dos animais nos meses de Outono e Inverno (figura 63).

Atualmente, e depois de a grande maioria ter sofrido intervenções, foram substituídos por comedouros mais recentes, os quais foram construídos para esse fim, como se pode verificar na figura 62.

Apesar de não se ter acesso ao interior de todos os pombais, verificou-se que alguns deles ainda possuem as mesas de alimento originais. Estas apresentam uma forma circular e são construídas em pedra de xisto, tendo aproximadamente 1 metro de altura.



Fig. 62 | Mesa de alimento atual



Fig. 63 | Mesa de alimento antiga

Ninhos

Localizam-se no interior do pombal e servem para os pombos nidificarem. Consistem numa cavidade em forma paralelepípedica, feitos no ato da construção das paredes. Alguns ninhos possuem ainda uma pedra inferior que se prolonga da parede (figura 64), e destina-se a servir de patamar, onde as pombas poisam e os donos utilizam quando vão retirar os borrachos.

Geralmente ocupam quase todo o paramento interior, sendo muito semelhantes em todas as tipologias.



Fig. 64 | Ninhos

5.1.4_Situação atual

Neste caso de estudo em particular, poucos são os pombais que estão abandonados e sem uso. Infelizmente esta realidade não se verifica na grande maioria dos pombais situados em outras localidades.

Desta forma procedeu-se a uma análise da situação atual destas construções, mais concretamente no que diz respeito às intervenções realizadas ao longo dos últimos anos e ao uso que estas apresentam atualmente. Com o objetivo de os analisar e comparar, recolheram-se os dados mais relevantes destas características, o que nos permite correlacionar a presente análise com a informação anteriormente citada.

Intervenção

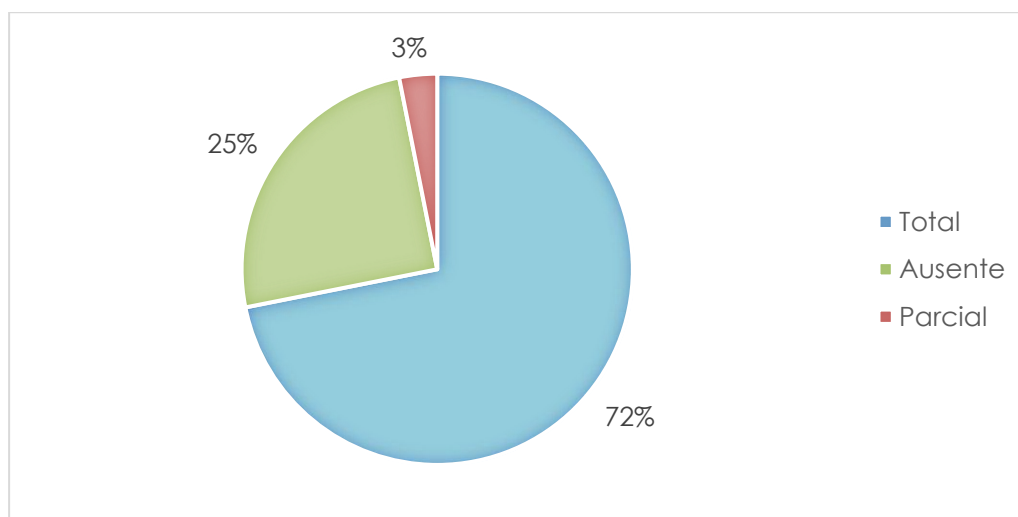


Fig. 65 | Gráfico resumo com indicação dos resultados das intervenções realizadas

Depois de concluídas e analisadas as fichas de inquérito, verificou-se que poucos são os pombais que estão abandonados e sem uso. Esta realidade deve-se às várias iniciativas de recuperação e manutenção que a associação Palombar, e outras entidades públicas e privadas, têm vindo a realizar ao longo dos últimos anos, o que faz com que 72% dos pombais existentes tenham sido sujeitos a **intervenção**, como demonstra o gráfico representado na figura 65.

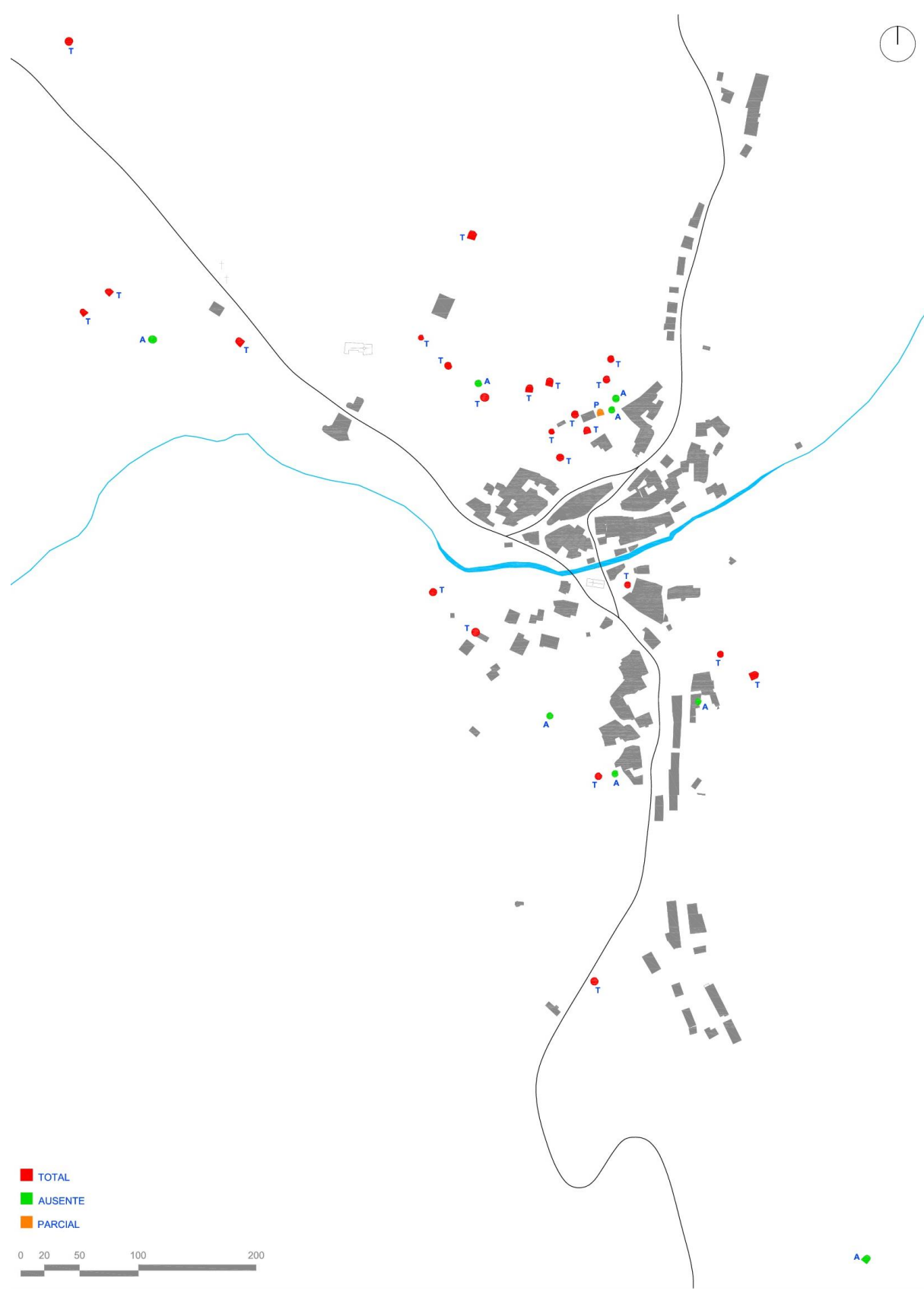


Fig. 66 | Mapa da aldeia com indicação das intervenções realizadas

Uso atual

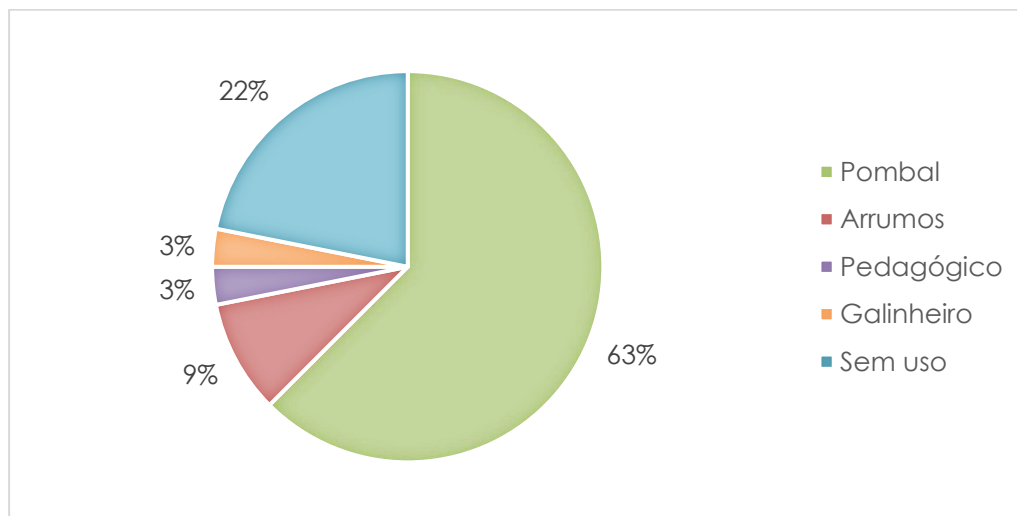


Fig. 67 | Gráfico resumo com indicação dos resultados dos usos atuais

Com o objetivo de verificar quais os usos das atuais construções, e uma vez que a grande maioria destas foi sujeita a intervenção, procedeu-se à análise das fichas de inquérito. Os resultados obtidos, e de acordo com a figura 67, concluem que a grande maioria das construções existentes é utilizada para o fim a que foram erguidas, mais concretamente como pombal, os quais correspondem a 63% da totalidade das mesmas.

Apesar de corresponderem a uma pequena percentagem, também se verifica que algumas delas foram convertidas em outros usos, como se pode verificar nas figuras 68 e 69.



Fig. 68 | Pombal pedagógico



Fig. 69 | Pombal convertido em galinheiro

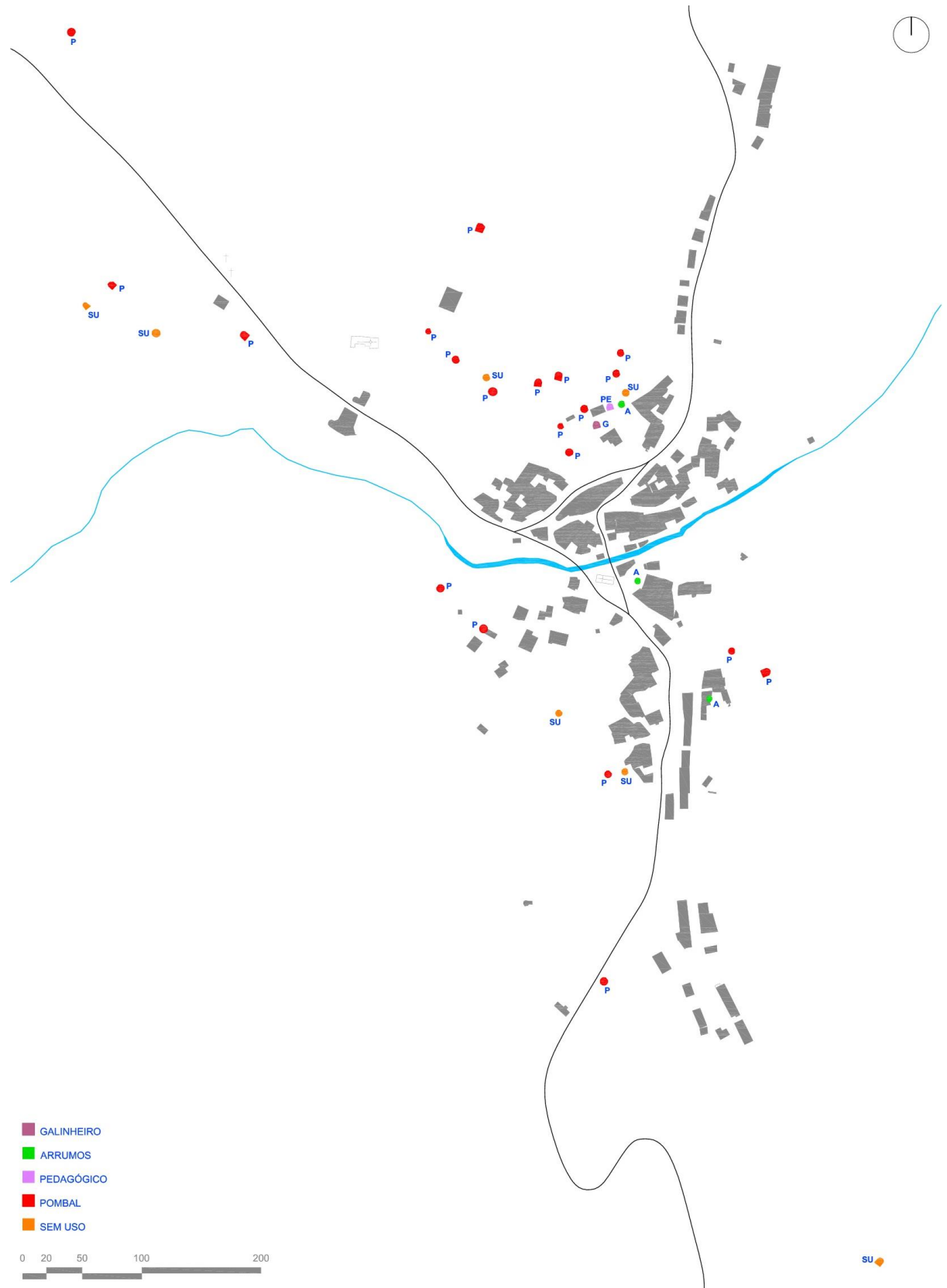


Fig. 70 | Mapa da aldeia com indicação do uso atual dos pombais

5.2_Recomendações para futuras intervenções

Depois de concluída a análise, e uma vez que a recuperação destes edifícios se enquadra na problemática da requalificação deste tipo de arquitetura, procurou-se definir algumas recomendações para futuras intervenções. Isto é, identificar e descrever alguns métodos que se julgam ser os mais adequadas para a realização dos respetivos trabalhos. Vários projetos serviram de referência, nomeadamente os realizados por entidades públicas e privadas, no entanto, é de salientar que o trabalho realizado pela associação Palombar ao longo dos últimos anos foi o que mais contribuiu para a elaboração destas recomendações.

Neste sentido, e com o objetivo de facilitar a leitura, a descrição dos trabalhos baseou-se em registos fotográficos realizados pela associação no decorrer de algumas intervenções.

Depois de concluídas as fichas de inquérito, chegou-se à conclusão que os pombais abandonados apresentam quase sempre as mesmas patologias, que são, na grande maioria, de fácil resolução. Geralmente, estas patologias surgem em construções totalmente abandonadas, pois não têm qualquer manutenção, no entanto, e como a grande maioria dos materiais é de origem mineral, a sua recuperação é fácil e de baixo custo.

Neste sentido, realizar-se-á uma breve descrição das principais fases de intervenção.



Fig. 71 | Desmatação e limpeza do local



Fig. 72 | Remoção do revestimento exterior

Como se pode verificar na figura 71, antes de proceder a qualquer intervenção, a área envolvente ao pombal deverá ser sujeita a desmatação (caso exista), eliminando pela raiz a vegetação daninha, de modo a facilitar as intervenções indispensáveis.

Posteriormente, e caso o revestimento exterior esteja em mau estado de conservação, este deverá ser removido (figura 72). Antes da sua reposição, as paredes deverão ser limpas e as juntas devidamente preenchidas (figura 73). Para finalizar, as paredes são rebocadas com cal e areia (figura 74) e pintadas com tinta à base de cal.



Fig. 73 | Reparação de paredes exteriores



Fig. 74 | Colocação de revestimento exterior

Relativamente às coberturas, estes são os elementos mais importantes destes edifícios, pois delas depende a sua durabilidade.

A telha cerâmica, depois de retirada, deverá ser selecionada e devidamente limpa (figura 76), e se em bom estado, reaproveitada.



Fig. 75 | Recuperação de cobertura em madeira



Fig. 76 | Limpeza e recuperação de telha cerâmica

Quanto à estrutura de madeira, e se esta ainda estiver em bom estado de conservação, deverá ser limpa, tratada e reaproveitada (figura 75), mantendo sempre as características construtivas.

A porta de acesso, que mais parece uma janela, é geralmente executada em madeira e apresenta dimensões muito reduzidas.

Estes elementos, e devido à sua localização, raramente se encontram em ruínas, pelo que a sua recuperação é na grande maioria dos casos viável e não acarreta grandes custos (figura 77).



Fig. 77 | Porta por recuperar



Fig. 78 | Porta recuperada

Neste sentido, a madeira utilizada deverá ser limpa e tratada, tentando manter sempre que possível, as principais características construtivas (figura 78).

As estruturas anti predadores, comuns em todos os pombais, são um beiral que resguarda as paredes das águas pluviais, e é constituído por várias lajes de pedra de xisto, dispostas em escama de peixe.



Fig. 79 | Recuperação de estruturas anti predadores e corta-vento



Fig. 80 | Pintura de corta-vento

As dimensões são muito idênticas às que ficam embutidas na parede, com o objetivo de ficarem corretamente contrabalançadas.

Estas lajes que fazem parte da totalidade dos pombais, são de fácil recuperação e não acarretam grandes custos, nas quais basta efetuar uma simples limpeza para poderem ser reaproveitadas, conforme demonstrado na figura 79.

No corta-vento, e quando se verifique que o revestimento exterior se encontra em mau estado de conservação, deverá ser removido (figura 72). Antes da sua reposição, as paredes deverão ser limpas (figura 73) e as juntas devidamente preenchidas, as quais são rebocadas com cal e areia. Para concluir recebem uma pintura final à base de cal (figura 80).

Por cima destes, estão colocados os pináculos em pedra, que são na grande maioria dos casos, recuperáveis (figura 81). Esta recuperação é de fácil execução e de baixo custo, pois tratam-se de elementos pétreos, nos quais só é necessário proceder a uma limpeza.



Fig. 81 | Pináculo em pedra de quartzo



Fig. 82 | Recuperação de saída de voo

Quanto às saídas de voo, localizam-se na parte superior da parede da frente, o que é comum nas duas tipologias existentes na aldeia de Uva. Estas aberturas são servidas por uma soleira em pedra de xisto, as quais formam um patamar que se designa por rampa de voo. As características construtivas e os materiais utilizados, são idênticos aos empregados nas restantes estruturas anti predadores.

Estas lajes, caso ainda existam, são de fácil recuperação e não acarretam grandes custos, nas quais basta efetuar uma simples limpeza para poderem ser reaproveitadas.

Quanto à recuperação das saídas de voo, e uma vez que estas são pequenas aberturas se localizam no beiral destes edifícios, aquando da recuperação da cobertura ficam automaticamente recuperadas (figura 82).

Em síntese, e como se pode concluir com esta breve análise, a maioria das intervenções são bastante simples e não acarretam grandes custos, uma vez que grande parte dos materiais existentes são reaproveitáveis. Para a realização destes trabalhos, as técnicas de construção utilizadas deverão ser sempre as mais adequadas, as quais se julgam bem identificadas e descritas nesta investigação.

Com o objetivo de demonstrar um exemplo real de uma intervenção realizada nesta aldeia, anexam-se duas fotografias que demonstram o antes e depois de uma intervenção recente.



Fig. 83 | Pombal antes da intervenção



Fig. 84 | Pombal após intervenção

Parte 6_Considerações finais



6.1_Conclusões específicas

A presente investigação visou pesquisar e analisar as singularidades de uma arquitetura popular desconhecida pela maioria das pessoas, que são os pombais tradicionais transmontanos. Só assim se poderão definir estratégias e recomendações para futuras intervenções neste património vernáculo.

Esta constitui uma síntese geral dos resultados obtidos, o que nos permite dar resposta aos objetivos propostos, tendo em conta a metodologia e o processo utilizado no seu desenvolvimento.

Neste sentido, procedeu-se à inventariação da totalidade dos pombais existentes em Uva, o que nos permitiu concluir que atualmente existem 32 edifícios, os quais se localizam, na grande maioria, fora do atual perímetro urbano. Conclui-se ainda que o número de construções isoladas ou em grupos é de igual número, e que a grande maioria dos pombais é de planta circular, mais concretamente 22, sendo os restantes 10 de planta em ferradura.

Em síntese, as fichas de inquérito elaboradas poderão contribuir para ações de conservação e conseqüente diminuição do seu abandono, além de que também assegurará a preservação da memória histórica e dos saberes tradicionais. Tiveram também um importante papel na dissertação, pois além da função de apoio à recolha estruturada de informações do trabalho de campo, após preenchimento, dá resposta ao **primeiro objetivo definido**. Quando correlacionado com os capítulos anteriores definidos na fase inicial, serve de base de dados para uma análise mais aprofundada, permitindo dar resposta aos restantes objetivos.

Como já referenciado, para recuperar tal legado, é necessário estudar este tipo de arquitetura vernácula, identificando os materiais e técnicas utilizadas neste tipo de construções. Neste sentido, desenvolveu-se a análise relativa à informação recolhida, onde se identificam e comparam algumas das características comuns e particulares de cada pombal.

Aquando da sua realização, e de forma a simplificar tal análise, foram definidas quatro categorias de análise, das quais se realiza uma pequena abordagem, incluindo um breve resumo de todos os resultados obtidos, o que nos permite responder ao **segundo objetivo estabelecido**.

Relação com o território

Uma vez que os pombais analisados apresentam diferentes características de implantação, procedeu-se a uma análise comparativa destes indicadores, mais concretamente das cotas altimétricas, declives, orientação solar e ocupação do solo.

Em síntese, podemos concluir que quando um habitante da aldeia de Uva pretendia edificar um pombal, a escolha recaía em solos agrícolas perto das povoações e se possível sobre as rochas. Estes terrenos apresentam declives entre os 15 – 25% e localizam-se em cotas altimétricas entre os 500 e os 519 metros.

Quanto à orientação solar, e se a pendente do terreno o permitisse, escolhiam as encostas ensolaradas, mais concretamente as orientadas para Sudeste, o que também permite uma exposição solar durante mais tempo, e faculta uma maior luminosidade no interior do pombal, assim como, uma temperatura amena e seca ao longo do ano.

Formal

Na aldeia de Uva, os pombais apresentam diferentes características morfológicas entre eles, motivo pelo qual se procedeu a uma análise destes indicadores, mais concretamente das tipologias e dimensões.

Em síntese, no que diz respeito às características morfológicas, conclui-se que a tipologia mais comum é o de planta circular com volumetrias que variam entre os 110 m³ e os 139 m³.

Construtiva

A análise comparativa destes indicadores refere-se aos materiais e

características construtivas utilizadas na construção destes pombais, pelo que se recolheram os dados mais relevantes destas características.

Uma vez que a recuperação destes edifícios se enquadra na problemática da requalificação deste tipo de arquitetura, ao mesmo tempo que se realizou a análise procurou-se responder ao terceiro objetivo. Isto é, definir recomendações para possíveis intervenções, o que permitirá e possibilitará a sua proteção.

Em síntese, e de acordo com os resultados obtidos, chegou-se à conclusão que o obreiro empregava materiais com que a natureza o presenteava, mais concretamente materiais de origem mineral (xisto, granito, quartzo, barro e cal) e de origem vegetal (madeira).

Quanto às características construtivas, estas edificações eram executadas de forma muito simples e caracterizam-se pela qualidade da sua execução, tendo em conta soluções que já se haviam mostrado eficazes.

Situação e uso atual

Neste estudo de caso em particular, poucos são os pombais que estão abandonados e sem uso, o que motivou a sua análise, mais concretamente no que diz respeito às intervenções já realizadas e ao uso que estas apresentam atualmente.

No que diz respeito à situação atual, e como já referido, conclui-se que a grande maioria dos pombais foi intervencionado e que os mesmos mantêm o uso para o qual foram erguidos.

Esta realidade deve-se às várias iniciativas de recuperação e manutenção que a associação Palombar, e outras entidades públicas e privadas, têm vindo a realizar ao longo dos últimos anos.

Neste sentido, e uma vez que a recuperação destes edifícios se enquadra na problemática da requalificação deste tipo de arquitetura, ao mesmo tempo que se realizou a análise procurou-se responder ao **terceiro objetivo definido**. Isto é, definiram-se

recomendações para possíveis intervenções, que não é mais do que uma identificação e descrição dos materiais e técnicas mais adequados para a realização destes trabalhos.

No que diz respeito aos edifícios existentes, e sempre que a sua reativação não seja exequível, talvez a solução mais adequada seja a reconversão para outra atividade agrícola ou pecuária, bem exemplificada no presente caso de estudo.

Além destas possibilidades de reconversão, o aproveitamento destas construções rurais tradicionais para atividades associadas ao turismo é uma alternativa com algumas potencialidades. Dois bons exemplos são os pombais que foram recuperados e reconvertidos em adega e casa de campo. Este último localiza-se na aldeia de Podence, concelho de Macedo de Cavaleiros, e o outro na Quinta do Chão d`Ordem em Vila Nova de Foz Côa.

Estas reconversões poderão ser realizadas com pequenas obras de adaptação e acima de tudo não alteram as suas características arquitetónicas, o que permitirá a sua utilização em vez do abandono e consequente destruição.

Neste mesmo sentido, uma outra possibilidade de aproveitamento é a revitalização da atividade económica a que está associado esse tipo de construção. Por exemplo, a valorização económica dos borrachos, pelo aparecimento de novas oportunidades de comercialização, pode incentivar muitos agricultores a retomar a criação de pombas e proceder aos trabalhos de reparação e manutenção dos pombais.

Em síntese, pretende-se que o conjunto das soluções apresentadas facilite a intervenção e recuperação destas construções tradicionais, o que é de louvar, pois têm um valor documental que expressa de maneira clara as relações entre o homem e o meio.

6.2_Conclusões gerais

A análise deste caso de estudo vem reforçar e justificar a importância do estudo do património rural, que na maioria dos casos está em risco de desaparecer. Por este motivo, a conservação deste tipo de arquitetura é fundamental, não só para manter a própria identidade destas zonas rurais, assim como preservar a beleza das paisagens rurais agrárias onde estão inseridas.

Várias razões podem explicar o abandono destas construções. O aumento do fluxo demográfico para os grandes centros urbanos a partir da década de 60, para onde parte da população rural emigrou, contribuiu para o abandono e declínio de muitas práticas agrícolas e pecuárias tradicionais. Paralelamente, a população ativa envelheceu e perdeu muitas das suas anteriores funções.

O conjunto destas mudanças, assim como a perda de interesse económico nos produtos retirados dos pombais, fez com que estas construções perdessem a sua utilidade funcional num contexto de economia rural, e conseqüente abandono destas construções.

Esta é uma realidade que pode ser observada com recurso a um pequeno passeio pelas ruas de qualquer aldeia do Nordeste Transmontano, permitindo-nos observar as ruínas destas e outras construções de cariz popular.

É por este motivo que deverão ser encontradas soluções para a sua conservação, pois estes bens imóveis, que são os pombais, correm o risco de desaparecer. Esta realidade poderá ter conseqüências tanto a nível patrimonial como cultural, pois o seu desaparecimento marcaria a história deste tipo de produção agrícola tradicional.

Neste sentido, e como já referenciado, talvez a valorização dos pombais passe pela sua divulgação. Deve, ainda, passar pelo seu aproveitamento, seja pela revitalização, reconversão ou recuperação, isto é, reconverter estas construções em edificado ativo, recuperando assim o valor perdido. O pombal pode ser assim aproveitado sob várias perspectivas, como o turismo temático, assim como na criação de rotas

turísticas, específicas ou integradas e a sua inclusão noutras atividades. Este tipo de aproveitamento pode ser fonte de algum rendimento e contribuir para a preservação destas construções.

As diferentes valências que os pombais apresentam em termos paisagísticos, arquitetónicos, ecológicos, agrícolas, e socioeconómicos, conferem-lhe uma forte apetência para a revitalização. A realização de eventos gastronómicos e valorização da restauração tradicional, em espaço rural, são oportunidades a explorar. Em suma, deve-se trabalhar no sentido de conservar este tipo de construções, como se fosse um exemplo vivo da sustentabilidade, que outrora os nossos antepassados conseguiram alcançar.

Para finalizar, a presente dissertação contribuiu para a consolidação de conhecimentos, métodos, técnicas e regras subjacentes ao processo de investigação científica, reforçando todos os saberes obtidos durante o curso. A realização de um trabalho original, num período limitado e considerando os objetivos pré-estabelecidos como cumpridos, foram o contributo para o conhecimento.

Referências bibliográficas

III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro (2002). Trás-os-Montes e Alto Douro. Bragança: AMTAD.

Alberti, L. B. (1485). *De Re Aedificatoria (Ten books on architecture)*. Florence: N. di Lorenzo.

Almeida, C. F. (1993). Património: Riegl e Hoje. *História: Revista da Faculdade de Letras*, 10, 2ª sér., 407-416.

Alves, F. M., & Amado, A. M. (2002). *Vimioso: notas monográficas*. Vimioso: Câmara Municipal de Vimioso.

Alves, J. E. (2004). Sobre o património rural: contributos para a clarificação de um conceito. *Revista Cidades: Comunidades e Territórios*, 8, 35-52.

Amaro, D. (2010). *Recuperação de Pombais Tradicionais*. Porto: Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte.

Amirkhani, A., Baghaie, P., Taghvaei, A. A., Pourjafar, M. R., & Ansari, M. (2009). Isfahan's Dovecotes: remarkable edifices of iranian vernacular architecture. *METU: Journal of the Faculty of Architecture*, 1-26.

Amirkhani, A., Okhovat, H. & Zamani, E. (2010). Ancient pigeon houses: Remarkable example of the Asian culture crystallized in the architecture of Iran and central Anatolia. *Asian Culture and History*, 2(2), 45. Recuperado de <https://books.google.pt/books?id=Lo2IBAAQBAJ&pg=PA58&lpg=PA58&dq>

Andrade, J. (1997). *Contribuição para a caracterização e zonagem da indicação de proveniência regulamentada do planalto mirandês*. Bragança: Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Bragança.

Associação dos Arquitetos Portugueses (1980). *Arquitectura popular em Portugal*. Lisboa: Edição da Associação dos Arquitectos Portugueses.

Associação dos Arquitetos Portugueses (1980). *Inquérito à Arquitectura popular*. Lisboa: Edição da Associação dos Arquitectos Portugueses.

Associação Transumância e Natureza (2008). *Pombais Tradicionais no Vale do Rio Côa*. Figueira de Castelo Rodrigo: Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo.

Barbosa, J. C. (2000). Pombais tradicionais do Nordeste Transmontano: caracterização e contributos para a sua divulgação, valorização e revitalização. Comunicação apresentada no X Congresso de Zootecnia, APEZ-Associação Portuguesa de Engenheiros Zootécnicos, Vila Real.

Barbosa, J. C. (2001). Valorização e aproveitamento das construções rurais tradicionais em Trás-os-Montes, como elementos do meio rural e da atividade agrária. Comunicação apresentada no I Congresso de Estudos Rurais - "Mundo" Rural e Património, 2001, 1-14. Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais, Lisboa.

Barbosa, J. C. (2006). Valorização e aproveitamento dos pombais tradicionais em Trás-os-Montes. Situação actual, problemas e perspectivas de futuro. Comunicação apresentada no II Seminário Palombar: a multifuncionalidade dos pombais tradicionais no Nordeste Transmontano. Recuperado de <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/5466/1/Res%20Valor%20Aprov%20Pomb%20ConfVim.pdf>

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Borracho no Prato (2005, Dezembro, 13). *Jornal Nordeste*. Recuperado de <http://www.jornalnordeste.com/noticia/borracho-no-prato>

Câmara Municipal de Vimioso (2011). *Estudos de caracterização: revisão do PDM do concelho de Vimioso*. Recuperado de http://www.cm-vimioso.pt/uploads/document/file/1125/Estudos_de_carateriza__o.pdf

Câmara Municipal de Vimioso (n.d.). *Freguesias*. Recuperado de <http://www.cm-vimioso.pt/pages/97>

Carta de Atenas: conclusões da Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos (1931). Recuperado de <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf>

Carta de Veneza 1964: Carta internacional sobre a conservação e o restauro de monumentos e sítios (1999). *Cadernos de Sociomuseologia*, 15, 105-110. Recuperado de <http://www.fmnf.pt/Upload/Cms/Archive/CartadeVeneza1964.pdf>

Carvalho, P. (2011). Património e desenvolvimento em ambiente rural: lugares, rotas e redes. *Cadernos de Geografia*, (30), 3-16.

Conselho da Europa (1989). *Recomendação nº R (89), 6 sobre a proteção e valorização do património arquitetónico rural*. Alemanha: Estrasburgo.

Cooke, A. O. (1920). *A book of dovecotes*. TN Foulis. Recuperado de <http://www.pigeoncote.com/>

Costa, D. C. D. (2012). *Caracterização de variedades minoritárias de vitis vinifera L. da região de Trás-os-Montes e contribuição para o estudo do seu potencial enológico (Tese de doutoramento, Escola*

Superior Agrária, Instituto Politécnico de Bragança, Bragança). Recuperado de <https://bibliotecadigital.ipb.pt/>

Crasset, M. (2004). *The Pigeon Loft, Capsule*. Paris: Artconnexion Pyramyde.

Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural [DGADR] (2009). Lisboa: *Guia Observação do Património Rural*.

EDP (2015). *Plano ambiental do Sabor abrange área equivalente a 20.000 campos futebol*. Lisboa. Recuperado de <http://www.a-nossa-energia.edp.pt/noticias/artigo.php?id=149>

Fernandes, E., & Monteiro, A. (2004). Os pombais do Nordeste Transmontano: sentinelas da paisagem. *Pessoas e Lugares, Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+*, 16, 2ª sér., 6-7.

Flores, C. (1973). *Arquitectura popular española* (Vol. 3). Madrid: Aguilar.

Fragoso, A. (2000, Novembro, 29). Rota turística pelos pombais. *Jornal o Público*. Recuperado de <http://www.publico.pt/ciencias/jornal/rota-turistica-pelos-pombais-151874>

Fundación Gala–Salvador Dalí (n.d.). *Casa museu Salvador Dalí Port Lligat*. Plànol Guia.

FYP & JGJ (2014). *Antiga escola em Vimioso transformada em centro interpretativo de pombais tradicionais*. Recuperado de <http://portocanal.sapo.pt/noticia/32115/>

García, J. E. Y. (1997). *Palomares tradicionales en tierras de Zamora*. Zamora: Diputación de Zamora.

García, L. C., & Pardo, J. M. F. (2007), *Revalorización de las construcciones rurales tradicionales mediante su reutilización: caso 217*

particular: los palomares en el suroeste de Soria. In *Arquitectura vernácula en el mundo ibérico: actas del congreso internacional sobre arquitectura vernácula* (pp. 382-386). Universidad Pablo de Olavide, Sevilla.

Gaspar, P. (2008). *Funções tradicionais: pombais tradicionais no Vale do Rio Côa*. Associação Transumância e Natureza. Figueira de Castelo Rodrigo: Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo.

Gil, A. C. (1995). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

Gissen, D. (2009). *Subnature: Architecture's Other Environments*. New York: Princeton Architectural Press.

Gomes, M. E. P., Alencão, A. M. P., & Sousa, M. (2012). *A Geologia na Rota do vinho e da vinha das Aribas do Douro Internacional Norte. Comunicação apresentada no Seminário, 2012. Associação Portuguesa de Geólogos, Lisboa*.

González Pérez, C. (1982). Os pombais galegos. *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 32-98, 479-506.

International Council of Monuments and Sites [ICOMOS] (1999). *Carta Sobre o Património Construído Vernáculo*. Recuperado de <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/cartasobrepatrimoniovernaculo1999.pdf>

Lei n.º 13/85 de 6 de julho: património cultural português (1999). *Cadernos de Sociomuseologia*, 15, 271-303. Recuperado de http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/3775/Lei%2013_85.pdf?sequence=1

Decreto Lei nº 107/2001 de 8 de setembro. *Diário da República* nº 209/01-I-SérieA. Recuperado de www.culturacores.azores.gov.pt/ficheiros /legislação/20121031 207.pdf

Llanes, J. E. (n.d.). *Palomares: arquitectura, turismo y gastronomía: folheto informativo*. ADRI Palomares e CoraNe.

Limão, J. (2004). Terra Fria Transmontana: recuperação do património e valorização da paisagem rural. *Pessoas e Lugares, Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+*, 16, 2ª sér., 9.

Ribeiro, J. A. (1999). Paisagem agrária do Núcleo Rural do Planalto Mirandês. In J. Azevedo (Ed.), *Centro Rural do Planalto Mirandês*. Bragança: CoraNe-Associação para o Desenvolvimento dos Concelhos da Raia Nordeste.

Macedo, D. F., & Sousa, P. G. (2009). *O lugar da arte no desenho de Oscar Niemeyer*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Machado, J. L. P (1981). *Habitação Rural: sugestões para a renovação ou construção: métodos construtivos e elementos tradicionais*. Lisboa: Instituto Fontes Pereira de Melo.

Marques, D. M. S. (2014). *A casa rural do Planalto Mirandês em meados do século XX: espaços de confeção dos alimentos, utensilagem e práticas alimentares* (Dissertação de mestrado). Recuperado de <https://repositorio-aberto.up.pt>

Martin, F. B., & Gonzalez, J. L. H. (1998). *La arquitectura tradicional de Castilla y León*. Valladolid: Junta de Castilla y León, Consejería de Medio Ambiente y Ordenación del Territorio.

Martinho, M. M. R. (2009). *Variabilidade climática e a produtividade vitivinícola de Trás-os-Montes* (Dissertação de mestrado). Recuperado de <https://repositorio.utad.pt>

Martins, C. I. M. (2012). *Turismo rural e desenvolvimento sustentável: o papel da arquitectura vernacular* (Dissertação de mestrado). Recuperado de <https://ubibliorum.ubi.pt>

Mendes, M. (2014). Os pombais do Vale do Côa: conhecer para valorizar. *Côavisão: Economia, Ciência e Cultura*, 16, 111-121. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

Monteiro, A. A. (1999). Fauna do Planalto Mirandês. In J. Azevedo (Ed.), *Centro rural do planalto mirandês*. Bragança: CoraNe-Associação para o Desenvolvimento dos Concelhos da Raia Nordestina.

Moreira, C. (2006). O entendimento do Património no contexto local, *Revista Oppidum*, (1), 127-140.

Município de Figueira Castelo Rodrigo (2009). *Câmara incentiva recuperação de pombais tradicionais*. Recuperado de <http://cm-fcr.pt/noticias/camara-incentiva-recuperacao-de-pombais-tradicionais/>

Nobre, J. A. (2004). *Cabanhas, casulhos e palombares na Terra de Miranda*. Mogadouro: Instituto da Conservação da Natureza, Parque Natural do Douro Internacional.

Noro, S. (2008). *Aspectos arquitectónicos: pombais tradicionais no Vale do Rio Côa*. Associação Transumância e Natureza. Figueira de Castelo Rodrigo: Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo.

Nóvoa, T., & Martins, N. (2015a). *Arquitetura vernacular do Nordeste: da sua conservação à dinamização de um território*. Comunicação apresentada no Seminário Contributos da arquitetura vernácula

portuguesa para a sustentabilidade do ambiente construído, Universidade do Minho, Braga, 109-116.

Nóvoa, T., & Martins, N. (2015b). *Os pombais tradicionais: arquitetura vernacular, ecologia e conservação: arquitetura tradicional no Mediterrâneo Ocidental*. Comunicação apresentada no I Congresso Internacional, Mértola, 104-107.

Oliveira, E. V. D., & Galhano, F. (1992). *Arquitectura tradicional portuguesa: Portugal de Perto*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

Omar, A. S., El-Rahim, A., Abdel-Aziz, Y. A. A., Sammour, H. B., & Aggour, M. G. (2014). A field study on pigeon production systems in the rural sector of el-sharkia governorate, Egypt. *Egyptian Poultry Science Journal*, 34(4).

Orazi, R. (1988). The Dovecotes of Tinos. *Environmental Design: Journal of the Islamic Environmental Design Research Centre*, 1-2, 52-63. Rome: Carucci Editore.

Pradillos, R. J. (2004). *Conservación y restauración de un palomar: Palomares en el sur de Aragón: las tierras del Jiloca*. Calamocha: Centro de Estudios del Jiloca.

Palladio, A. (1979). *I quattro libri dell'architettura*. Georg Olms Verlag. Milan: Editio princeps.

Patalão, A. M. S. (2011). *Património geológico dos concelhos de Miranda do Douro e de Mogadouro: caracterização, inventariação e propostas para a sua valorização* (Dissertação de Mestrado). Recuperado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt>

Pessoas-Animais-Natureza (2015). *Recomendação*. Lisboa: "Pombal Contraceptivo".

Pires, D. R. (1998). *40-Desenvolvimento agrário na Terra Fria: condicionantes e perspectivas*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.

Peters, P. (1977). *Reutilización de edificios: renovación y nuevas funciones*. Barcelona: Gustavo Gili.

Rapoport, A. (1972). *Vivienda y cultura*. Barcelona: Gustavo Gili.

Reis, M. (1999). Cidadania e património: notas de uma pesquisa sociológica. *Sociologia: problemas e práticas*, 29, 77-94.

Ribeiro, O. (1991). *Opúsculos Geográficos, IV: o mundo rural*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Rudofsky, B. (1964). *Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture*. New York: Doubleday & Company, Inc, Garden City.

Saint-Georges, P. D. (1997). Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios económico, social e político. In L. Albarello, F. Digneffe, J. Hiernaux, C. Maroy, D. Ruquoy & P. Saint-Georges, *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (pp. 15-47). Lisboa: Gradiva.

Sanches, M. D. J. (1989). Breve síntese do povoamento pré-histórico no planalto mirandês. *História: Revista da Faculdade de Letras*, 6, 445-453.

Sanches, M. D. J. (2013). Alguns apontamentos sobre o estudo da pré-história recente no planalto mirandês. *História: Revista da Faculdade de Letras*, 3, 2ª sér., 257-276.

Silva, E. P. (1997). *Património e identidade: os desafios do turismo cultural*. Lisboa: Universidade técnica de Lisboa.

Silva, M. S. (2004). *Palomares en el sur de Aragón: las tierras del Jiloca*. Calamocha: Centro de Estudios del Jiloca.

Teixeira, M. C. (2013). *Arquitecturas do Granito: arquitetura popular*. Arcos de Valdevez: Município de Arcos de Valdevez.

Tomás, P. M. D. C. (2008). Património cultural e estratégias de desenvolvimento em Portugal: balanço e novas perspectivas. In *Diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008: actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica*. Universidad de Barcelona. Recuperado de <http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/289.htm>

Viollet-le-Duc, E. E. (1854). *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle*, 1. Paris: Édition Bance.

Viñuales, G. M. (2007). Arquitectura vernácula en Iberoamérica: historia y persistencias. In *Arquitectura vernácula en el mundo ibérico: actas del congreso internacional sobre arquitectura vernácula* (pp. 15-24). Universidad Pablo de Olavide, Sevilla.

Yin, R. (1994). *Case study research: Design and methods*. Beverly Hills: Sage Publications, Thousand Oak.

1_Introdução

Capa 1	Porta de pombal em madeira	15
Créditos: Do autor		

Parte 2_Enquadramento Teórico

Capa 2	Ninhos no interior de um pombal	33
Créditos: Do autor		

Fig. 01	Pombal Egípcio	47
Créditos: Disponível em http://filaha.org/introduction.html JK-25-03-2011		

Fig. 02	Pombal Iraniano	47
Créditos: Disponível em http://mumbai.icro.ir/index.aspx?fkeyid=&siteid=169&pageid=37773		

Fig. 03	Pombal Grego	51
Créditos: Disponível em http://www.foxysislandwalks.com/Andros-Places.html		

Fig. 04	Pombal Inglês	51
Créditos: David Ross. Disponível em http://www.britainexpress.com/uk-picture-of-the-day-image.htm?photo=1785		

Fig. 05	Pombal em Villarrín de Campos, Zamora (Espanha)	53
Créditos: Disponível em http://www.meta2020arquitectos.com/construccion-con-tierra/		

Fig. 06	Pombal em Uva, Vimioso (Portugal)	53
Créditos: Do autor		

Fig. 07	Pombal mandado construir por Salvador Dalí, em Port Lligat	57
Créditos: Disponível em http://www.conmishijos.com/planes/museos/casa-museo-salvador-dali-de-portlligat-en-cadaques-girona/		

Fig. 08	O <i>Pombal</i> , desenhado pelo arquiteto Óscar Niemeyer	57
Créditos: Disponível em http://www.cidadebrasil.com.br/turismo/interest.php?interest=17		

Fig. 18	Precipitação, insolação anual e temperatura média do ar anual	80
Créditos: Do autor. Baseada em Instituto Geográfico Português, 2005		
Fig. 19	Coberto arbóreo e povoamento florestal no concelho de Vimioso	81
Créditos: Disponível em Câmara Municipal de Vimioso, 2011		
Fig. 20	Águia-Real (<i>Aquila Chrysaetos</i>)	82
Créditos: José Frade. Disponível em https://www.flickr.com		
Fig. 21	Milhefre-Real	82
Créditos: Victor Maia. Disponível em https://www.flickr.com		
Parte 4_Estudo de Caso		
Capa 4	Vista panorâmica de um agregado de pombais	95
Créditos: Do autor		
Fig. 22	Mapa da aldeia com identificação dos pombais	98
Créditos: Do autor.		
Parte 5_Análise		
Capa 5	Cobertura de Pombal	163
Créditos: Do autor		
Fig. 23	Gráfico resumo com indicação das cotas altimétricas	166
Créditos: Do autor		
Fig. 24	Mapa da aldeia com indicação das cotas altimétricas	167
Créditos: Do autor.		
Fig. 25	Gráfico resumo com indicação dos resultados dos declives	168
Créditos: Do autor		

Fig. 26	Vista lateral de um pombal	168
	Créditos: Do autor	
Fig. 27	Esquema tipo das alturas	168
	Créditos: Do autor	
Fig. 28	Mapa da aldeia com indicação dos declives	169
	Créditos: Do autor.	
Fig. 29	Gráfico resumo com indicação dos resultados da orientação solar	170
	Créditos: Do autor	
Fig. 30	Mapa da aldeia com indicação da orientação solar dos pombais	171
	Créditos: Do autor.	
Fig. 31	Gráfico resumo com indicação dos resultados da ocupação do solo	172
	Créditos: Do autor	
Fig. 32	Pombal implantado em solo agrícola	172
	Créditos: Do autor	
Fig. 33	Pavimento de pombal implantado sobre rocha	172
	Créditos: Do autor	
Fig. 34	Mapa da aldeia com indicação da ocupação dos solos	173
	Créditos: Do autor.	
Fig. 35	Gráfico resumo com indicação dos resultados das tipologias	174
	Créditos: Do autor	
Fig. 36	Mapa da aldeia com indicação das tipologias	175
	Créditos: Do autor	
Fig. 37	Gráfico resumo das volumetrias em pombais de planta circular	176
	Créditos: Do autor	

Fig. 38	Gráfico resumo das volumetrias em pombais de planta em ferradura	177
Créditos: Do autor		
Fig. 39	Tabela de análise de dimensões e volumetrias	178
Créditos: Do autor		
Fig. 40	Tabela de análise de materiais	180
Créditos: Do autor		
Fig. 41	Parede interior de um pombal	181
Créditos: Do autor		
Fig. 42	Porta de acesso	182
Créditos: Do autor		
Fig. 43	Pináculo	182
Créditos: Do autor		
Fig. 44	Cobertura (exterior)	183
Créditos: Do autor		
Fig. 45	Revestimento exterior	183
Créditos: Do autor		
Fig. 46	Cobertura (interior)	184
Créditos: Do autor		
Fig. 47	Porta de acesso	184
Créditos: Do autor		
Fig. 48	Corte de Parede	186
Créditos: Do autor		
Fig. 49	Alçado de parede exterior	186
Créditos: Do autor		
Fig. 50	Reboco (pombal recuperado)	186
Créditos: Do autor		
Fig. 51	Reboco (pombal por recuperar)	186
Créditos: Do autor		
Fig. 52	Pormenor da cobertura	187
Créditos: Do autor		

Fig. 53	Cobertura (interior)	187
Créditos: Do autor		
Fig. 54	Planta da porta	188
Créditos: Do autor		
Fig. 55	Alçado da Porta	188
Créditos: Do autor		
Fig. 56	Corte de corta-vento	189
Créditos: Do autor		
Fig. 57	Estrutura anti predadores	189
Créditos: Do autor		
Fig. 58	Esquiço do corta-vento	189
Créditos: Do autor		
Fig. 59	Corta-vento	189
Créditos: Do autor		
Fig. 60	Pináculo de granito	190
Créditos: Do autor		
Fig. 61	Pináculo de tijolo maciço	190
Créditos: Do autor		
Fig. 62	Mesa de alimento atual	191
Créditos: Do autor		
Fig. 63	Mesa de alimento antiga	191
Créditos: Do autor		
Fig. 64	Ninhos	191
Créditos: Do autor		
Fig. 65	Gráfico resumo com indicação dos resultados das intervenções realizadas	192
Créditos: Do autor		
Fig. 66	Mapa da aldeia com indicação das intervenções realizadas	193
Créditos: Do autor		

Fig. 67	Gráfico resumo com indicação dos resultados dos usos atuais	194
Créditos: Do autor		
Fig. 68	Pombal pedagógico	194
Créditos: Do autor		
Fig. 69	Pombal convertido em galinheiro	194
Créditos: Do autor		
Fig. 70	Mapa da aldeia com indicação do uso atual dos pombais	195
Créditos: Do autor		
Fig. 71	Desmatção e limpeza do local	197
Créditos: Palombar		
Fig. 72	Remoção do revestimento exterior	197
Créditos: Palombar		
Fig. 73	Reparação de paredes exteriores	198
Créditos: Palombar		
Fig. 74	Colocação de revestimento exterior	198
Créditos: Palombar		
Fig. 75	Recuperação de cobertura em madeira	198
Créditos: Palombar		
Fig. 76	Limpeza e recuperação de telha cerâmica	198
Créditos: Palombar		
Fig. 77	Porta por recuperar	199
Créditos: Do autor		
Fig. 78	Porta recuperada	199
Créditos: Do autor		
Fig. 79	Recuperação de estruturas anti predadores e corta-vento	199
Créditos: Palombar		
Fig. 80	Pintura de corta-vento	199
Créditos: Palombar		

Fig. 81	Pináculo em pedra de quartzo	200
Créditos: Do autor		
Fig. 82	Recuperação de saída de voo	200
Créditos: Palombar		
Fig. 83	Pombal antes da intervenção	201
Créditos: Palombar		
Fig. 84	Pombal após intervenção	201
Créditos: Palombar		
Parte 6_Considerações Finais		
Capa 6	Pombal em ruínas	203
Créditos: Do autor		